



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

GRACINÉIA RODRIGUES LIMA

NISE DA SILVEIRA E A REBELDIA QUE TRANSFORMA

**DELMIRO GOUVEIA
2017**

GRACINÉIA RODRIGUES LIMA

NISE DA SILVEIRA E A REBELDIA QUE TRANSFORMA

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão como requisito para obtenção do título de graduado/a em História sob a orientação da Professora Dra. Ana Cristina Conceição Santos.

DELMIRO GOUVEIA
2017

GRACINÉIA RODRIGUES LIMA

NISE DA SILVEIRA E A REBELDIA QUE TRANSFORMA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas, Campus de Delmiro Gouveia, em 2017, para obtenção do título de Monografia em História sob a orientação da Professora Dra. Ana Cristina Conceição Santos.

L732n Lima, Gracinéia Rodrigues

Nise da Silveira e a rebeldia que transforma / Gracinéia Rodrigues Lima. - 2017.
125f.: il.

Monografia (História) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Conceição Santos.

1. Nise da Silveira. 2. Terapêutica Ocupacional.

CDU 36

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Campus Sertão/
UFAL – Delmiro Gouveia

Biblioteca:
Nise da:
Ac.6372
Doação
RS 0.00




SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

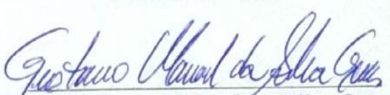


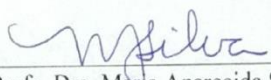
TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “NISE DA SILVEIRA E A REBELDIA QUE TRANSFORMA”, elaborado por Gracinéia Rodrigues Lima foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora com nota 8,5 (oito e meio), cumprindo as exigências para obtenção do título de Licenciada em História.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dra. Ana Cristina Conceição Santos
Universidade Federal de Alagoas
Campus do Sertão


Prof. Me. Gustavo Manoel da Silva Gomes
Universidade Federal de Alagoas
Campus do Sertão


Prof. Dra. Maria Aparecida Silva
Universidade Federal de Alagoas
Campus do Sertão

Dedico este trabalho ao meu querido e amado primo **Emanuel Lima** (*In Memoriam*), o qual fez parte desta Universidade e não teve tempo suficiente para concluir seu curso. Mas usou todo tempo em vida para dar muito amor, alegria, carinho e atenção aos pais, irmãos, noiva, familiares, amigos e fãs. “Deus no Comando Sempre.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu a oportunidade de viver e de realizar diversos sonhos, entre eles, a formação em História. Obrigada meu amado Deus por tanto amor.

Agradecer aos meus pais que são à base da minha existência e o motivo das minhas conquistas, obrigada por todo amor, paciência, dedicação e atenção dada. Amo vocês.

À minha irmã Márcia e meus sobrinhos Mário e Marlon, por fazerem parte da minha vida, complementando o sentido grandioso de Família. E a todos os meus: avós, tios e tias, primos e primas, que torcem pela minha felicidade e pelas minhas conquistas, me dando forças e incentivo, muito obrigada.

À minha amiga Dárida Teixeira, pois me ensinou o sentido de amizade verdadeira e de ter uma irmã de coração, partilhando comigo diversos momentos ao longo desses longos anos de estudos, fossem momentos tristes ou felizes. Ganhei sua amizade no curso de História e levarei pelo resto da vida.

À minha querida professora e amiga Dr^a. Vanuza Souza Silva, pois foi através dela que tive o primeiro contato com Nise da Silveira. Além de ter aprendido muito sobre História e sobre a Vida. Têm um lugar muito especial em meu coração. Jamais lhe esquecerei.

À minha professora e orientadora Ana Cristina Santos, pela grande e importante contribuição nesse processo de construção do conhecimento. Uma mulher inteligente e simples, pela qual tenho grande apreço e carinho. Muito obrigada.

Ao querido Eurípedes Gomes da Cruz Júnior, o qual me passou importantes informações sobre Nise da Silveira, além de me presentear com o livro “Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde”, o qual foi de grande contribuição para este TCC.

Agradecer aos meus colegas de turma e de universidade pelo conhecimento dividido e pelos diversos momentos compartilhados. Em especial à Maira Michele, José Carlos Rodrigues, Mércia Alves, comadre Andréa Pereira e Mayara Feitoza, que além de colegas se tornaram amigos para a vida toda.

Agradecer a todos os meus professores do curso de História da UFAL, com quem aprendi muito, contribuíram significativamente para todo conhecimento adquirido e para a minha formação em História.

Agradecer aos meus amigos da vida, pela força, carinho, ajuda e incentivo dados a mim sempre. Muito obrigada Silvaneide Silva, Renilda Maria, Daiane Chaves, Manoel Matias, Andreza Monteiro, Daniela Teixeira, Nélia Jeane, Fábio Pereira, Victorino Alexandre, Izabel Siqueira, compadre Rafael Siqueira, entre outros que sempre me apoiaram.

Agradecer à UFAL e a todos os servidores.

Enfim, a todos vocês o meu muito obrigada!!!

"É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade..."

"O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito."

Nise da Silveira

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso contempla parte de minhas pesquisas na Graduação e do projeto de pesquisa intitulado *ser/tão alagoana; Histórias, memórias e esquecimentos*. Com esta pesquisa pretendo analisar e compreender de que forma a psiquiatra Nise da Silveira transformou e revolucionou a terapêutica ocupacional. Com o título “Nise da Silveira e a Rebeldia que Transforma” tenho como objetivo reconhecer a importância das ações de rebeldia de Nise da Silveira enquanto mulher, nordestina, psiquiatra e revolucionária mediante seu trabalho na terapêutica ocupacional. Nise da Silveira é a construção de uma subjetividade feminina que no início do século XX rompeu com os parâmetros sociais, políticos, culturais, profissionais e de gênero, pois diante de todos os desafios que enfrentou, é uma das muitas mulheres que durante o século XX teceu lutas contra o machismo, a exclusão social de indivíduos marginalizados e o poder político ditatorial. Leitora de Carl Gustav Jung, Blanchot e Artaud, entre outros autores, Nise da Silveira também rompe com valores e códigos presentes na medicina psiquiátrica ao questionar os métodos tradicionais de tratamento da esquizofrenia e a propositura de terapias ocupacionais, através, sobretudo, da arte. Nise rompe não apenas com alguns parâmetros tradicionais da política e psiquiatria, mas também do próprio lugar da mulher definida ao longo dos séculos como submissa, inferior e vinculada apenas ao lar e maternidade. Através de relatos prestados por Nise da Silveira em entrevistas para seus colaboradores e das obras produzidas que biografam a mesma pretendo a partir da análise de discurso contextualizar a construção da sua subjetividade feminina, discutir as questões de gênero que atravessam sua trajetória de vida, ao mesmo tempo, através do seu trabalho como psiquiatra pensar como foi possível a emergência de suas renovações na psiquiatria e na terapêutica ocupacional.

Palavras-chave: Nise da Silveira; História; Gênero; Biografia; Terapêutica Ocupacional.

ABSTRACT

This Work Completion of course includes part of my research in undergraduate and research project entitled *be / so Alagoas; Stories, memories and forgetfulness*. With this research I analyze and understand how the Nise da Silveira psychiatrist transformed and revolutionized occupational therapy. Titled "Nise da Silveira and the Rebellion that Transforms" I aim to recognize the importance of rebellious actions of Nise da Silveira as a woman, Northeastern, psychiatrist and revolutionary by his work in occupational therapy. Nise da Silveira is the construction of a female subjectivity in the early twentieth century broke with the social parameters, political, cultural, professional and gender, because before all the challenges he faced, is one of many women during the twentieth century weaved struggles against sexism, social exclusion of marginalized individuals and dictatorial political power. Reader Carl Gustav Jung, Blanchot and Artaud, among others, Nise da Silveira also breaks with values and codes present in psychiatric medicine to question traditional methods of treating schizophrenia and the bringing of occupational therapy through, especially art. Nise breaks not only with some traditional parameters of politics and psychiatry, but also the proper place of women defined over the centuries as a submissive, bottom and linked only to the home and motherhood. Through reports provided by Nise da Silveira interviews for its employees and works produced that biografam the same want from the discourse analysis contextualize the construction of its female subjectivity, discuss gender issues that cross its path of life, the same time, through his work as a psychiatrist think the emergence of renewals in psychiatry and occupational therapy was possible.

Keywords.: Nise da Silveira; History; Genre; Biography; Occupational therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| IMAGEM – 01- Nise aos 12 anos de idade..... | 20 |
| IMAGEM – 02 – Maria Lídia da Silveira..... | 21 |
| IMAGEM – 03 – Faustino M. da Silveira..... | 21 |
| IMAGEM – 04 – Primeira Comunhão de Nise, aos 10 anos de idade, no Colégio Santíssimo Sacramento (Nise é a quarta da esquerda para a direita, na primeira fila)..... | 24 |
| IMAGEM – 05 – Nise aos 16 anos de idade..... | 25 |
| IMAGEM – 06 – Grupo de alunos e professores durante uma aula de anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia. À esquerda de Nise, seu colega, o futuro etnólogo e antropólogo Arthur Ramos..... | 28 |
| IMAGEM – 07 – Mário e Nise..... | 30 |
| IMAGEM – 08 – Formandos..... | 34 |
| IMAGEM – 09 – Nise na varanda do seu quarto..... | 36 |
| IMAGEM 10 – Hospital da Praia Vermelha..... | 42 |
| IMAGEM – 11 – Pátio interno do Hospital da Praia Vermelha..... | 42 |
| IMAGEM 12 - Prontuário do DOPS, aberto no dia 20 de fevereiro de 1936..... | 48 |
| IMAGEM 13 – Jornal da época falando sobre a prisão de Nise..... | 52 |
| IMAGEM 14 – Entrada do Presídio Lemos de Brito, na Rua Frei Caneca, em 1934..... | 53 |
| IMAGEM 15 – Vista interna da Casa de Detenção na Rua Frei Caneca..... | 55 |
| IMAGEM 16 – Registro Geral tirado em Sergipe no período da clandestinidade, constando a data de nascimento de acordo com a mudança feita para antecipar a idade de Nise e ela ingressa na faculdade de Medicina. Já que a real data de nascimento de Nise é 15 de fevereiro de 1905..... | 61 |
| IMAGEM 17 – Nise aos 83 anos com as amigas que conheceu na época da prisão: Maria Werneck, 79 anos, de pé, e Beatriz Bandeira Ryff, 78, em 1988..... | 62 |
| IMAGEM 18 – Nise em Manaus..... | 63 |
| IMAGEM 19 – Nise ao centro, com a equipe de monitores, década de 1940..... | 70 |
| IMAGEM 20 – Oficina de sapataria..... | 71 |
| IMAGEM 21 – Oficina de costura..... | 71 |
| IMAGEM 22 – Festa Junina..... | 72 |
| IMAGEM 23 – Esporte..... | 72 |

| | |
|---|-----|
| IMAGEM 24 – Rafael, que permanecia sempre afastado de todos, abraça afetuosamente o cão Cacareco, seu amigo constante..... | 78 |
| IMAGEM 25 – Jornal Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 28/01/1960..... | 80 |
| IMAGEM 26 – Carlos e Sertanejo..... | 81 |
| IMAGEM 27 – Nise e Caralâmpia..... | 81 |
| IMAGEM 28 – O ateliê de pintura e os seus frequentadores..... | 84 |
| IMAGEM 29 – Corredor do Museu de Imagens do Inconsciente de 1956 a 1981..... | 87 |
| IMAGEM 30 – Inauguração das novas instalações do museu, em 1956..... | 90 |
| IMAGEM 31 – Nise, funcionários e clientes, nos primeiros anos da Casa das Palmeiras..... | 93 |
| IMAGEM 32 – Nise em sua residência, década de 1980..... | 98 |
| IMAGEM 33 – Nise em sua biblioteca, década de 1990..... | 102 |
| IMAGEM 34 – Selo comemorativo do Centenário de nascimento de Nise da Silveira..... | 102 |
| IMAGEM 35- Mandala de Carlos Pertuis, 1958..... | 104 |
| IMAGEM 36 – Mandala Fernando Diniz, 1953..... | 104 |
| IMAGEM 37 – Exposição aberta por C. G. Jung na manhã de 2 de setembro de 1957..... | 109 |
| IMAGEM 38 – Rubens Corrêa e Nise, em sua residência no Rio de Janeiro..... | 115 |
| IMAGEM 39 – No primeiro plano, Fernando; à direita, Leon e Saldanha; ao fundo, Adelina, durante as filmagens no jardim do hospital..... | 116 |
| IMAGEM 40 – Nise em sua residência, sede do Grupo de Estudos C. G. Jung em 1975..... | 119 |
| IMAGEM 41 – Nise na sala do Grupo de Estudos do Museu, 1979..... | 119 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

(CPPII) – Centro Psiquiátrico Pedro II

(DOPS) – Delegacia de Ordem Política e Social

(MII) – Museu de Imagens do Inconsciente

(PCB) – Partido Comunista Brasileiro

(UFB) União Feminina Brasileira

(URSS) União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Sumário

| | |
|---|-----|
| 1 - INTRODUÇÃO:..... | 14 |
| 2 - CAMINHOS DA ALAGOANA NISE DA SILVEIRA | 19 |
| 2.1 – Infância E Adolescência de Nise em Maceió..... | 19 |
| 2.2 – Faculdade de Medicina da Bahia | 26 |
| 2.3 – A Chegada de Nise ao Rio De Janeiro | 35 |
| 2.3.1 – A estadia de Nise no hospício da Praia Vermelha..... | 40 |
| 3. PRISÃO E LIBERDADE NA DITADURA VARGAS..... | 43 |
| 3.1. Nise da Silveira e a Experiência da Prisão | 44 |
| 3.1.1 – O Presídio Lemos de Brito e a sala 4 | 49 |
| 3.2. A Amizade de Nise com Graciliano Ramos..... | 55 |
| 3.3. Liberdade e Clandestinidade | 58 |
| 4. A REBELDIA QUE TRANSFORMA..... | 64 |
| 4.1. A Reintegração de Nise ao Serviço Público..... | 64 |
| 4.2. A Seção de Terapêutica Ocupacional..... | 69 |
| 4.2.1 – Os animais e a coterapia..... | 76 |
| 4.2.2 – Os camafeus | 82 |
| 4.2.8 – Ateliê de Pintura..... | 83 |
| 4.3 – O Museu de Imagem do Inconsciente e a Casa das Palmeiras..... | 87 |
| 4.4 – A Terceira Idade e a Aposentadoria Compulsória | 97 |
| 5. NISE DA SILVEIRA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO | 103 |
| 5.1 – Entre Cartas e Encontros: A Relação com Carl Gustav Jung..... | 103 |
| 5.2 – Terminologias Adotadas por Nise..... | 109 |
| 5.3 – Entre Colaboradores e Mestres: a Busca pelo Conhecimento..... | 112 |
| 5.4 – Os Grupos de Estudos | 116 |
| 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS | 120 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 123 |

1 - INTRODUÇÃO:

Este trabalho intitulado “Nise da Silveira e a rebeldia que transforma” surgiu com a perspectiva de conhecer e compreender a trajetória de vida e trabalho da alagoana e psiquiatra Nise da Silveira.

Ao participar do Grupo de Pesquisas Ser/tão Alagoana, o qual tinha como objetivo promover estudos e pesquisas sobre mulheres, que em sua maioria permaneciam invisíveis na história, conheci Nise da Silveira, a qual foi apresentada a mim pela inteligente e querida professora Dr.^a Vanuza Souza Silva. Ao me deparar com o desconhecimento que possuía sobre Nise da Silveira e as transformações que promoveu durante a sua trajetória de vida, senti a necessidade e vontade de me aprofundar nos estudos em busca da compreensão sobre a rebeldia que transformou a história da terapêutica ocupacional, através da luta e persistência de uma grande psiquiatra, mulher e alagoana.

Pretendo no desenvolvimento deste trabalho evidenciar de que forma a psiquiatra Nise da Silveira transformou e revolucionou a terapêutica ocupacional. Através da análise dos acontecimentos e experiências pela qual a médica passou, contextualizando com a história da época e a histórias das mulheres. Dessa forma, tenho como objetivo reconhecer a importância das ações de rebeldia de Nise da Silveira enquanto mulher, nordestina, psiquiatra e revolucionária mediante seu trabalho na terapêutica ocupacional. Através das análises e das leituras, poderemos conhecer os caminhos percorridos por Nise da Silveira desde sua infância em Maceió até a sua ida para o Rio de Janeiro e como a sua trajetória influenciou nas ações de rebeldia e luta; identificar qual a relação que Nise teve com os movimentos comunistas antes, durante e após sua prisão na década de 30, além de contextualizar a trajetória da alagoana Nise da Silveira enquanto mulher, nordestina, psiquiatra e revolucionária, e a importância das suas ações de luta contra os tratamentos tradicionais utilizados em pessoas com esquizofrenia.

Conforme a referida temática, a mesma se trata de uma biografia, onde a linha de pesquisa é gênero, contemplando dentro da historiografia com a história social e cultura. Já que discute a história das mulheres em meio às transformações ocorridas na sociedade.

Diante da história das mulheres que buscam ganhar cada vez mais espaço dentro da historiografia nacional e internacional, assim como na sociedade que tem bases patriarcais, trazer para a discussão a rebeldia de uma mulher que se propôs durante toda sua vida lutar e vencer os desafios impostos pela sociedade, através dos espaços conquistados e da sua persistência em defender seus ideais, é imprescindível e importante para evidenciar a contribuição que as mulheres tem promovido ao longo dos tempos em todos os âmbitos da

sociedade, embora elas não tenham o seu papel de protagonista muitas vezes reconhecido. Como podemos ver a seguir que “[...] também biografias de mulheres evidenciaram as múltiplas barreiras de gênero que obstaculizaram a sua atuação, mas também as formas criativas por elas utilizadas para burlar tais impedimentos.” (SCHMIDT, p. 203). Assim como muitas mulheres que precisaram usar da inteligência para vencer as barreiras impostas pelo machismo, Nise também usou da sabedoria e inteligência para combater toda e qualquer ação que tentasse lhe impedir de ocupar determinados espaços considerados “masculinos”, permanecendo e conquistando o seu devido reconhecimento e respeito enquanto mulher e profissional.

Por muito tempo os trabalhos biográficos permaneceram ausentes dentro do contexto de pesquisas históricas, embora fosse desqualificado por muitos, o mesmo tem uma grande importância para historiografia, que através da história sobre pessoas, sejam elas reconhecidas ou anônimas, é possível contextualizar o desenvolvimento pessoal e de toda uma sociedade. Como podemos ver na fala de Schmidt (2012):

No campo do conhecimento histórico especificamente, ao menos no que diz respeito a suas vertentes mais destacadas, a biografia, depois de um longo período de ostracismo, ao longo do qual foi considerado um gênero menor e antiquado, mais afeito aos amadores do que aos profissionais, e pouco capaz de possibilitar uma compreensão efetiva do passado, voltou a ocupar o primeiro plano da cena historiográfica, sendo praticada, nas mais variadas latitudes, por historiadores de destaque em diversas temáticas. (SCHMIDT, 2012, p. 187).

Como podemos observar na citação, a biografia possui na atualidade um importante papel dentro dos estudos e pesquisa historiográfica, permitindo a compreensão de transformações sociais ocorridas ao longo dos tempos, conforme cada período histórico. Não pretendo através da análise e discurso apresentar apenas uma biografia da médica Nise da Silveira, mas sim, reconhecer os caminhos percorridos pela mesma. Identificando de que maneira a sua formação enquanto ser humano, enquanto mulher e psiquiatra foram construídas ao ponto de transformá-la em uma rebelde. A rebeldia que trato neste trabalho se refere à luta em defesa dos que eram marginalizados, diante de uma sociedade repleta de regras e modelos ideais, que separavam a racionalidade da loucura, e excluía este último como sendo considerado um ser inútil. A rebeldia de Nise contestava e desaprovava os tratamentos desumanos, entre outros problemas presentes na psiquiatria tradicional e também dentro da sociedade. Ao apresentar os caminhos percorridos pela psiquiatra, irei

contextualizá-lo junto a alguns fatos e acontecimentos da época, como forma de melhor entendermos a temática trabalhada, e até mesmo, a própria atuação de Nise diante da sua rebeldia e das barreiras que a mesma teve que enfrentar até os últimos dias de sua vida, em busca de preservar o tratamento e acompanhamento digno daqueles a quem ela não chamava de loucos, mas sim de clientes.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, irei fazer em muitos momentos referência a Nise da Silveira apenas pelo seu primeiro nome, considerando o tempo dedicado e o conhecimento adquirido ao me aprofundar na sua história, adquiri um grau de intimidade com ela, pois pude dialogar com seus pensamentos, embora não tenha tido o prazer de conhecê-la pessoalmente.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi a revisão de literatura, através da leitura e análise de relatos prestados por Nise da Silveira em entrevistas, reuniões com colaboradores e grupos de estudos, além da leitura de obras biográficas feitas sobre a referida alagoana. Entre as referências bibliográficas que utilizei se encontram obras de pessoas que tiveram contato com Nise e conviveram com a mesma, como Luiz Carlos Mello, Bernardo Carneiro Horta, Walter Melo, Ferreira Gullar. Luiz Carlos Mello atualmente é Diretor do Museu de Imagens do Inconsciente no Rio de Janeiro, onde acompanha e dirige de perto a continuidade e a preservação do trabalho de Nise. O livro publicado por Mello no ano de (2014) intitulado “Nise da Silveira: Caminhos de uma psiquiatra rebelde” foi a principal referência utilizada para o estudo e análise da vida e história de Nise da Silveira, pois o mesmo reúne uma grandiosa quantidade de informações e relatos da própria médica. Para contextualizar com o discurso da história das mulheres, das diferentes épocas e lugares em que Nise viveu, assim como informações de diversos acontecimentos e personalidades que tiveram contato ou amizade com Nise, foram utilizados artigos científicos, publicações em revistas e sites, Trabalhos de Conclusão de Curso, entre outros.

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos, todos possuem grande relevância para o conhecimento e análise da construção da subjetividade feminina de Nise da Silveira, assim como para compreensão a cerca das transformações provocadas a partir da atitude de rebeldia, se sobrepondo a todas as barreiras e imposições presentes no seu caminho, lutando e defendendo sua visão sobre os seres humanos, principalmente por aqueles que viviam as margens da sociedade perante a exclusão social que ocorria com os preconceitos existentes. Como podemos ver a seguir, um breve resumo sobre o que é discutido e analisado em cada capítulo deste trabalho.

O **Capítulo 1 – Introdução** enquanto item indispensável em um Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo apresentar o trabalho de forma resumida, apontando o propósito dessa pesquisa bibliográfica, assim como a metodologia utilizada e a organização do tema em capítulos. Neste capítulo exponho a importância de realizar a pesquisa sobre a alagoana Nise da Silveira, que conseguiu conquistar seu espaço enquanto mulher, médica e nordestina, mesmo diante de tantas dificuldades impostas a ela.

O **Capítulo 2 – Caminhos da alagoana Nise da Silveira** apresenta e discute a vida de Nise desde sua infância, o estudo na Faculdade de Medicina na Bahia e a sua chegada ao Rio de Janeiro. Em meio às discussões é contextualizada a convivência de Nise em diferentes ambientes, sendo o ambiente familiar grande influenciador na sua formação enquanto mulher, que desde cedo rompe com paradigmas sociais, que limitavam a mulher aos espaços domésticos e familiares. Nise também enfrentou as barreiras do preconceito presentes na faculdade, por ser a única mulher no curso de medicina. E enfrentou as dificuldades ao se mudar para o Rio de Janeiro em busca do seu aprimoramento profissional.

O **Capítulo 3 – Prisão e Liberdade na Ditadura Vargas**, como o próprio título já diz, trata do período em que Nise foi presa sob acusação de subversão, momento esse que provocou em Nise um apreço ainda maior pela liberdade. Durante o período de reclusão, Nise teve contato com algumas personalidades, como Olga Benário e Elisa Berger, além de conhecer dentro do presídio o seu conterrâneo Graciliano Ramos. E após sua liberdade, precisou viver clandestinamente por receio de retornar para a prisão.

O **Capítulo 4 – A Rebeldia que transforma** é o mais extenso, pois no seu debate traz a rebeldia de Nise contra tratamentos psiquiátricos com os quais ela não concordava, por considera-los como métodos agressivos e desumanos. A partir da sua recusa em praticar tal psiquiatria, ela revoluciona a terapêutica ocupacional através da criação de seções com diversos tipos de atividades, onde os seus clientes tinha a liberdade de participar e se expressar, com acesso a atividades recreativas, de trabalho, culturais e expressivas. O ateliê de pintura e modelagem ganhou destaque por conta dos trabalhos desenvolvidos pelos internos, que conseguiam demonstrar através da arte o que se passava em seu mundo interno. Com o desenvolvimento desse trabalho Nise da Silveira foi conquistando novos espaços, inovando nos atendimentos aos doentes mentais, formando grupos de estudos e realizando exposições. Nise recebeu o devido reconhecimento a nível nacional e internacional, por seu tratamento diferenciado aos pacientes, com respeito, afeto e atenção, conseguindo em muitos momentos contradizer a psiquiatria tradicional e os seus conceitos, diagnósticos e tratamentos utilizados.

O **Capítulo 5 – Nise da Silveira e a Construção do Conhecimento** analisa a influência de Carl Gustav Jung e a sua psicologia analítica, usado por Nise da Silveira como referência teórica fundamental para a compreensão do mundo interno expresso pelos seus clientes através das pinturas. Assim como também, contextualizo sobre a relação de Nise com alguns dos seus colabores e mestres, que lhe auxiliaram na construção do entendimento e da prática no atendimento e acompanhamento aos esquizofrênicos.

Este trabalho é um resumo a cerca da análise da trajetória de vida e trabalho de Nise, pois o contexto em que ela se encontra é de grande amplitude, possibilitando diversas vertentes e aprofundamentos a cerca da discussão do seu trabalho e de sua formação enquanto mulher. Desse modo o considero importante para o conhecimento de todos, e para o aprofundamento no debate por aqueles que assim desejarem, pois, a história das mulheres necessita cada vez mais de pesquisadores e interlocutores, que tragam para o conhecimento de todos, as transformações sociais promovidas pela persistência e luta de grandes mulheres.

2 - CAMINHOS DA ALAGOANA NISE DA SILVEIRA

Tudo que sou cabe muito mais a eles, meus pais, do que a mim.

Nise da Silveira

Nise da Silveira, mulher, alagoana, médica, psiquiatra, rebelde, pioneira, entre outros. São muitas as palavras utilizadas para se referir a uma pessoa que escolheu o caminho da luta em prol das ideias em que ela acreditava, e se opor a toda forma de injustiça.

Busco trilhar por estes caminhos escolhidos e construídos por essa alagoana, que enquanto mulher não teve medo e nem receio de conquistar espaços nos quais era evidente a presença - em sua maioria - de homens, como o curso de medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, além de outros espaços da sociedade em que possuíam o domínio patriarcal¹ e a visão tradicional de que a mulher era preparada para o lar e para cuidar da família.

Daremos início apresentando neste capítulo não somente a trajetória de Nise da Silveira, pois se faz necessário para um melhor entendimento contextualizar com a história de Alagoas no início do Século XX, que foi o período em que Nise nasceu e morou em Maceió. É importante também entrelaçar junto ao contexto da época a mulher que, em meio a uma sociedade patriarcal, buscava se destacar e conquistar novos espaços para além das mediações do lar.

Diante disso, neste capítulo serão tratados os primeiros passos dado por Nise em sua trajetória pessoal e profissional.

2.1 – Infância E Adolescência de Nise em Maceió

Nise Magalhães da Silveira, esse é seu nome completo, nascida na Capital Maceió, no estado de Alagoas, aos 15 dias de fevereiro de 1905. Nise era filha única de Faustino Magalhães da Silveira, o qual era professor e jornalista, e de Maria Lídia da Silveira, pianista.

Nise enquanto filha única recebia todos os mimos da família, mesmo não sendo uma família rica, conforme a própria Nise relata:

¹ Segundo BARRETO (S/D), o patriarcalismo “[...] É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura [...]”. (BARRETO, S/D, p.64). Nesse sentido, podemos compreender patriarcal como um sistema social onde prevalece o domínio do homem tanto no ambiente familiar, como na organização da sociedade.

Quando criança, fiz parte do que se pode chamar de aristocracia alagoana. Minha família não era rica, mas me deu tudo o que de melhor havia. Fui filha única, muito mimada, naturalmente. Meus pais eram gente avançadíssima, os dois extremamente sensíveis. Nunca sofri qualquer tipo de repressão sempre fiz o que quis – e isso até hoje. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, pág. 47).

IMAGEM 01- Nise aos 12 anos de idade.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Conforme o relato de Nise, os pais dela era ‘gente avançadíssima’, o que explica a liberdade que a alagoana afirma ter tido desde a infância, e que provavelmente influenciou na sua formação enquanto uma mulher considerada avançada para o seu tempo.

Nise ao se referir a sua mãe, afirma que a mesma era uma pianista talentosíssima, e relata que a Senhora Lídia “Era uma pessoa tão impregnada de música que dividia os seres humanos em dois grandes grupos, a sua tipologia particular: os que cantam e os que não cantam” (SILVEIRA apud MELLO, 2014, pág. 47), no qual, com o primeiro a Senhora Lídia

se relacionava bem, e com o segundo grupo nem tão bem assim. Nise ainda tentou trilhar os caminhos da mãe, mas não seguiu carreira por considerar que ‘não era boa de ouvido’.

IMAGEM 02 – Maria Lúcia da Silveira



IMAGEM 03 – Faustino M. da Silveira



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

O pai de Nise, o Senhor Faustino Magalhães da Silveira era professor de matemática e diretor do Jornal de Alagoas, o mesmo jornal foi algum tempo depois comprado pelos Diários Associados. O Sr. Faustino também chegou a trabalhar na Gazeta de Alagoas, o qual existe até os dias atuais. Como podemos ver a seguir, Nise afirma a rivalidade política existente em Alagoas no início do século XX, entre a sua família e a família Malta².

Meu pai e meu tio Luiz fundaram um jornal para derrubar seus opositores políticos, em Alagoas. A luta entre a facção governamental, a família Malta, e o grupo Magalhães da Silveira era batalha de vida ou morte. Aquele era o tempo da ‘casa do terror’, quando meus parentes e seus inimigos andavam todos armados. Meu pai era um homem pacífico, mas entrou nessa briga para apoiar o irmão. (SILVEIRA apud HORTA, 2009, p.28).

² **Família Malta:** A partir de 1900, o governador alagoano Euclides Malta funda uma oligarquia que sobreviveu até 1912. Originário do Sertão alagoano, da cidade de Mata Grande, e com as mesmas bases políticas do governante anterior, o Barão de Traipu, seu sogro e padrinho político, usou os conhecimentos adquiridos na Faculdade de Direito de Recife para liderar os “coronéis” semianalfabetos e abrir espertamente seu governo para as outras regiões e outros setores sociais. Informações acessadas no endereço: http://reporteralagoas.com.br/noticia_politica.php?cd_secao=1276.

Em Alagoas, no período de 1910, o governo que na época era Oligárquico³ estava nas mãos da Família Malta. A família de Nise enquanto opositora política tinha o jornal como instrumento que divulgava matérias criticando a política dos então administradores. Por este motivo, várias vezes o jornal foi atacado e destruído a mando do governo, chegando até, parentes de Nise a serem assassinados por conta dessa briga política.

Segundo Horta a rebeldia de Nise vem desde o seu nascimento, quando recebeu o nome de uma personagem de Cláudio Manoel da Costa:

Pode-se dizer que a rebeldia de Nise da Silveira era inata. Ao nascer, foi batizada com o nome de uma personagem de Cláudio Manoel da Costa, poeta inconfidente, da Conjuração Mineira – movimento patriótico do século XVIII, do qual participou o alferes Joaquim Jose da Silva Xavier, Tiradentes, que tinha como objetivo libertar o Brasil do regime colonial português. Conta-se que a Nise do referido poeta realmente existiu e, assediada por ele, se rebelou e o rejeitou. Para Cláudio, era a mulher inatingível, que não se comovia com suas súplicas. (HORTA, 2009, p. 25 e 26).

O nome Nise então já vem constando de um histórico de rebeldia, não somente na Conjuração Mineira, mas também, a Nise que tratamos neste trabalho carregava em si uma forte personalidade, onde quebrou algumas regras impostas e luta em favor das pessoas que vivem as margens da sociedade. Nise afirma que os desafios vencidos durante a vida não é um mérito dela, mas sim dos seus pais, como podemos ver na fala a seguir:

Acho que este quebra-quebra de regras, que acabei promovendo na minha vida, não é mérito meu, e sim dos meus pais. Na verdade, quando eu nasci, a revolução já estava feita – lá em casa. As regras que depois eu viria a quebrar já não existiam na minha família. Por isso, tudo o que eu sou, devo muito mais ao meu pai e a minha mãe do que a mim. (SILVEIRA apud HORTA, 2009, P. 26).

Conforme a própria Nise fala, e foi citada pelo Bernardo Horta (2009), a família em si já havia revolucionado a forma de pensar e viver naquela época, diante de uma sociedade que mantinha traços tradicionalistas, que indicavam o papel da mulher em todos os meios,

3 Oligárquico: Oligarquia – Segundo o Dicionário de Conceitos Históricos “A palavra oligarquia indica, em primeiro lugar, uma forma de governo. O termo vem do grego e significa o governo de poucos. Em sua obra A República, Platão definiu a oligarquia como uma forma de governo que se opunha ao bom governo. A oligarquia, era para Platão, o governo dos ricos, ávidos por poder e dinheiro. Mas, dessa definição, a palavra foi gradativamente ganhando conotação mais social e passou a designar também um grupo, uma elite detentora do poder político e econômico. E é com esse significado que vemos o conceito ser mais empregado em nossos dias”. (SILVA, Kaline Vanderlei. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo, 2009).

principalmente no ambiente familiar e social, sendo o patriarcalismo a base familiar. A psiquiatra considera que tudo o que ela se tornou foi graças aos pais que lhe proporcionaram um ambiente mais livre de regras, regras estas que ela depois viria a quebrar diante de uma sociedade que determinava o modelo ideal e correto dos cidadãos viverem naquela época. Onde as mulheres tinham que seguir comportamentos específicos, ocupando o espaço de mãe e esposa, com sua vida voltada para as obrigações do lar, já que era essa a visão que se tinha da mulher. Além de convivência sem muitas cobranças e regras impostas, Nise vivia em um ambiente propício aos estudos, à cultura, a literatura, a arte, a música, já que a família de Nise tinha contato com artistas, músicos, professores, jornalistas e etc. Pode se dizer que Nise teve grande acesso a cultura da época, mediante a proximidade que sua família tinha com músicos, atores, poetas, além do estímulo aos estudos que recebia por parte dos pais. Seu pai Faustino além de ser professor em colégios em Maceió ofertava aulas em sua casa para alguns alunos, aulas que Nise também participava.

A família de Nise não possuía uma casa própria, a mesma afirma na citação a seguir que seu pai nunca teve a intenção de comprar, mesmo sendo questionado pela esposa, o pai de Nise tinha planos maiores para quando a filha se formasse:

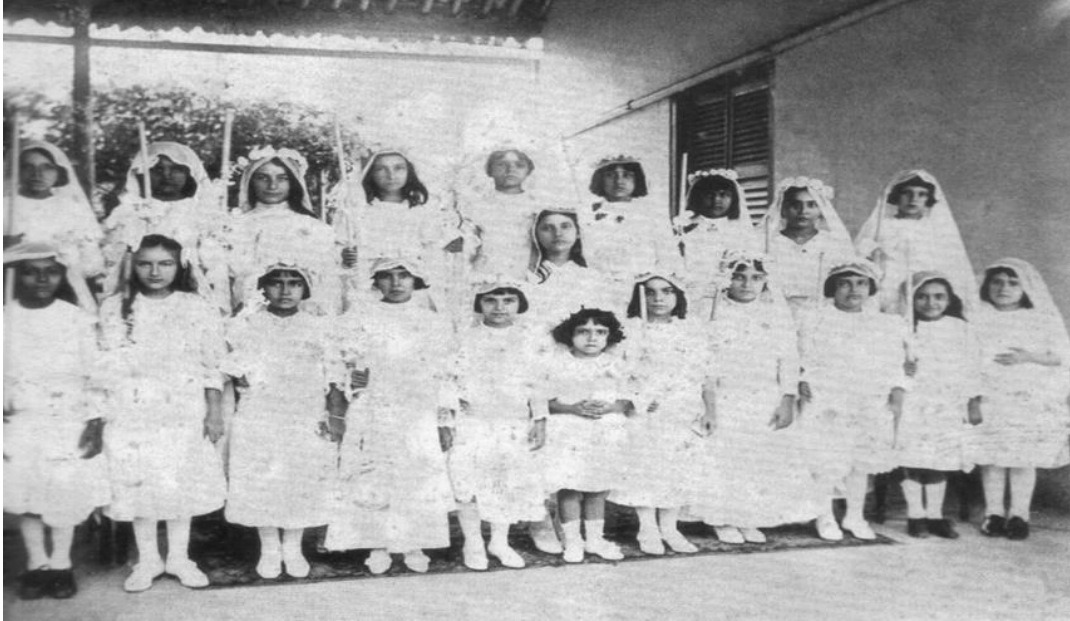
Era um espírito boêmio, gostava de dançar, não acumulava dinheiro. [...] Nunca pensou em comprar uma casa para a família. E quando minha mãe falava nisso, ele dizia: “Não, quando a Nise se formar a gente vai morar em Paris”. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p.48).

Esse sonho que o pai da jovem Nise tinha não foi possível realizar, já que logo após a formatura de Nise em Medicina ele faleceu.

Nise ao iniciar os estudos entrou para um colégio de freiras, onde o ensino tinha como base o modelo europeu, já que às freiras que lecionavam eram em sua maioria francesas e os livros eram todos da mesma língua, diante desse ambiente de estudos, Nise obteve também o conhecimento da cultura desse país estrangeiro. No período eram vários colégios em Maceió que seguiam o modelo europeu de ensino, Nise estudou no Colégio Santíssimo Sacramento. Segundo MELLO (2014), não eram apenas os colégios que tinham influência da cultura europeia, mas também a cidade de Maceió tinha certas similaridades com a França:

Maceió foi uma das primeiras cidades do Brasil a ter ruas iluminadas por lâmpadas a gás, telefone e bonde com tração animal. As praças da cidade eram similares às praças francesas. Alguns colégios seguiam o modelo europeu de ensino, e Nise estudou em um deles. (p.49).

IMAGEM – 04 – Primeira Comunhão de Nise, aos 10 anos de idade, no Colégio Santíssimo Sacramento (Nise é a quarta da esquerda para a direita, na primeira fila).



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

O pai de Nise enquanto professor em vários colégios particulares tinha o intuito de preparar a filha para o ambiente de estudos numa futura Faculdade, principalmente em um período em que não eram oportunizados estudos de nível superior às mulheres, onde, segundo Nathalia Bezerra (FECLESC/UECE⁴, s/d), a universidade por muito tempo foi ambiente voltado apenas para a educação dos homens, precisando as mulheres lutar para ter direito a frequentar os cursos de nível superior.

Se o acesso da mulher ao ensino regular já fora uma árdua conquista, o ingresso da mulher no ensino superior foi também mais uma luta a ser vencida pelas mulheres. As mulheres foram, inicialmente, excluídas do ensino universitário, pois ao ser criada, por volta do século XIII, a universidade era voltada para a educação dos homens. Enquanto os homens estavam em escolas e posteriormente nas universidades, às mulheres foram proibidas de também terem acesso a essa forma de educação. (BEZERRA, FECLESC, P.2-3, s/d).

Como uma barreira a ser quebrada, em que se fazia necessário mostrar que a mulher poderia ocupar espaços para além do doméstico, e deixar de ser invisível nos espaços universitários como defende Bezerra.

⁴ FECLESC/UECE - Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC / Universidade Estadual do Ceará - UECE. Artigo sem data.

Os pais de Nise sonhavam que a filha se tornasse uma grande pianista, assim como a sua mãe, mas ao perceber que a menina não possuía afinidade com o instrumento musical, incluiu a mesma nos ambientes voltados para a educação, onde não existiam empecilhos por a mesma ser mulher, conforme Nise afirma “[...] Ele às vezes me levava para as aulas a fim de que eu me habituasse a conviver com rapazes. Também convidava rapazes, seus melhores alunos, para irem lá em casa estudar”. (SILVEIRA apud GULLAR, 1996, p. 15). Essa atitude do pai de Nise a fazer com que ela se acostumasse à convivência com rapazes vem do fato da jovem não ter contato com estes, já que estudava em colégios de freiras onde só tinha contato com outras meninas e moças. Além de, seu pai saber que no ambiente de faculdade Nise se depararia com uma maior presença masculina, e isso poderia ser uma dificuldade para ela.

No ano de 1920 Nise concluiu o seu curso secundário e em seguida se submeteu a realizar um curso preparatório para a faculdade, onde além das matérias estudadas também continha exames, esse curso na época era realizado no Liceu Alagoano. Logo após Nise foi para Salvador prestar exame para a Faculdade de Medicina da Bahia.

IMAGEM – 05 – Nise aos 16 anos de idade



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

2.2 – Faculdade de Medicina da Bahia

Nise fez a prova para a Faculdade de Medicina da Bahia, na qual foi aprovada com sucesso, assim como também os seus colegas conterrâneos: Antônio Ayala Gitirana, José Tobias Netto, Luiz Azevedo, Arthur Ramos⁵ e Mário Magalhães da Silveira⁶.

Nise afirma que não tinha vocação médica, que o incentivo veio por influência dos rapazes, além do estímulo em ir fazer um curso que ainda não existia no estado, de certa forma era um desafio para moça naquela época. Conforme Nise:

Na verdade, eu não tinha vocação para a Medicina. Quando vejo sangue, fico tonta. Não podia nunca ser médica. Na verdade, a escolha se deu por influência desse grupo de rapazes, que estudavam com meu pai, e que iam todos cursar medicina, na Bahia. Assim, fomos em bando para Salvador. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 52).

Como podemos observar na citação, Nise mesmo identificando a sua falta de vocação para exercer a profissão de medicina, se viu desafiada a partir para outro Estado para realizar um curso que era formado em sua maioria por um público masculino. Via ela, uma possibilidade de quebrar barreiras estabelecidas pela sociedade da época, onde o público feminino nos ambientes universitários não era frequente. Nise estava ali conquistando seu espaço enquanto estudante de medicina, que mais a frente iria transformar todo um conceito de psiquiatria e terapêutica ocupacional.

Na época Nise tinha apenas 15 anos de idade, e a idade exigida era de 16 para o curso de medicina, como a psiquiatra relata:

5 **Arthur Ramos**: Nasceu em Pilar – AL, em 7 de julho de 1903. Médico psiquiatra, psicólogo social, indigenista, etnólogo, folclorista e antropólogo, aos quinze anos **Arthur Ramos** publicou o seu primeiro artigo no semanário "O Pilar". Em 1926 defendeu a tese de doutorado denominada "Primitivo e Loucura", recebendo grandes elogios de Sigmund Freud, Eugene Bleuler e Lévy Bruhl. No Rio de Janeiro, em 1934, publica "O Negro Brasileiro"; assume a cátedra de Psicologia Social, vindo a ser consagrado como o pai da Antropologia Brasileira. (Fonte: <http://www.cultura.al.gov.br/>)

6 **Mário Magalhães da Silveira**: Nasceu em Maceió (AL), em 24 de abril de 1905, filho de José de Magalhães, jornalista, e de Dona Naná. Foi o primeiro dos quatro irmãos Magalhães da Silveira a se formar em medicina, na Bahia, em 1925. Na faculdade, Mário foi colega de turma de Nise, sua prima, com a qual viria a se casar. Foi o principal mentor da corrente de pensamento conhecida como 'sanitarismo desenvolvimentista' que atinge seu momento de maior influência na III Conferência Nacional de Saúde. (Fonte: ESCOREL, Sarah – Mário Magalhães: Desenvolvimento é Saúde. Em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000802453)

[...] eu ainda não tinha a idade mínima exigida para entrar na faculdade, que era 16 anos. Eu só tinha 15. Mas em Maceió tudo se arruma. E assim deram lá um jeito e eu entrei para a faculdade com 15 anos como se tivesse 16. Depois tive um trabalho danado para corrigir isso e voltar à idade certa. Eu era a única aluna mulher na faculdade onde só estudavam homens. Cento e cinquenta e sete rapazes e uma moça, que era eu. (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p.52)

Diante desse relato da própria Nise podemos ter uma noção do quão raro era uma mulher a cursar medicina em meados da década de 20, século XX, pois medicina, assim como direito e engenharia eram considerados cursos de grande prestígio, nos quais deveriam apenas os homens frequentar, sendo indicado para as mulheres cursos como enfermagem, filosofia e magistério. Naquela época o fato de uma mulher cursar medicina causava represálias, não apenas da sociedade, como também no próprio curso, como podemos ver a seguir:

Os amigos da Dra. se comprazem em rememorar uma passagem reveladora sobre a fase em que ela era universitária. Nise tinha 16 anos e cursava o primeiro ano de medicina. Certo dia, o professor de parasitologia comunicou que seria criado um serpentário na faculdade, para pesquisar formas de neutralizar o veneno das cobras. Momentos depois, chegou o funcionário trazendo uma serpente viva. O mestre retirou a cobra do recipiente e estendeu à caloura.

Surpresa, em meio à preocupação e à repulsa, frente ao animal, Nise se arrepiou só de olhar. Sutilmente, tremeu. Então, o homem pediu: “Segure-a. Não é venenosa.” A moça saber ser aquele mais um dos tantos testes aos quais seria submetida, na tentativa de desmoralizarem a única aluna mulher entre centenas de homens. Respirou fundo, conteve o asco e não vacilou. Com as mãos em palmas voltadas para cima, segurou a cobra, por algum tempo. O bicho se movia lentamente, frio, sinistro, escorregadio. “Ali, vi o mal faiscar nos olhos do professor”, conta a Dra.

Então, a universitária se dirigiu ao aluno que estava a seu lado e lhe estendeu a serpente. O colega, que antes ria da caloura, perdeu a graça na hora. “Agora é a sua vez. Pegue a cobra, por favor”, disse Nise ao rapaz. Este, boquiaberto, não teve reação – nem coragem de segurar a serpente. “Amarelou...”, dizia ela. (HORTA, 2009, p. 131 e 132)

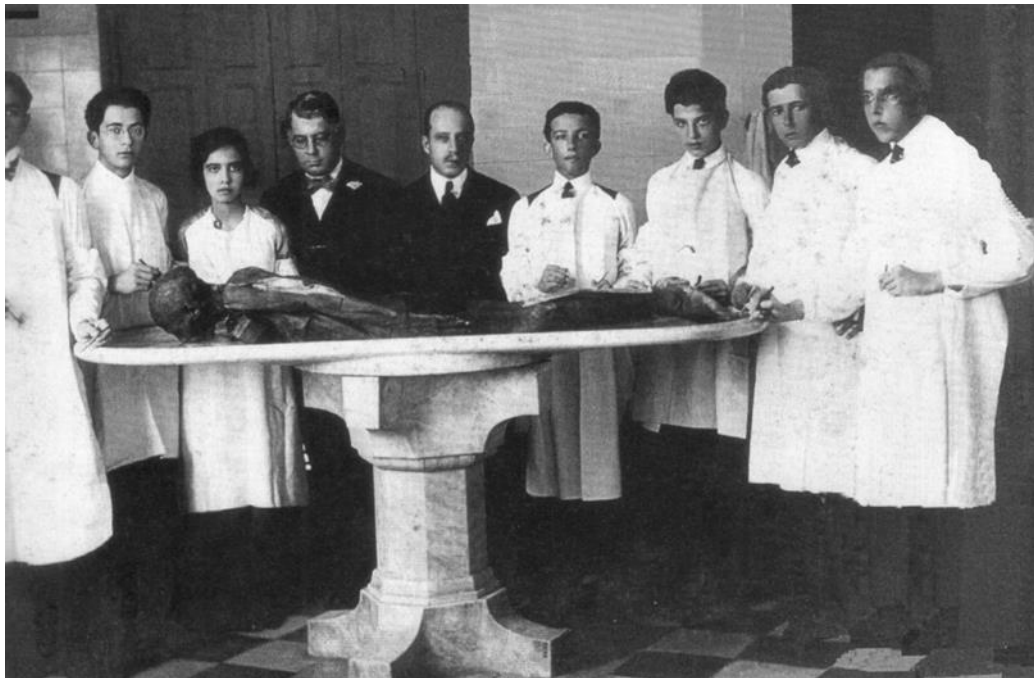
Conforme o que foi citado, fica perceptível que a ação do professor em pedir primeiramente a Nise - única mulher da turma - para segurar o animal foi uma forma de confrontá-la e testar a futura médica diante do medo ou resistência da mesma, uma forma de desmoralizá-la diante da turma, onde o tempo todo ela é desencorajada a continuar os estudos pelo fato de ser mulher. Isso seria o início das dificuldades que Nise teria durante o curso, principalmente por ser a única mulher. Outro episódio também mostra o quanto, naquela

época, não se pensava na possibilidade de mulheres frequentarem aquele curso, ou a faculdade, o que seria então resolvido com a entrada de Nise;

Em Salvador, a estudante Nise morava em um pensionato. Tanto na faculdade, como na pensão, só havia uma representante do sexo feminino. Ela comenta que o fato de ser a única mulher da turma de medicina não era o maior problema. Com bom humor, revela: “O convívio com os professores e os colegas não me intimidavam... O que mais incomodava era o fato de não haver banheiro feminino na faculdade. Mas, você sabe... Naquela época, mulher era tida como anjo – não mijava... Tiveram de providenciar um banheiro para mim.” (HORTA, 2009, p. 132).

Diante do relato de Nise, podemos perceber que naquele período a presença feminina em faculdades ou mesmo em pensões estudantis era rara. Incluindo a falta de banheiro feminino, que já demonstra a visão de que esses cursos seriam frequentados pelo público masculino, não sendo pensada a possibilidade de mulheres frequentarem, deste modo, não viam necessidade de se ter banheiros femininos. Até o momento em que chega Nise, e sua presença feminina faz com que essa questão mude.

IMAGEM – 06 – Grupo de alunos e professores durante uma aula de anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia. À esquerda de Nise, seu colega, o futuro etnólogo e antropólogo Arthur Ramos.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Nise mesmo tendo o ambiente da faculdade e da pensão, por muitas vezes se via na necessidade de buscar um lugar mais tranquilo para que pudesse realizar seus estudos. Uns dos lugares que ela frequentou muito em busca de estudar foram as igrejas, como podemos ver a seguir:

Na época da faculdade, em Salvador, Nise morou num pensionato onde não havia tranquilidade para estudar. Um dia, Frei Matias, padre da Ordem dos Franciscanos, vendo-a horas a fio na igreja, disse-lhe: “ Não medite tanto, minha filha, que vai lhe fazer mal.” Só ao aproximar-se ele reparou que ela estava estudando um livro de anatomia. Ficaram amigos. Estudar em igrejas era um hábito que ela cultivava. (MELLO, 2014, p.53).

Durante a faculdade em Salvador, Nise passou a viver com o seu colega de turma e também primo Mário Magalhães da Silveira. Ele tinha a mesma idade que ela. Mesmo com a família não aprovando a relação dos dois mediante serem primos e pelo fato de não terem casado, ambos permaneceram juntos até a morte de Mário, muitos anos depois:

Não fui namorada, ninguém me fazia a corte nos tempos de estudante, havia sempre uma certa reserva a meu respeito, talvez me achassem avançada demais. Quando me apaixonei pelo meu marido, Mário Magalhães da Silveira, foi muito sério, ele foi um grande companheiro até sua morte, em 1986. Ele nasceu em Maceió como eu, éramos primos afastados. (SILVEIRA, MELLO, 2014, p.54).

Nise, além de estar em frente às dificuldades que as mulheres da época tinham para atuar no meio social e profissional onde predominava os homens, também enfrentou e quebrou as regras que ditavam os relacionamentos, onde as mulheres de família deveriam se casar de acordo com as conformidades da época, Nise, no entanto, se uniu ao seu companheiro Mário ainda muito jovem, sem o casamento civil e religioso, e mesmo sem a aprovação dos familiares.

Mário Magalhães, assim como Nise, teve uma grande atuação na medicina brasileira. Ele, por sua vez, seria um grande médico sanitarista do Brasil, segundo MELLO, 2014:

Mário viria a ser, no futuro, um dos grandes médicos sanitarista do Brasil. Participou ativamente dos debates acerca da municipalização do sistema de saúde e, entre 1962 e 1963, trabalhou como assessor direto do então ministro do Planejamento Celso Furtado e, no mesmo período, preparava os discursos para o ministro da Saúde Aramis Ataíde, baseados em suas próprias teses. Ele tinha uma liderança incontestada na saúde pública e era extremamente crítico. Os debates sobre política de saúde ocorriam principalmente em sua

casa, que se tornara o centro das discussões dos problemas. (MELLO, 2014, p.54).

Como vimos, MELLO afirma a participação e a importância de Mário Magalhães na medicina. O mesmo enquanto médico, pesquisador e cientista, contribuiu de diversas formas para os debates a cerca da saúde pública. Já que o mesmo acredita que muitos dos problemas de saúde no país estavam relacionados à precariedade do saneamento básico ofertado as populações, principalmente as mais carentes. Nise tinha um parceiro que, assim como ela, lutava e defendia os estudos que realizavam, diante de importantes questões de saúde pública, fossem estas referentes à saúde mental ou ao saneamento básico.

IMAGEM – 07 – Mário e Nise



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Nise teve seu primeiro contato com a psiquiatria ainda no período da faculdade, onde através do seu interesse nas leituras sobre criminologia, ela viu uma oportunidade de se aprofundar no tema, o qual foi abordado em sua tese da faculdade. Como Nise relata a seguir:

Meu pai, que era professor de matemática, jornalista e curioso de tudo, certo dia, apareceu em casa com uma nova revista de criminologia, entre muitas outras. Nela havia artigos de Gina Lombroso, neta do famoso criminalista, e sobre outros assuntos da especialidade. É claro que, como estudante de

medicina, interessei-me por essa leitura. Dentro em pouco estava eu entusiasmada pela matéria. Com o primeiro impacto, embalei...

Tive, assim, o primeiro contato com a psiquiatria, pois psiquiatria e criminologia eram nada mais nada menos que assuntos fronteiriços. Li, então, “Psicopatologia da vida cotidiana”, de Freud. Tinha que estudar, mas depois disso, fiquei de cabeça virada para a psiquiatria, que somente deveria entrar no programa no 6º ano do curso. Já pensando seriamente na tese, aproveitei a oportunidade para penetrar mais fundo nos assuntos de criminologia. Por isso visitei o presídio do Recife. Foi aí que encontrei o primeiro doente mental em minha vida. Tratava-se de uma pobre mulher, presa e condenada por homicídio, mas que não passava, afinal, de uma grande delirante, de uma louca. Conheci muitas outras pessoas doentes mentais, mas aquela, por ser a primeira, fez-me uma forte impressão. [...] (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p.55).

Conforme o que foi referido na citação, percebo que o interesse que Nise tinha por temas importantes, mas ao mesmo tempo pouco estudado na época, vem do seu contato com as leituras e as vivências do dia a dia. A mesma percebia uma fronteira entre o tema da criminologia e da loucura, e de certo, são duas questões que coloca o indivíduo nas margens da sociedade, como pessoas que não tem condições de viver no meio social, em comunidade, sendo excluídos da mesma. E foi nessa trama que envolve a criminologia e a mulher que Nise definiu sua tese da faculdade, conforme podemos ver a seguir em um dos relatos prestados pela Psiquiatra em entrevistas, “Minha tese teve o título de *Ensaio da criminalidade da mulher no Brasil*; tratava-se de um estudo sobre a criminalidade da mulher no Brasil, com base em observações realizadas em grupos femininos de Alagoas, Pernambuco e Bahia”. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p.56). Observando o título do trabalho de Nise, percebemos a colocação da Mulher como o objeto da sua pesquisa, o que dá ainda mais ênfase ao interesse que Nise tinha por temas que eram poucos tratados na época, por indivíduos que eram excluídos da sociedade, ou até mesmo eram invisíveis aos olhos daqueles que escreviam a história. Nós historiadores bem sabemos que o surgimento de um interesse maior pelos estudos e pesquisas sobre a história das mulheres, com a abordagem desse tema da mulher como gênero, protagonista, ativista vem se tornar mais evidente a partir da nova historiografia, com a Escola dos Annales e a diversificação nos campos da história que possibilitou ampliar as áreas de pesquisas, não se baseando na historiografia tradicional.

Nise mostra desde sua criação familiar até sua formação acadêmica, traço de uma mulher revolucionária, que embora vivesse em meio a uma sociedade bastante conservadora, não se intimidava pelas dificuldades ou preconceitos. Ela tinha como herói um revolucionário do período colonial, como podemos ver a seguir, “Desde cedo me interessei pelo lado

marginal⁷, tanto que meu grande herói era Zumbi dos Palmares. Acho que foi por isso que foi fácil para mim a adaptação com os loucos.” (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 56). Diante do guerreiro e líder que foi Zumbi⁸ dentro da história, o qual lutou até a morte para defender o quilombo e o seu povo, percebo que Nise teve Zumbi como uma de suas inspirações na luta pelos indivíduos considerados marginalizados, excluídos, ignorados, buscando mostrar a sociedade o verdadeiro perfil dessas pessoas.

Além dos exemplos de heróis por quem Nise tinha grande estima, fica evidente que seus maiores heróis foram seus pais, é a eles que ela dedica tudo que aprendeu e se tornou, pois foi com o estímulo e confiança dada por Dona Lídia e Seu Faustino que Nise desde sua infância construía uma forte personalidade, com fortes características revolucionária. O seu pai Faustino também não negava tamanho o orgulho que sentia de sua filha, futura psiquiatra. A admiração do Senhor Faustino pela filha é constatada por um dos colegas de turma de Nise e também conterrâneo, Arthur Ramos, o qual também se tornaria um grande médico. Arthur Ramos relata a ocasião em que presenciou o pai de Nise - que também havia sido seu professor em Maceió – assistir a última prova realizada por Nise no curso de medicina, que foi a apresentação da sua tese, “A sua maior alegria – e talvez derradeira – eu lhe adivinhei ao assistir à última brilhantíssima prova do curso da dra. Nise da Silveira [...]. Lá o divisei, anônimo, escondido, entre os assistentes, embevecido, num grande deslumbramento mudo [...]”. (RAMOS, MELLO, 2014, p.56). Mello cita esse trecho de Arthur Ramos, quando o mesmo deu um depoimento ao Jornal de Alagoas, após o falecimento do pai de Nise. O Senhor Faustino fazia questão de acompanhar sempre que possível os exames que a sua filha realizava na faculdade, já que era o seu maior sonho vê sua única filha se formar médica.

Logo após a formatura de Nise em dezembro de 1926, o pai da mesma ficou doente, a alegria que a mais nova doutora obtinha com a sua formatura foi marcada tragicamente com o falecimento do Senhor Faustino em 10 de fevereiro de 1927, morreu jovem, faltando apenas cinco dias para completar 47 anos. Nos relatos de Nise é perceptível o grande amor que sentia pelo seu pai, o triste acontecimento marcou profundamente a vida de Nise. A moça que era

7 O Termo **Marginal** que Nise da Silveira faz referência em suas discussões está relacionado ao sentido de excluído pela sociedade, e é com base nesse significado que também analiso o contexto da época e das pessoas em vários momentos desse trabalho.

⁸ **Zumbi dos Palmares** – “Zumbi dos Palmares nasceu em 1655, no estado de Alagoas. Ícone da resistência negra à escravidão, liderou o Quilombo dos Palmares, comunidade livre formada por escravos fugitivos das fazendas no Brasil Colonial. Localizado na região da Serra da Barriga, atualmente integra o município alagoano de União dos Palmares. [...]Zumbi é considerado um dos grandes líderes de nossa história. Símbolo da luta contra a escravidão, lutou também pela liberdade de culto religioso e pela prática da cultura africana no País”. (Fonte: http://www.palmares.gov.br/?page_id=8192).

então mimada pelo pai com acesso livre em livrarias e casas de moda, passou a viver de uma forma mais modesta. Depois de sua formatura, com o falecimento do seu querido pai, recém-formada em medicina e com grande dificuldade em conseguir emprego para atuar como médica resolveu que não ficaria em Maceió, como podemos ver a seguir:

Depois de formada, meu caminho não foi fácil. Tornou-se difícil... Com a morte de meu pai, nossa casa ficou sem seu principal esteio. Eu e minha mãe nos vimos em condições precárias. Ao mesmo tempo, eu não conseguia utilizar o que havia aprendido na faculdade, ninguém empregava mulher médica, naquela época. Cheguei a pensar em trabalhar em jornal, como faziam meu pai e meu tio. Não foi possível. Não dava conta de arranjar trabalho, nem em Maceió, nem em Salvador. Na Bahia, por exemplo, para trabalhar como médica-residente, teria de morar no mesmo dormitório dos colegas homens. Isso era impraticável... Não havia dormitório feminino. Como se não bastasse, me sentia desajeitada para a profissão: se visse uma gota de sangue, me desesperava. Então, decidi me mudar para o Rio de Janeiro. (SILVEIRA apud HORTA, 2009, p. 137).

Com a referida situação expressa por Nise através de entrevista, como vimos na citação anterior, percebe-se que as dificuldades que a jovem alagoana enfrentou por ser mulher não se mantiveram apenas durante seu curso na Faculdade de Medicina na Bahia. Por ser um curso considerado para os “homens”, até mesmo na hora de exercer sua profissão, Nise enfrentou o preconceito, já que naquela época ‘ninguém empregava mulher médica.’ Diante disso podemos refletir e imaginar o quão limitavam as mulheres, onde muitas vezes lhes roubavam a oportunidade de estudar ou trabalhar nas mais diversas áreas, por causa do preconceito, do machismo, da visão de que ‘isso não é coisa de mulher’. E com base nesse contexto, podemos analisar a fator histórico que limitava a mulher nos espaços públicos, conforme afirma Souza e Sardenberg, de que essa questão estava diretamente relacionada à cultura hegemônica androcêntrica e com as desigualdades de gênero existentes:

O histórico limitador das mulheres nos espaços públicos está atrelado e, sobretudo, ancorado na cultura hegemônica androcêntrica e nas desigualdades de gênero, restringindo as mulheres sempre aos espaços privados, à “natureza”, ao cuidar e procriar. Na produção científico - acadêmica, essas restrições se ancoram ainda nos valores e modelo de racionalidade das ciências ocidentais modernas hegemônicas, num saber-poder que tem historicamente excluído às mulheres. (SOUZA e SARDENBERG, 2013, p.2)

IMAGEM – 08 - Formandos



Fonte: www.ccms.saude.gov.br. Acessado em 24/08/2016.

Além das dificuldades em exercer a profissão, Nise sofria com a perda do seu pai e com o sentimento que tinha por sua cidade natal Maceió, não vendo outras oportunidades de conquistar seu espaço enquanto médica, enquanto mulher buscou em outros lugares a oportunidade de se especializar e de exercer sua profissão de médica no Rio de Janeiro:

Aí minha vida mudou. [...] Acabaram-se as mordomias. Minha mãe foi morar com o pai dela e a irmã mais moça. E eu então, que fui sempre uma natureza impetuosa, disse:

- Eu não fico aqui.

E adoidamente se vendeu tudo da casa. Imagine que tínhamos dois pianos de cauda. Vendeu-se tudo, joias de minha mãe, tudo. Aí tomei um navio e me toquei para o Rio de Janeiro. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 59).

Como podemos ver na citação, Nise vendo a nova situação que sua família enfrentava e das dificuldades que antes não existiam, viajou para o Rio de Janeiro, almejando conquistar nessa nova cidade as oportunidades que antes tinham lhe sido negado.

Sua chegada ao Rio de Janeiro será tratada no próximo subcapítulo, para assim evidenciar seus primeiros passos em busca da sua atuação na medicina, com os novos desafios

que surgiram, as amizades que conquistou e o conhecimento que foi adquirindo cada vez mais sobre a psiquiatria.

2.3 – A Chegada de Nise ao Rio De Janeiro

Como vimos no subcapítulo anterior, após a formação em medicina e com o falecimento do pai, Nise se viu em meio às dificuldades, principalmente após tamanhas mudanças em sua vida. Embora estivesse formada em medicina não conseguia emprego em Maceió, simplesmente por ser mulher. Almejando poder se especializar e trabalhar, ela resolveu ir para a capital da República, naquela época, o Rio de Janeiro. Em abril de 1927 se mudou juntamente com seu companheiro Mário para a referida cidade.

[...] Com o pouco dinheiro que me restava da venda de joias, aluguei um pequeno quarto no Curvelo, Santa Tereza, quarto modesto, mas de onde eu gozava de paisagem maravilhosa. Rua pobre. Tive, porém, a sorte de aí encontrar vizinhos extraordinários. De um lado, a família do líder comunista, muito culto, Octávio Brandão, e, do outro, a bondosíssima Zoila Teixeira e filhas. Fiz estreita amizade com esses vizinhos e aprendi depressa que se pode ser feliz mesmo levando vida modesta, diversíssima da vida que eu levava em Maceió, na nossa grande casa no bairro de Bebedouro. Para enriquecer ainda mais essa rua, morava ali o poeta Manuel Bandeira. Embora alagoana como Octávio, só vim conhecê-lo no Curvelo, Santa Tereza, onde habitava com sua família numa casa que era quase uma choupana. A família habitava o nº11, e eu aluguei um quarto no nº19. Eram dois vizinhos. Logo que soube ter tão próximo um conterrâneo, foi visita-lo. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 61).

Como podemos observar na fala de Nise, a mudança na vida dela foi realmente significativa, principalmente pelo estilo de vida que possuía em Maceió. Já que, sua família a mantinha com boas mordomias tanto em sua cidade natal, como também durante seu período de estudos em Salvador. Nessa nova etapa da sua vida no Rio de Janeiro, a novel médica, residiu em bairro simples da cidade, onde na ocasião teve a oportunidade de conhecer importantes personalidades, tanto da literatura brasileira, como comunistas e conterrâneos. Além de outras amizades feitas por Nise naquele bairro, naquela cidade ao longo dos anos.

Quando Nise chegou ao Rio de Janeiro no ano de 1927, o Brasil vivia um período conhecido como República Velha, que vai de 1889 a 1930. Neste período, o domínio político estava nas mãos das elites agrárias de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Onde, embora o governo fosse de presidentes civis, se tratava de uma República de Oligarquias, na

qual o poder estava nas mãos de poucas famílias ou grupos políticos. No que envolvia a questão social, em todo o território brasileiro ocorreu várias revoltas e problemas sociais. Em 1930, dava-se início a Era Vargas, a qual pôs fim à República das Oligarquias, havendo também uma mudança no projeto de governo. Getúlio Vargas permaneceu no poder por 15 anos, durante esse tempo o seu Governo compreendeu três fases: o Provisório, o Constitucional e o Ditatorial, como foram visto em Vares (2012).

IMAGEM – 09 – Nise na varanda do seu quarto



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Uma das famílias que Nise obteve maior contato foi à família de Octávio Brandão⁹, mesmo sendo conterrâneos a oportunidade de se conhecerem surgiu apenas naquele bairro. Octávio, líder comunista, residia junto com sua esposa Laura Brandão¹⁰ e suas três filhas, Satva, Vólia e Dionysa. A amizade que surgiu entre Nise e a família de Octávio é perceptível nos relatos da mesma, conforme podemos ver a seguir.

9 Octávio Brandão: Otávio Brandão Rego nasceu em Viçosa (AL), em 1896. Farmacêutico, diplomou-se pela Universidade de Recife. Foi um dos pioneiros na defesa da existência de petróleo no subsolo brasileiro, defendendo essa tese em conferências realizadas em Maceió na década de 10. Nesse mesmo período, iniciou sua militância anarquista na capital alagoana. Em 1919, após passar dois meses na prisão, conseguiu fugir e se transferiu para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como farmacêutico e continuou sua militância anarquista. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Foi um dos fundadores do órgão oficial do partido. Em 1930, foi preso logo após o início do movimento político-militar que pôs fim a República Velha e levou Getúlio Vargas ao poder. Em 1931, passou a viver na União Soviética. Em 1946, voltou ao Brasil. (Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/otavio_brandao).

10 Laura Brandão: (1891-1942) - Ativista política e poetisa alagoana. Começou a escrever poesia muito jovem, tendo publicado quatro livros. Militou junto ao marido, Otávio Brandão, pela causa operária e colaborou para o jornal comunista Classe Operária. Participou, em 1928, da fundação do Comitê das Mulheres Trabalhadoras. Foi deportada com sua família para Alemanha e depois foram viver em Moscou. (Fonte: <http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=474>).

Houve um período de prisão domiciliar mais cerrado, em que Octávio e a família permaneceram por longo tempo incomunicáveis. Ao saber disso, Nise arrumou emprestada uma maleta com alguns acessórios médicos, e foi célere para a casa deles, quando foi barrada pelos policiais. Decidida, disse: “*Venho cumprir meu dever de médico, pois alguém nessa casa se encontra doente.*” Quando Laura abriu a porta, foi uma alegria que Nise descreve como uma das grandes emoções de sua vida. (MELLO, p. 62).

No período em que ocorria a prisão domiciliar, as pessoas que tinham ideias divergentes as do governo, eram perseguidas, presas, castigadas e etc. Era uma forma usada para tentar calar ou acabar com qualquer movimento ideológico que lutassem contra os políticos e as formas de governo. Octávio enquanto líder político foi preso diversas vezes, a prisão domiciliar o detinha de entrar em contato com seus colegas de movimento, com amigos, além do restante da sociedade para a qual ele pudesse disseminar as ideias e propostas comunistas. Nise, vendo a dificuldade em ver seus amigos, logo colocou sua profissão em prática para poder ter acesso aos mesmos, já que na época, embora presos no domicílio, a família tinha direito a assistência médica. O reencontro da família com Nise, como ela relata, foi emocionante, já que diante das barreiras que impediam o contato, a mesma não mediu esforços para rever e saber como estavam seus amigos.

Os laços de amizade feitos entre Nise e a família de Laura Brandão são identificados facilmente nos relatos da doutora, que não se poupa na hora de expressar a admiração que tinha por eles, em especial, por sua amiga Laura, como ela relata a seguir “Laura era assim, o sofrimento não a abatia. Nem a pobreza. Os vestidos ordinários, os afazeres domésticos, não a diminuía. Suas grossas tranças enroladas no alto da cabeça, como uma coroa, bastavam para dar-lhe um ar de triunfo.” (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p.64). O sofrimento identificado por Nise mediante as condições que a família de Laura vivia, faz com que ela aprecie ainda mais o modo simples de ver e viver as coisas, assim como Laura se mantinha firme mediante as dificuldades e problemas vividos. Talvez tenha sido através dessa convivência que Nise tenha aprendido a ver e viver a vida de um modo mais simples, e naquela simplicidade identificar tal felicidade. Já que no início do seu trabalho na Seção de Terapêutica Ocupacional, a Dr^a consegue transformar atividades simples em um importante instrumento no tratamento de pessoas com Esquizofrenia. Nise deixa assim evidente a admiração que tinha por Laura, “Laura Brandão, como mulher em seu conjunto, foi a mulher que mais me impressionou.” (SILVEIRA apud MELO, p.64).

Embora Nise tivesse grande convívio e amizade com Otávio e Laura, não tinha nenhuma ligação ou filiação ao partido comunista, apenas mantinha uma simpatia com as

ideias e um grande interesse na política do país, como ela afirma que “Eu era interessada nas coisas políticas do país, mas sempre tive muita dificuldade em me acomodar em organizações. Eu não me acomodava dentro dos esquemas do Partido Comunista.” (SILVEIRA apud MELLO, p. 67). Diante da afirmação de Nise de que não se acomodava em organizações, acredito que está relacionado com o fato dela não conseguir seguir as exigências e regras estabelecidas por algumas organizações, principalmente existindo regras nas quais ela não concordasse. Conforme afirma MELLO, 2014, Nise não tinha nenhum vínculo específico com o partido comunista, até participar de uma conferência de Castro Rebelo, na qual ela passaria a ter um maior interesse e até participar de algumas reuniões junto com alguns amigos que eram participantes desse movimento:

Apesar de sua amizade com Octávio e Laura Brandão, Nise era, até então, apenas simpatizante das ideias comunistas, não tendo estabelecido, até a sua ida à conferência de Castro Rebelo, nenhum vínculo com o Partido. Nesta época, haviam dois grupos políticos: um católico, liderado por Tristão de Atháide, e outro, sem tendências religiosas, liderado por Castro Rebelo. (MELLO, 2014, p.65)

Segundo Bernardo Horta (2009), nos anos de 1930, na cidade do Rio de Janeiro, a juventude se organizava e participava de diversos grupos políticos. Entre esses grupos estavam o liderado por Castro Rebelo que era professor da Faculdade de Direito e contava com a participação de socialistas que participavam de movimentos, como a Aliança Nacional Libertadora¹¹ e o liderado por Tristão de Athayde, este último era o pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, grupo composto por jovens católicos. Nesse período, as ideias disseminadas pelo comunismo efervesciam as discussões políticas, onde se posicionavam contra o Governo Vargas, gerando represálias e perseguições.

Além de ir para o Rio de Janeiro com o intuito de conseguir exercer a profissão, Nise também tinha como objetivo se especializar na área de neurologia, área da qual ela se

11 Aliança Nacional Libertadora: Organização política de âmbito nacional fundada oficialmente em março de 1935 com o objetivo de combater o fascismo e o imperialismo. No início da década de 1930, surgiram em diversos países frentes populares compostas por diferentes correntes políticas que sentiam a necessidade de uma atuação unificada para deter o avanço do nazi-fascismo. Também no Brasil, em reação ao crescimento da Ação Integralista Brasileira (AIB), formaram-se pequenas frentes antifascistas que reuniam comunistas, socialistas e antigos "tenentes" insatisfeitos com a aproximação entre o governo de Getúlio Vargas e os grupos oligárquicos afastados do poder em 1930. No segundo semestre de 1934, um pequeno número de intelectuais e militares - entre os quais Francisco Mangabeira, Manuel Venâncio Campos da Paz, Moésia Rolim, Carlos da Costa Leite e Aparício Torelly - começou a promover reuniões no Rio de Janeiro com o propósito de criar uma organização política capaz de dar suporte nacional às lutas populares que então se travavam. Dessas reuniões surgiu a ANL. (Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/ANL>).

identificava. Conforme podemos ver na citação a seguir, ela foi estagiar num reconhecida clínica de neurologia do médico Antônio Austragésilo¹². Observemos que a partir desse momento ela começou a contribuir para o meio científico, publicando artigos, assim como também já se aproximava dos movimentos comunistas, através das leituras de Marx e da participação em reuniões do partido.

A vinda de Nise para o Rio de Janeiro foi também motivada pelo plano de especializar-se em neurologia. Assim, logo no ano de sua chegada, Nise foi estagiar na renomada clínica neurológica do dr. Antônio Austragésilo, da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Colaborou com artigos médicos no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, e no jornal *Alagoas*, de Maceió, pertencente ao seu tio Luis Silveira. Nessa mesma época, Nise começou a estudar Marx e a frequentar reuniões do Partido Comunista Brasileiro, com a amiga Lya Cavalcante, das quais participou, porém por pouco tempo, pois não era de sua índole ater-se a qualquer enquadramento ideológico. (MELLO, 2014, p.67)

Ainda nessa mesma citação, confirmamos o que anteriormente já havia sido referenciado, o fato de Nise não se “acomodar” no Partido Comunista. Diante de sua personalidade, ela não se identificava a seguir qualquer movimento ideológico. E conseguimos perceber essa característica na personalidade de Nise, desde o início, quando a mesma não tinha nenhum receio em quebrar regras da sociedade da época, não seguindo assim um modelo ideal e esperado de comportamento feminino.

Naquele período, Nise sem trabalhar e com o dinheiro que tinha adquirido com a venda de objetos pessoais e de sua família acabando, ela precisou recorrer a novos meios de se manter no Rio de Janeiro de uma forma mais econômica. Foi então, que por meio de sugestão de amigos ela buscou uma estadia no Hospício da Praia Vermelha¹³, como veremos a seguir no subcapítulo esse período que ela passou.

12 **Antônio Austragésilo:** Antônio Austragésilo Rodrigues de Lima nasceu em Pernambuco em 1876. Doutor em Medicina em 1899 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 10 de setembro de 1903. Professor Catedrático de Neurologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ), Membro da Academia Brasileira de Letras, da qual foi Presidente. Membro Honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, entre outras Sociedades. (Fonte: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=171).

13 **Hospício da Praia Vermelha:** Tem como nome: Hospital Nacional de Alienados, o que estava localizado na Praia Vermelha. Outros nomes e/ou títulos: Hospício de Pedro II (1841); Hospício Nacional de Alienados (1890); Hospital Nacional de Alienados (1911). Foi o primeiro Hospício do Brasil, criado por Dom Pedro II. As instalações do antigo hospício foram doadas para a Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), que se responsabilizou pela restauração do conjunto arquitetônico e pela adaptação às funções da reitoria universitária. (Fonte: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm>)

2.3.1 – A estadia de Nise no hospício da Praia Vermelha

O Hospício da Praia Vermelha em diversos momentos se tornava refúgio para médicos e estagiários que buscavam se especializar em psiquiatria ou áreas afins. Ali se tornava um espaço propício para aprofundar o conhecimento adquirido na Universidade.

Nise, por incentivo do Dr. Austregésilo, e mediante suas condições de desemprego foi inscrita num concurso federal para psiquiatras, conforme veremos na citação a seguir:

[...] Antônio Austregésilo teve papel fundamental na carreira da médica. Foi ele que, ao saber que haveria um concurso federal para psiquiatras, lhe disse: “Nise, você vai fazer este concurso, eu mesmo já a inscrevi.” Insegura, a Dra. respondeu que não se sentia preparada, pois teria pouquíssimo tempo para se aprofundar nas matérias: “Eu disse a ele que ia levar pau, pois não tinha preparo algum para me submeter ao concurso. O velho me falou: ‘Está preparada, sim – e têm um mês pela frente, pra estudar. Se vira.’ Então, entrei em brios, danei-me de estudar e passei. Durante algum tempo, as coisas melhoraram.” (HORTA, 2009, p. 151)

Segundo HORTA (2009), Nise iniciou seus estudos para o concurso federal para psiquiatra por meio do seu estágio com o professor Austragésilo, com quem estagiava. Estando Nise com poucas condições financeiras e necessitando estudar para o concurso que realizaria, recorreu ao referido professor, conforme sugestões de amigos que lhe indicaram passar uma estadia no Hospital de Alienados, no qual estava localizado o Hospício da Praia Vermelha:

Recorri então ao professor Austragésilo, catedrático de neurologia. Ele me acolheu benevolente e pediu ao diretor do Hospital de Alienados um quarto para mim. Desde que não era possível instalar-me, única mulher, na casa dos internos daquele hospital, fui instalada em um quarto de frente para o mar, no Hospital de Alienados, seção Morel, funcionalmente em corredor fora das enfermarias. O quarto era amplo, provido de água corrente, de mesa onde eu poderia arrumar meus livros e escrever comodamente. Defronte ao mar, o belo mar. Alimentava-me mal, vestia-me mal. Mas essas coisas nunca me afetaram muito. (SILVEIRA apud MELLO, p. 69).

Mais uma vez percebemos a presença de Nise enquanto única mulher em um espaço, diante da impossibilidade de ser acomodada na casa reservada para alojamento dos internos, a mesma foi instalada em outro cômodo. Mesmo em más condições de alimentação e vestuário ela não se importava. Aquele seria um momento onde ela tinha a possibilidade de ter maior acesso ao estudo e conhecimento da psiquiatria, principalmente diante do concurso que estava

prestes a realizar. Durante esse período que Nise se mudou para o Hospital, o seu companheiro Mário realizava um curso sobre Higiene e Saúde Pública no Instituto Oswaldo Cruz, que na época se chamava Instituto Manguinhos. Posteriormente ele se tornou médico sanitarista.

Nise a partir do momento que iniciava seu trabalho na Clínica de Neurologia, e também a residir num espaço onde os pacientes eram diagnosticados como esquizofrênicos, começou a observar e acompanhar os internos, assim como o trabalho desenvolvido pelos médicos, percebeu que existia certa divergência entre o que era apresentada nas teorias dos livros e com a realidade de cada pessoa, como ela se refere que “Nos livros, lia-se que os esquizofrênicos não possuíam afetividade. Comecei a desconfiar dos livros. Morando no hospício, compreendi que não havia nada disto. Eles possuem afetividade, o problema é como vir à tona.” (SILVEIRA apud MELLO, p. 70). Diante do exposto, percebe-se que o contato que Nise passou a ter com os esquizofrênicos mostrou a ela uma realidade bem diferente do que ela havia estudado, instigando um interesse na médica por querer compreender o mundo dos esquizofrênicos, já que ela percebia a afetividade a qual surgiria de forma diferente, em momentos diversos e de acordo com cada pessoa.

Nise, além de discordar das ideias expostas nos livros a respeito dos esquizofrênicos, também não concordava com a forma que os médicos desenvolviam a psiquiatria tradicional, “Desde cedo não concordava com os livros. Via a realidade dos doentes mentais e achava que os médicos da psiquiatria convencional, oficial, não estavam certos. Eram rígidos e partiam de princípios errados [...]”. (NISE apud MELLO, p.70). Isso mostra que ela já se colocava em meio aos seus estudos e trabalho com uma visão mais humana daqueles pacientes que eram tratados por outros médicos como pessoas sem possibilidade de recuperação.

Nise utilizou desse período de trabalho e residência para aprofundar seus conhecimentos, em busca de compreender a medicina psiquiátrica e os pacientes. Com certeza essa oportunidade lhe ajudou na preparação para o concurso, conforme afirma MELLO, “Um ano depois de trabalhar como auxiliar no Pavilhão da Clínica Neurológica, em 1932, Nise foi aprovada no concurso para médica psiquiátrica da antiga Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental, que depois se chamaria Divisão Nacional de Saúde Mental.” (p.71).

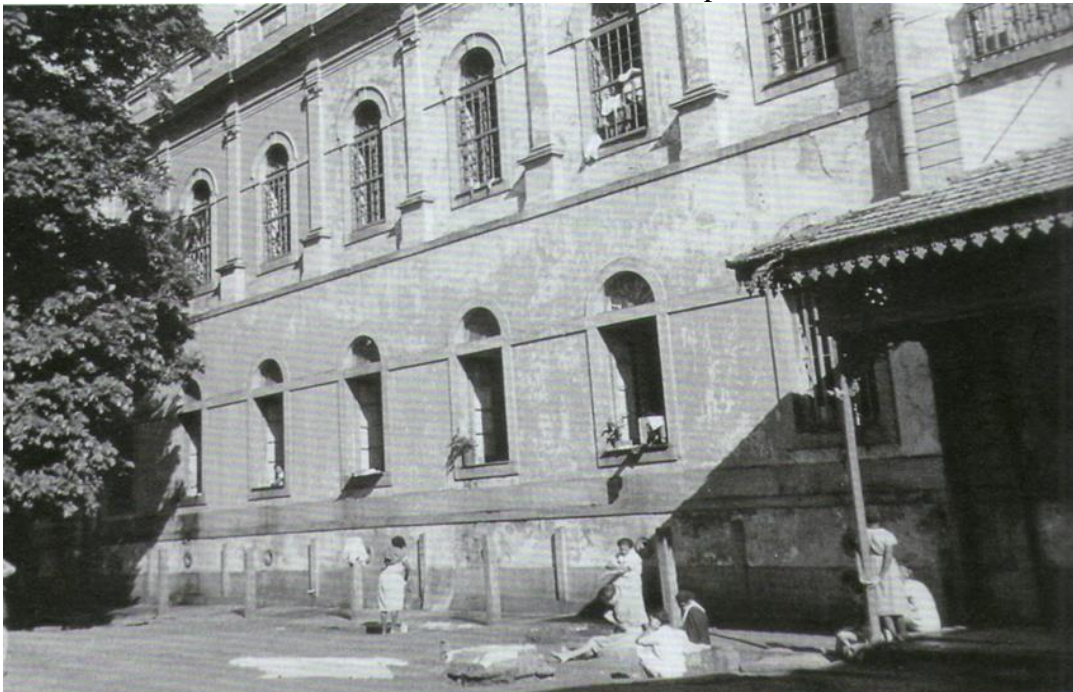
Alguns anos após a sua aprovação no concurso federal para psiquiatra, ocorreu um fato que marcou Nise profundamente, que foi a prisão no período da Ditadura Vargas, esse tema será abordado no próximo capítulo, no qual será contextualizado todo o acontecimento vivido por Nise.

IMAGEM 10 – Hospital da Praia Vermelha



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

IMAGEM – 11 – Pátio interno do Hospital da Praia Vermelha



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

3. PRISÃO E LIBERDADE NA DITADURA VARGAS

Quem passa por experiências profundas e radicais – como a loucura, a prisão, a morte de um ente querido, a tortura, o exílio e a fome – nunca mais volta a ser o mesmo. Os valores se modificam...
Nise da Silveira

Neste capítulo será tratado o período em que Nise foi presa, e quando ficou em liberdade precisou viver de forma clandestina. Essa fase na vida da alagoana foi marcante, além de ser uma experiência que causou grande impacto, provocou na médica uma busca cada vez maior pela liberdade, não só da prisão, mas também na vida.

Na República Velha, o período da Era Vargas foi um dos mais decisivos. O qual teve início com a Revolução de 1930, onde foi colocado um fim a República das Oligarquias, sendo o então presidente Washington Luís afastado do poder juntamente com diversos governadores que dominavam a política em suas regiões. Getúlio Vargas foi o político que passou mais tempo no cargo de chefe do poder executivo da República do Brasil. Esse período foi compreendido em três fases: o Governo Provisório, o Governo Constitucional e o Governo Ditatorial ou Estado Novo. As duas primeiras fases foram marcadas por grandes mudanças, tanto na estrutura política, como na economia do país. Uma das decisões tomadas pelo governo foi acabar com o “mandonismo” regional, entre outras questões políticas existentes. Em meio ao Governo Provisório ocorreu a discussão para elaboração de uma nova Carta Constitucional. As divergências existentes nessa discussão acabaram ocasionando uma guerra, que ficou conhecida como Revolução Constitucionalista de 1932. Após esse período, foi elaborada uma nova Constituição, e em seguida teve início o Governo Constitucional.

Durante o Governo Constitucional, que se estendeu de 1934 a 1937, surgiram organizações políticas, como o comunismo e o integralismo, que eram de oposição ao referido governo. Getúlio Vargas enfrentou de todas as formas as organizações e os seus membros, para que não houvesse o fortalecimento das mesmas em busca da implantação de um novo sistema político, como o Comunismo. Tendo o conhecimento sobre a organização da Intentona Comunista, Getúlio Vargas usou esse evento como justificativa para dar o golpe e instalar o Estado Novo em 1937. Esse período de ditadura ficou marcado pela privação da liberdade individual, onde era usada a força do Exército para repreender qualquer manifestação, além da influência popular que Getúlio possuía. O Estado Novo só teve fim em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, (FERREIRA, 2006).

No período da Ditadura Vargas aqueles que tinham alguma proximidade com as ideias comunistas ou que participavam efetivamente do partido eram perseguidos e punidos. No período de 1935 e 1936 aconteceram diversos levantes com característica revolucionária, que ia contra o governo de Getúlio Vargas¹⁴. Diante da influência do Comunismo, e da organização de manifestações entre outras ações do Partido Comunista Brasileiro – PCB¹⁵, a vigilância e perseguição aos grupos que disseminavam as ideias comunistas fizeram com que, pessoas de diferentes grupos sociais e que nem mesmo participavam efetivamente do PCB fossem levados presos, como foi o caso de Nise, (HORTA, 2009).

Pensando no contexto vivenciado por Nise, em meio a uma época que o Brasil se encontrava em uma ditadura, onde grupos sociais com ideias libertárias lutavam para acabar com tal governo, se torna necessária a discussão dessa temática, para que possamos entender ainda mais a influências desses eventos na vida de Nise e na sua formação enquanto pessoa e profissional.

3.1. Nise da Silveira e a Experiência da Prisão

No Mês de março de 1936 Nise foi presa acusada de subversão. Naquele período existiam órgãos de repressão do governo que buscavam indícios de qualquer ligação das pessoas com o Partido Comunista Brasileiro, ou até mesmo que fizessem leituras de livros com ideias comunistas. Como podemos ver a seguir, o Brasil vivia em pé de guerra, de um lado o Governo Vargas e do outro, os grupos de militares e civis se organizando através de levantes contra o Governo. Tais ações causavam uma extensa busca e apreensão de qualquer

14 **Getúlio Vargas:** Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS), em 1882. Bacharel pela Faculdade de Direito de Porto Alegre (1907), elegeu-se pelo Partido Republicano Rio Grandense. deputado estadual, deputado federal e líder da bancada gaúcha, entre 1923 e 1926. Foi Ministro da Fazenda de Washington Luís (1926-27) e presidente do Rio Grande do Sul (1927-1930). Em 1929 candidatou-se à presidência da República na chapa oposicionista da Aliança Liberal. Derrotado, chefiou o movimento revolucionário de 1930, através do qual assumiu em novembro deste mesmo ano o Governo Provisório (1930-34). Durante este período, Vargas deu início à estruturação do novo Estado, com a nomeação dos interventores para os governos estaduais, a implantação da justiça revolucionária, a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e a promulgação das primeiras leis trabalhistas. (Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/getulio_vargas).

15 **Partido Comunista Brasileiro:** O Partido Comunista Brasileiro, cujo nome de fundação é Partido Comunista do Brasil, foi fundado em Niterói a 25 de março de 1922. De âmbito nacional teve como objetivo principal promover no Brasil uma revolução proletária que substituísse a sociedade capitalista pela sociedade socialista. Em junho daquele mesmo ano foi colocado na ilegalidade, condição em que passaria a maior parte de sua existência. (Fonte: http://www.ael.ifch.unicamp.br/site_ael/index.php?option=com_content&view=article&id=171&Itemid=90).

pessoa que participasse dos movimentos, além de outras que não estavam diretamente ligadas, como intelectuais, artistas, cientistas entre outras:

No final de 1935, houve o levante militar contra o governo Vargas, liderado por Luís Carlos Prestes. Iniciou-se, em consequência, uma verdadeira caça às bruxas, que atingiu não só os integrantes do movimento, como também intelectuais, escritores, artistas e cientistas (MELLO, 2014, p.73)

No período de 1930 desembarcava no Rio de Janeiro alguns comunistas. Entre eles, Harry Berger¹⁶, sua esposa Elisa Berger¹⁷, Olga Benário¹⁸ e o seu companheiro Luiz Carlos Prestes¹⁹. Prestes era capitão do exército brasileiro, mas estava vivendo na capital russa com o

16 Harry Berger – Arthur Ernst Ewert - conhecido no Brasil pelo pseudônimo de Harry Berger nasceu na Prússia Oriental em 1890. Foi membro do Partido Comunista Alemão em 1921. Ao passar uma temporada em Moscou com sua esposa Augusta Elisa Saborowski (pseudônimo Elisa Berger), se encontraram com o líder soviético Joseph Stalin e conheceram Olga Benário. Viajaram por vários continentes, integrando a linha de frente do movimento comunista internacional. O casal desembarcou no Rio de Janeiro no início de 1935 para conspirar uma insurreição no Brasil, a qual seria chamada de Intentona Comunista. Em contato com os dirigentes do PCB e vivendo no país clandestinamente, Berger contribuiu para a formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL). No dia 26 de dezembro de 1935, Harry Berger foi preso, juntamente com sua esposa. Anistiado em 1945, Arthur Ewert saiu completamente louco da prisão, devido aos maus-tratos sofridos. (Fonte: Livro Nise Arqueóloga dos Mares de Bernardo C. Horta e site <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arthur-ernst-ewert>).

17 Elisa Berger – Augusta Elisa Saborowski (1886-1939) – usava no Brasil o nome Elisa Berger como pseudônimo - foi parceira de longa data e esposa de Arthur Ewert. Fez parte da linha de frente do movimento comunista internacional, juntamente com seu esposo Harry Berger (Arthur E. Ewert). Em 1935, Elisa Berger e Harry Berger foram presos, ambos sofreram terríveis torturas na prisão. Em 1936 foi entregue juntamente com Olga Benário Prestes pelo governo brasileiro para a Alemanha e detidas em campos de concentração Lichtenburg e Ravensbrück. Ela morreu como resultado de condições carcerárias desumanas. (Fonte: <http://www.ronald-friedmann.de/ausgewahlte-artikel/2011/arthur-ewert-und-elise-saborowski/>).

18 Olga Benário Prestes – Olga Gutmann Benário - que em sua atuação política usou os nomes de Olga Sinek, Eva Kruger, Maria Bergner Vilar, Olga Vilar, Ivone Vilar, Olga Meireles e Maria Prestes - nasceu em Munique, na Alemanha, em 1908, oriunda de uma família de judeus de classe média. Membro do Partido Comunista alemão desde 1926, Olga trabalhou na legação comercial soviética em Berlim. De volta à Alemanha no ano seguinte, foi presa por três meses, acusada de atividades subversivas. Ao ser libertada, voltou para a União Soviética, onde passou a trabalhar na Internacional Comunista (Komintern), órgão que buscava conferir coesão aos diversos Partidos Comunistas espalhados pelo mundo. Na União Soviética conheceu Luís Carlos Prestes, destacado líder revolucionário brasileiro, que lá vivia desde 1931, casando-se com ele. Chegando ao Brasil em abril de 1935, Prestes e Olga permaneceram na clandestinidade. Durante alguns meses, Prestes e Olga conseguiram ainda viver na clandestinidade, mas em março de 1936 foram capturados pela polícia. Mesmo estando grávida, Olga foi deportada para a Alemanha, em setembro daquele ano, sendo entregue à Gestapo, a polícia política alemã. Foi, então, enviada para um campo de concentração nazista, onde deu a luz a Anita Leocádia Prestes. Sob intensa campanha internacional pela sua libertação, Anita seria posteriormente resgatada por sua avó paterna. Olga Benário, no entanto, continuou presa. Morreu executada pelos nazistas, em 1942. (Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/olga_benario).

19 Luís Carlos Prestes - Nasceu em Porto Alegre, em 1898. Concluiu o curso de engenharia na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, em 1919. No final de 1928, transferiu-se para a Argentina, onde trabalhou como engenheiro. Nessa época, estudou o marxismo e aderiu ao socialismo, travando contato com importantes líderes comunistas, como o argentino Rodolfo Ghioldi e Abraham Guralski, dirigente da Internacional Comunista (IC). Em 1935, já casado com Olga, depois de passar por vários países, retornou clandestinamente ao Brasil, com o

objetivo de se aprofundar nas ideias comunistas, que naquele período constituía a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) desde a Revolução Comunista, com a liderança do soviético Joseph Stalin. Harry, Elisa, Olga e Prestes integravam a linha de frente do movimento comunista internacional. A missão desses membros, diante da proposta comunista, era organizar entidades e movimentos revolucionários com o propósito de instalar no mundo o sistema social comunista. Ao desembarcarem no Rio de Janeiro, os quatro se aliaram a membros do PCB com o objetivo de organizar a insurreição no Brasil, a qual seria depois chamada por Intentona Comunista. Diante dos referidos acontecimentos, o governo se tornou mais rígido, dando início a procura e apreensão de toda e qualquer pessoa que fizesse parte de tais movimentos, ou que tivessem algum tipo ligação. Como modo de evitar uma revolta contra o governo de Getúlio Vargas.

Antes de sua prisão, em 1933, com a aprovação no concurso público federal, Nise tomou posse no serviço público como médica psiquiatra. Além do trabalho que já desenvolvia como servidora Nise pertenceu à União Feminina Brasileira (UFB)²⁰, na qual trabalhava como médica voluntária, realizando consultas gratuitamente. Foi por participar da UFB que Nise foi presa pela primeira vez. Como já mencionado antes, a expansão das ideias comunistas no país - assim como em outros países e continentes - fez com que os governos investigassem e reprimisse qualquer tipo de manifestação que buscasse realizar uma insurreição ou implantação de um sistema de governo comunista. Com a preocupação em identificar os participantes ou simpatizantes do Partido Comunista, o governo solicitava que fossem feitas denúncias, onde pessoas que se interessavam em conhecer ou estudar as ideias comunistas, independente de participarem de fato de movimentos, fossem também perseguidas. Assim como, com a participação em movimentos sociais que tinha o apoio da ANL, como MELLO afirma na citação:

objetivo de fomentar a revolução no país e derrubar o governo de Getúlio Vargas. Em março de 1936, Prestes e Olga Benário foram presos. Meses depois, Olga, grávida, foi entregue pelas autoridades brasileiras ao regime nazista da Alemanha, onde morreu executada. Em 1943, ainda na prisão, foi eleito secretário-geral do PCB. Com a redemocratização do país em 1945, foi libertado, ao mesmo tempo em que o PCB conquistava a legalidade. (Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/biografias/luis_carlos_prestes).

20 União Feminina Brasileira (UFB) – ou União Feminina do Brasil - Movimento político criado em maio de 1935, filiado à Aliança Nacional Libertadora (ANL). Foi fechado em 11 de julho do mesmo ano, juntamente com a ANL, pelo Decreto nº 229. Seu objetivo consistia na defesa dos interesses da mulher no Brasil, especialmente daquelas que estavam “submetidas às mais precárias condições de existência e de trabalho”. Seu programa propunha a luta pelos direitos econômicos, sociais, políticos e civis da mulher, sem distinção de cor, religião, correntes filosóficas etc. O movimento pregava ainda a luta contra as guerras de destruição e contra os regimes que restringiam os direitos femininos. As organizadoras da União Feminina do Brasil foram Maria Werneck de Castro, Ester Xavier, Armanda Álvaro Alberto, Catarina Laudsberg, Eugênia Álvaro Moreira, Mary Mércio e Norma Mormy. (Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-feminina-do-brasil>).

Nise foi uma das pessoas atingidas por essa perseguição, tendo sido presa pela primeira vez em 20 de fevereiro de 1936, por ter pertencido à União Feminina Brasileira. Nessa ocasião, foi posta em liberdade no mesmo dia. Nise havia trabalhado como médica voluntária na União Feminina Brasileira, dando consulta duas vezes por semana. Dois meses depois de criada, a UFB foi fechada pelo governo Getúlio Vargas. (MELLO, 2014, p. 73).

Diante do exposto na citação, percebemos que a organização de movimentos que prestavam serviços com cunho social e humanitário, como o atendimento em saúde, já era visto como uma ação pertencente às ideias comunistas, e então ocorria a perseguição, como uma forma de reprimir qualquer movimento que pudesse disseminar a referida ideologia. Como no caso, aconteceu o fechamento da União Feminina Brasileira pouco tempo após sua criação.

A segunda prisão de Nise, na qual passou mais de um ano presa, aconteceu diante de uma denúncia feita por uma Enfermeira, que encontrou no quarto de Nise livros sobre marxismo em meio a outros livros que Nise gostava de lê. Como poderemos ver na fala de Nise, citada por MELLO:

Em 1936, início da ditadura Vargas, uma enfermeira do hospital, percebendo na minha mesa, em meio a livros de psiquiatria, literatura, arte, livros sobre marxismo, que eu também estudava, denunciou-me à diretoria. Na mesma noite, fui presa e conduzida ao pavilhão dos primários da penitenciária da Rua Frei Caneca, onde permaneci durante um ano e meio. Perdi o emprego e fiquei afastada do serviço público, obtido por concurso, durante oito anos, sob a alegação de pertencer a um círculo de ideias incompatíveis com a “democracia”. (SILVEIRA apud MELLO, p. 75).

Nise foi presa na noite de 26 de março de 1936, diante da denúncia feita pela enfermeira. A médica saiu do hospital presa e foi encaminhada para o DOPS²¹ localizado na Rua da Relação, e logo após, foi transferida para o presídio que ficava na Rua Frei Caneca. Segundo os relatos de Nise o ambiente que a colocaram era muito ruim, além de a cela estar infestada de baratas. Sabendo que havia um local direcionado só para as presas mulheres, após passar uma noite num ambiente terrível, ela questionou ao funcionário do presídio o motivo pelo qual ela era mantida ali, numa cela com presas comuns, quando havia uma sala destinada às presas políticas. Foi então, depois dessa sua reclamação, que Nise foi levada para

21 **DOPS** – Delegacia de Ordem Política e Social.

a Sala 4²², local onde estavam Olga Benário e Elisa Berger, entre outras mulheres, conforme os relatos de Nise apresentados por Mello (2014).

IMAGEM 12 - Prontuário do DOPS, aberto no dia 20 de fevereiro de 1936.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

PLANILHA DE REGISTO

Nome NISE MAGALHÃES DA SILVEIRA

Nacionalidade Brasileiro
Naturalidade Estado de Alagoas
Filho de Faustino de Oliveira
e de Lídia da Silveira
Idade anos. Nascido em 15 de fevereiro de 1905
Estado Civil solteira Instruções _____
Profissão Médica
Residência _____
Motivo _____

Notas Cromáticas

Cutis _____ Cabelos _____
Olhos _____ Bigodes _____
Barba _____ Como usa _____

Filiação morfológica e exame descritivo

Altura 1. _____ cent.
Fronte: Altura _____ Inclinação _____
Largura _____ Sobrancelhas _____
Pálpebras _____
Nariz: dorso _____
Base _____
Boca _____ Labios _____ Queixo _____ Orelhas _____
Marcas particulares, cicatrizes e tatuagens _____

Assinatura do Identificado _____ Identificado em _____ de _____ de _____


SERIE

| | | | | |
|-------------------|--------------------|---------------|------------------|----------------|
| | | | | |
| POLLEGARES | INDICADORES | MEDIOS | ANNULARES | MINIMOS |
| | | | | |

SECÇÃO

Polícia Civil do Distrito Federal
BRASIL
DIRECTORIA GERAL DE INVESTIGAÇÃO
Fichário de Grupos e Organizações
SISTEMA VOCTEPI
Prontuário de Identificação
SECÇÃO
Mão esquerda
Mão direita

Fotografia tirada em _____ de _____ de _____



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Aconteceu um fato logo após a prisão de Nise, mas a mesma só ficou sabendo do ocorrido quando saiu da prisão. Uma interna do Hospital onde Nise trabalhava e residia, ao

²² Sala 4 – Primeira prisão política feminina do país.

saber da prisão deu uma surra na enfermeira responsável por denunciar a médica para a Direção, como Nise relata em um dos biografemas feito por Bernardo Horta (2009):

Após ter sido presa, uma interna do Hospício da Praia Vermelha – a Luiza, que levava o café-da-manhã ao meu quarto – deu uma surra na enfermeira que me delatou. Me contaram que ela bateu pra valer, só não matou a outra porque os enfermeiros seguraram. E depois dizem que os esquizofrênicos não têm afeto ou sentimentos, são ‘anafetivos’... Luiza não falava nada, não conversava com ninguém, mas ouvia e compreendia o que se passava. No hospital, achavam que ela não entendia nada, mas estavam enganados. Aquela surra aplicada na enfermeira foi uma prova de que não existe o tal ‘embotamento afetivo’. Luiza deu demonstração de verdadeira reação afetiva. Não sei de onde tiraram esta idéia idiota de que o esquizofrênico é indiferente. Não é não... (SILVEIRA apud HORTA, 2009, p. 288-289).

Com esse acontecimento, Nise confirmou o seu pensamento de que os esquizofrênicos possuem afetividade, e que os sentimentos poderiam vir à tona de diversas maneiras. Como aconteceu com a interna Luiza, a qual era considerada pelos médicos como uma paciente que não entendia nada e desse modo não poderia expressar o que pensava ou sentia. A interna possuía uma relação, um contato com a médica, já que sempre levava o café da manhã para Nise no quarto, mostrando desde o início um cuidado e uma preocupação. Ao ocorrer à prisão, foi demonstrado o sentimento que a interna tinha pela médica, além do sentimento de raiva pela enfermeira, que culminou em uma agressão.

Ao ser encaminhada para a Sala 4, Nise fez amizades, partilhou a dor de ser enclausurada, conheceu pessoas novas, e usou daquela situação para fazer a leitura de livros que lhe proporcionariam a formação de um conhecimento ainda maior. Sendo a literatura uma das principais fontes de leitura dentro do presídio, não sendo permitida a entrada de livros com temas que tratassem de ideologias políticas, sociais, entre outras. Como irei apresentar a seguir, sobre o período que Nise ficou presa na Sala 4, no Presídio Lemos de Brito no Rio de Janeiro.

3.1.1 – O Presídio Lemos de Brito e a sala 4

Ao pesquisar sobre a fundação e funcionamento do Presídio Lemos de Brito foi identificado que, conforme Araújo (2007, p. 88) “O Presídio Lemos de Brito estava situado no Complexo Penitenciário da Frei Caneca”, em um bairro no centro do Rio de Janeiro. Criado no século XIX era antes chamado de Casa de Detenção. Conforme Araújo (2007) “o

regime disciplinar adotado consistia na denominação “tranca” dos internos durante a noite e trabalho durante o dia”.

Mesmo diante desse modelo de funcionamento, acredito que as presas políticas não exerciam nenhuma atividade de trabalho, diante do motivo de terem sido retidas com o propósito de não influenciar e nem organizar manifestações no período da Era Vargas, sendo interrogadas e algumas eram duramente castigadas.

A sala 4 ficou conhecida por ser a primeira prisão política destinada as mulheres. E ficou famosa por ser a prisão onde ficaram mulheres importantes, que atuaram na política, na linha de frente da expansão das ideias comunistas, como Olga Benário Prestes e Elisa Berger, como pode ser observado no relato de Nise sobre sua chegada:

Depois me transferiram para a famosa sala 4, onde estavam, entre outras, Olga Prestes, grávida, e Elisa Berger. [...] Elisa era fantástica! O marido, Harry Berger, também estava preso e sofreu até enlouquecer. Eles torturavam Berger de uma maneira terrível. As torturas eram feitas de madrugada e Elisa acordava toda madrugada. Eu me sentava na cama e escutava suas histórias. Ouvir aquilo tudo me atingiu muito. Para mim, aquelas torturas eram inimagináveis [...] a prisão foi uma experiência decisiva para a minha vida. Foi uma vivência muito marcante. Eu fiquei com mania de Liberdade. (SILVEIRA apud MELLO, P. 75-76).

Além da jovem médica Nise da Silveira, das comunistas Olga Benário Prestes e Elisa Berger, se encontravam presas na sala 4 outras mulheres, como: Rosa Meireles, Maria Werneck de Castro²³, Eugênia Álvaro Moreyra²⁴, Armanda Álvaro Alberto²⁵, Valentina Leite

23 Maria Werneck de Castro: *Maria Morais Werneck de Castro* nasceu no Rio de Janeiro em 1909, filha do advogado Justo Mendes de Morais e de Hermínia Cresta Mendes de Morais. Seu pai foi deputado federal por São Paulo entre 1935 e 1937. Após ingressar na Faculdade de Direito iniciou sua atividade política, militando desde 1930 em organizações como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e a União Universitária Feminina. Durante o curso, casou-se com Luís Werneck de Castro, jornalista, professor e advogado, um dos fundadores da Confederação do Professorado Brasileiro. Visto em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/castro-maria-morais-werneck-de/>

24 Eugênia Álvaro Moreyra: Eugênia participou de diversas atividades artísticas e políticas, inclusive nas áreas de teatro, rádio teatro, em saraus de poesia e na militância política feminista e comunista. É considerada a primeira repórter do Brasil. Grande parte de seus atos, mesmo artísticos, traziam uma carga política, com críticas às injustiças sociais e ao fascismo. A mesma era casada com o jornalista e poeta Álvaro Moreyra. Acessado em: <http://donavita.wordpress.com/2013/12/20/curta-biografia-eugenia-alvaro-moreyra/>

25 Armanda Álvaro Alberto: Educadora e Militante Feminista, nasceu no Rio de Janeiro em 1892. Pertencia a uma família de classe média alta, sendo que ela e o irmão não frequentaram escolas na infância, pois a mãe se responsabilizou por sua educação escolar. Aos 36 anos, casou-se com *Edgar Süsskind de Mendonça*, não adotando o sobrenome do marido, por defender posição de setores do movimento feminista brasileiro. *Armanda* estava entre os signatários do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932, cujo objetivo era determinar diretrizes para a educação nacional. Ao lado de Eugênia Álvaro Moreyra, fundou a *União Feminina do Brasil* (UFB), da qual foi a primeira presidente. (Fonte: <http://www.recantodasletras.com.br/biografias/4772271>).

de Barbosa Bastos, Noemia Mourão²⁶, Eneida Costa de Morais²⁷, Beatriz Bandeira²⁸, Haydée Nicolussi²⁹, Leonila Guilherme, Francisca Moura, Maria Joana, Antônia Venegas, Catarina Besouchet, Júlia Santos, Carmen Alfaya Ghioldi e Elvira Cupelo Colônio³⁰, entre outras. Mulheres das mais diferentes profissões foram presas sob a acusação de serem socialistas, comunistas, marxistas, e de participarem da Intentona Comunista. A Intentona Comunista foi um conjunto de levantes que possuía características revolucionárias e que foram realizadas por membros do exército brasileiro durante a Era Vargas, em meados dos anos 1935 e 1936. Os levantes ocorreram em Natal, Recife e Rio de Janeiro. Tinha como objetivo acabar com o Governo Vargas e instalar o sistema social comunista. Os membros também contavam com o apoio do comunismo internacional, que na à época o líder era Josef Stalin. A Intentona não teve sucesso, em meio aos levantes diversos revolucionários morreram em combate, além da

26 Noemia Mourão: Em 1932, estuda com Di Cavalcanti, com quem casa-se no ano seguinte. Entre 1935 e 1940, vive em Paris (França) e frequenta as Academias Ranson e de La Grande Chaumiere e estuda Filosofia e História da Arte na Sorbonne. De volta ao Brasil, estuda escultura com Victor Brecheret. Visto em: <https://www.guiadasartes.com.br/noemia-mourao/quem-foi/>

27 Eneida Costa de Morais: nasceu em Belém no dia 23 de outubro de 1903, filha de Guilherme Joaquim da Costa e de Júlia Vilas Boas Costa. Colaboradora da revista Para Todos, dirigida por Álvaro Moreira, lançou em 1929 seu primeiro livro de poemas, Terra verde. No ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, ligando-se de imediato a um grupo de escritores e intelectuais, entre os quais Manuel Bandeira, Raquel de Queirós e Sérgio Buarque de Holanda. Desenvolveu intensa atividade política em São Paulo no Partido Comunista Brasileiro, e no Rio de Janeiro ingressou na União Feminina do Brasil (UFB), foi presa por em tempo nas duas cidades. Para mais informações acessar a página: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eneida-costa-de-morais/>

28 Beatriz Bandeira: Beatriz Vicência Bandeira Ryff nasceu no bairro carioca do Méier, em 8 de novembro de 1909, filha dos abolicionistas Alípio Abdulino Pinto Bandeira e Rosalia Nansi Bagueira Bandeira.. Formou-se em piano pela Escola Nacional de Música. Nas fileiras do Partido Comunista, na década de 1930, Beatriz conheceu o futuro marido, o jornalista Raul Ryff, com quem foi casada por mais de cinco décadas. O casal exerceu a militância política. Em 1936, Beatriz foi presa e, em seguida, exilada para o Uruguai. Visto em: <http://www.abi.org.br/adeus-a-beatriz-bandeira/>

29 Haydée Nicolussi: Nasceu no Espírito Santo no ano de 1905, foi funcionária do Museu Histórico Nacional, onde se formou em museologia. Atuou em periódicos do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Participou da Revolta Comunista de 1935, tendo sido presa na mesma cadeia onde ficou Olga Benário. Participou da Guerra Civil Espanhola. Escreveu o livro de poesias Festa na Sobra e diversos contos infantis. Visto em: <http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=350>.

30 Elvira Cupelo Colônio - Militante comunista, nasceu em 1918 numa família de agricultores pobres de Sorocaba, São Paulo. Analfabeta, trabalhou como doméstica, até decidir ir para o Rio de Janeiro. Passou a frequentar as reuniões do Partido Comunista do Brasil. Em 1934, aos dezesseis anos de idade, tornou-se amante de Antônio Maciel Bonfim, conhecido como Miranda, há época Secretário-Geral do Partido Comunista do Brasil. Passou a ser chamada de Elza Fernandes. Em janeiro de 1936, Miranda e Elza foram presos em sua casa, sendo apreendidos vários documentos do partido. Foram mantidos isolados, até Elza ser liberada, não se tendo certeza se por ser de menor, se por já ser desnecessária, ou se por outro motivo. Depois de liberta passou por um tribunal realizado por membros do Partido, por acreditarem que a mesma teria feito delação de outros participantes, por ter sido considerada culpada, a mesma foi assassinada. Para acessar o texto completo: http://www.nacaomestica.org/fernandes_elza.htm

prisão de organizadores e membros do Partido Comunista Brasileiro - PCB, foram presas pessoas consideradas suspeitas, como ocorreu com Nise da Silveira, (HORTA, 2009).

IMAGEM 13 – Jornal da época falando sobre a prisão de Nise



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

A experiência vivida por Nise na prisão causou na mesma tremenda reflexão e um grande amor pela liberdade. Ela viu nesse ambiente suas colegas serem torturadas, humilhadas, castigadas. A jovem médica que saiu de Alagoas almejando um futuro no Rio de Janeiro se via agora encarcerada, tratada como criminosa, diante de suspeitas sobre suposto envolvimento da mesma com grupos comunistas. Foi exposta para a sociedade como uma comunista perigosa, ficou mal vista, sendo afastada do serviço público, o qual conquistou com

base em muito estudo. Esse acontecimento a tornaria uma mulher mais forte e mais revoltada com as injustiças da sociedade. Sociedade que de certo modo aprendeu a excluir aqueles considerados marginais fossem eles: criminosos, mulheres, comunistas, loucos e etc.

IMAGEM 14 – Entrada do Presídio Lemos de Brito, na Rua Frei Caneca, em 1934.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Em meio ao cárcere, Nise relata momentos de descontração, onde mesmo com um governo ditador, existiam funcionários que agiam com bondade.

Um dos castigos era acabar com o banho de sol, por qualquer besteira. Então havia um guarda, sempre um guarda que acompanhava o banho de sol. E havia um muito engraçado, do Rio Grande do Norte, muito rebuscado na linguagem. Era difícil fazer a gente voltar pra sala quatro. Então ele dizia: “Minhas senhoras, voltem para os seus lares e os seus leitos!” Nós ríamos com ele, mas ele era bom. (SILVEIRA apud MELLO, p.81).

Na citação feita por Mello sobre um relato de Nise, é exposta a irreverência de um carcereiro que trabalhava na prisão, e que em meio aquela situação de privação da liberdade e ainda recebendo castigos, as presas tinham momentos de risos. E nesse cenário que a jovem viveu, também teve momentos de aprendizado.

Aprendi muito na prisão. Nestor, um arrombador e assaltante célebre, era capaz de dar uma volta grande para não pisar numa formiga. Uma vez, serviu-me café e o açucareiro estava cheio de formigas vermelhas. Comecei a sacudi-lo, causando um formigocídio completo. O assaltante olhou-me com ar reprovador e disse:

- Não se esqueça de que elas também são viventes.

Hoje em dia, muitas vezes salvo a vida de um inseto em homenagem ao Nestor. (SILVEIRA apud MELLO, p. 81).

O fato contado por Nise mostra a percepção que ela obteve na prisão a partir da visão do outro, das considerações feitas por um homem que, embora não fosse um intelectual, mas sim um criminoso, tinha um pensamento que considerava qualquer forma de vida como algo precioso e defendia isso. Ela passou a ver as diferentes formas de vida com um olhar mais apurado, afinal todo ser que possui vida deve ter a mesma respeitada. Ao passar grande período na prisão como uma criminosa, Nise compartilhou com outras presas de diferentes profissões como: médicas, advogadas, escritoras, atrizes e operárias a sensação da revolta contra todas as formas de injustiças, de punições e castigos.

No período em que ficou presa Nise não recebia visitas, pois existia um risco daqueles que era próximo dela, também ficarem presos, como ela relata a seguir, que mesmo já sendo companheira do seu primo Mário, nunca se referiu a ele para que o mesmo não fosse preso:

Quando Nise foi presa, os primos, colegas e amigos não puderam aparecer na Casa de Detenção, para ajuda-la, pois corriam risco de também serem encarcerados. Ela conta: “Eu já vivia com o Mário, na época em que fui para a Frei Caneca. Mas, na cadeia, nunca pronunciei a palavra *Mário* – senão, ele seria preso.”(SILVEIRA apud HORTA, 2009, p. 301)

Naquela situação que Nise se encontrava, apenas sua amiga Zoila Teixeira ia lhe visitar. Levava alimentos e roupas limpas. Mesmo correndo o risco de ser presa. Fortalecendo assim ainda mais a amizade das duas.

Ao chegar ao presídio, sabendo que Nise era alagoana, um amigo que ali estava, quis acolher a médica que se via em uma situação tão inesperada e tão injusta lhe apresentando um conterrâneo de Nise que até então a mesma não conhecia “No dia que cheguei ao Pavilhão das Primárias, um amigo que já se encontrava lá, sabendo que eu era alagoana como Graciliano, e querendo criar um ambiente alegre para mim, me disse: - Vou trazer um alagoano para apresentar a você!” (SILVEIRA apud MELLO, p. 76). Foi nesse momento que Nise conheceu

Graciliano Ramos³¹, e daí em diante formaram uma grande amizade, como será tratado do subtítulo a seguir.

IMAGEM 15 – Vista interna da Casa de Detenção na Rua Frei Caneca



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

3.2. A Amizade de Nise com Graciliano Ramos

Por estar chegando naquele momento ao presídio, ainda desnorтеada com aquela situação tão difícil que a mesma começaria a passar, Nise não tinha a intenção de querer

31 Graciliano Ramos – Em 27 de outubro de **1892** Graciliano Ramos de Oliveira nasce em Quebrangulo – AL, primeiro de dezesseis irmãos. **1905**: Muda-se para Maceió, onde passa a frequentar o Colégio Quinze de Março. **1909**: Inicia sua colaboração ao Jornal de Alagoas, publicando o soneto Céptico, como Almeida Cunha. **1910**: No dia de seu 18º aniversário, passa a residir em Palmeira dos Índios – AL. Nesse ano, dá sua primeira entrevista como escritor ao Jornal de Alagoas, de Maceió. **1914**: Embarca em Maceió em direção ao Rio de Janeiro, à época Capital Federal, para tentar a sorte na imprensa, acompanhado de seu amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho. Nesse ano, trabalha como revisor dos jornais cariocas Correio da Manhã, A Tarde e O Século, colaborando simultaneamente para o jornal fluminense Paraíba do Sul e para o Jornal de Alagoas, assinando “R.O.” (Ramos de Oliveira). **1925**: Começa a escrever Caetés, seu primeiro romance. **1927**: É eleito prefeito de Palmeira dos Índios – AL. **1936**: É preso em Maceió – AL e levado para o Rio de Janeiro. Em ago, publica Angústia (romance), seu terceiro livro, pela Editora José Olympio – RJ. Angústia recebe o Prêmio Lima Barreto, instituído pela Revista Acadêmica. **1937**, 03/jan: É libertado no Rio de Janeiro. Escreve A Terra dos Meninos Pelados (infantil), que recebe, em abril do mesmo ano, o Prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação. **1938**: Publica Vidas Secas (romance), seu quarto livro. **1953**: É internado na Casa de Saúde São Victor. A 20/mar, morre de câncer no pulmão, no Rio de Janeiro – RJ. (Fonte: <http://graciliano.com.br/site/vida/biografia/>).

conhecer ninguém. Mas por insistência de seu amigo e também médico Isnard Teixeira, a mesma a conheceu, como Nise relata a seguir esse episódio:

Eu não queria, estava chegando naquela hora. Mas subi na grade e esse amigo foi chamar Graciliano. Graciliano também não quis vir, tinha sido operado recentemente, como é que ia subir naquela grade! Mas subiu. Ficamos um diante do outro. E é uma das mais belas páginas da literatura brasileira. Quando Graciliano voltou da Ilha Grande, eu e Eneida estávamos na enfermaria. Eneida tinha ficado doente e eu a acompanhei. Então houve uma aproximação maior entre Graciliano e eu, porque lá estavam misturados homens e mulheres. E nossa amizade continuou depois de nossa saída da cadeia. (NISE apud MELLO, p. 76).

Embora em meio a situação difícil da prisão, e das condições que ambos se encontravam, não se pouparam em se conhecer. Desse momento se iniciava a amizade de Nise com mais um alagoano, o qual também viveu a experiência do cárcere, e esse Cárcere se tornou um livro conhecido, uma grande obra de Graciliano Ramos relatando as memórias desse período de prisão na Ditadura Vargas. Assim como Nise relatou o momento em que conheceu Graciliano, o mesmo relatou esse episódio em seu livro, como podemos ver a seguir o trecho de “Memórias do Cárcere” citado por Mello (2014):

Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala quatro desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? Um sujeito conduziu-me ao fim da plataforma, subiu o corrimão e daí, com agilidade forte, galgou uma janela. Esteve alguns minutos conversando, gesticulando, pulou no chão e convidou-me a substituí-lo. Quê? Trepas-me àquelas alturas, com tamancos? Examinei a distância, receoso, descalcei-me, resolvi tentar a difícil acrobacia. A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra; se me desequilibrasse, iria esborrachar-me no pavimento inferior. Não houve desastre. Numa passada larga, atingi o vão da janela, agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zozzo, sem perceber direito porque me achava li. Uma voz chegou-me, fraca, mas no primeiro instante não atinei com a pessoa que falava. Enxerguei o pátio, o vestíbulo, a escada já vista no dia anterior. No patamar, abaixo de meu observatório, uma cortina de lona ocultava a Praça Vermelha. Junto, à direita, além de uma grade larga, distingui afinal uma senhora pálida e magra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, apresentou-se:

- Nise da Silveira.

Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver a minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática. O marido, também médico, era o meu velho conhecido Mário

Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio; certamente causava impressão muito infeliz. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agravava a perturbação, magnetizava-me. Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso. (RAMOS, apud MELLO, p. 76-77).

No relato feito por Graciliano podemos observar a riqueza de detalhes que ele revela, tanto quanto ao ambiente como ao momento em que conheceu a jovem Nise, naquela situação em que ambos se encontravam afastados de suas profissões de escritor e médica psiquiatra. Graciliano reconhece a timidez e a simpatia de Nise, que embora já sendo uma pessoa conhecida por muitos, se mantinha tímida e humilde, como Raquel de Queiroz³² em outro momento teria afirmado a grande mulher e profissional que era Nise, que não se preocupava em espalhar seus feitos, mas sim em realizar seu trabalho como médica psiquiatra.

Em 1954, quando Graciliano faleceu, Nise prestou um depoimento em que demonstra a admiração e reconhece toda a grandeza de seu amigo, como veremos a seguir:

[...] Sim, Graciliano e eu fomos muito amigos. Era uma dessas especialíssimas, raras amizades, nas quais as pessoas se comunicam de verdade, íntimo a íntimo. Nas nossas conversas, as palavras acabavam sobrando, desnecessárias, porque nos entendíamos quase de imediato, embora uma ou outra vez tivéssemos opiniões diferentes. Mas opiniões e entendimento são duas coisas bem diversas. Quando as opiniões divergem e o entendimento persiste, então a amizade é segura e tranquila. Sendo assim, está claro que nunca achei Graciliano um sujeito esquisito, como diziam alguns. Impressionava-me ver tão transparente, por trás das suas sobrancelhas arpepiadas, constante maravilhamento diante de todas as manifestações de bondade. Mesmo procurando decifrar-lhes a motivação, não conseguia desmontá-las a ponto de esgotar a surpresa e o encanto que lhe traziam. Sabia reconhece-las de longe, por pequenas que fossem, recolhi-as como quem guarda pedaços de ouro. Não deixariam de ser encerrados em seu cofre o copo de água que lhe deu um policial, nem o sorriso de simpatia do padre Falcão. Muitas vezes Graciliano me falou do gesto extraordinário do capitão Lobo, tal se me mostrasse um objeto de nunca vista preciosidade. Inclina-se sobre o caso de Paulo Turco, o detento que tomara, na mais gratuita das escolhas, o encargo de educar duas meninas mulatas, vizinhas do

32 **Raquel de Queiroz** – Nascida no ano de 1910. Escritora e Jornalista cearense estreou *O Quinze* (1930), documentário sócio-regional que ajudou a consolidar a ficção nordestina moderna. Seus romances, que têm como pano de fundo os problemas geográficos e sociais da sua região natal, centralizam a sua temática em torno da posição da mulher na sociedade moderna. Uma das maiores qualidades da autora é a profundidade e a acuidade com que retrata a alma feminina, abordando seus sentimentos e contradições com uma psicologia refinada. *Justa Homenagem*: Em setembro de 1997, a revista *Cadernos de Literatura Brasileira* se dedicou à obra da romancista Raquel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. (Fonte: <http://www.ahistoria.com.br/biografia-de-raquel-de-queiros-resumo/>).

presídio, com a paixão contida do botânico que tem diante dos olhos uma planta exótica. Comentou esta história comigo inúmeras vezes, nunca no tom de quem está fixando uma figura para livro, porém perplexo ante o mistério do homem vivo. Não era necessário que a aparição da bondade se fizesse num amigo ou companheiro, nem que se dirigisse a ele próprio. Admirava-a no agente de polícia, no padre, no oficial representante da ordem burguesa, no arrombador. Compreende-se que pessoa assim afinada para captar o bem nos mais variados comprimentos de onda, fosse do mesmo modo sensível a quais quer manifestações da brutalidade, da perfídia, do mal. Tinha, pois, que tomar medidas de defesa. Vestir carapaça dura, enrolar-se em arame farpado. [...] Na casa de Correção, onde o conheci de perto, Graciliano vivia a cadeia arbitrária na maior serenidade. Nunca o vi inquietar-se sobre a possível hora da liberdade. Não se assemelhava a esses viajantes que, no trem ou no avião, agitam-se em incessantes movimentos improdutivos e perguntam a cada instante: “Quando Chegaremos?”. Graciliano parecia um velho embarcado que não se importasse se o porto de desembarque estava perto ou longe. Foi por isso um companheiro ideal de prisão. A mim ajudou muito, e deve também ter ajudado a outros. (SILVEIRA apud MELLO, p. 77-78).

Como podemos observar no depoimento de Nise ela expressa toda amizade que tinha com Graciliano, afirmando que eles se entendiam bem e que ao se conhecerem firmaram uma amizade rara. A Dra. também defende seu amigo, apresenta algumas das qualidades de Graciliano, o qual possuía verdadeiro encanto com as diversas formas de bondade expressa pelas pessoas ao seu redor. De fato, o contato de ambos na prisão rendeu uma bela amizade.

Depois de passar um ano e quatro meses na prisão, Nise foi liberta em 1937, diante de uma ação realizada pelo Ministro da Justiça da época. A partir da sua liberdade, Nise precisou viver em ostracismo³³, diante do medo de ser presa novamente.

3.3. Liberdade e Clandestinidade

Nise, em relato, afirma saber que sairia da prisão, embora não soubesse em que momento, diante daquela situação em que vivia, ela se mantinha calma e buscava se cuidar para não cair debilitada ou doente.

Eu não sabia quando ia sair da prisão, mas tinha certeza de que sairia. Por isso, não me desesperava. Eu lia, me cuidava, comia direito. A gente

33 Ostracismo – 1 Afastamento, isolamento, expulsão da pátria. 2 Afastamento das funções políticas. 3 Afastamento da vida social, artística ou intelectual. (Fonte: Dicionário Michaelis).

observava o que acontecia: de um dia para outro, a pessoa saía. Era de repente. Eu esperava a minha vez – e realmente aconteceu. Foi depois da Macedada. Muita gente até hoje não sabe o que é isso. A Macedada ocorreu com o advento da visita de José Carlos Macedo Soares ao presídio da Frei Caneca. (SILVEIRA apud HORTA, 2009, p.304-305).

A Macedada aconteceu diante de uma ação feita por José Carlos Macedo, o qual foi convidado por Getúlio Vargas a assumir o Ministério da Justiça, diante de algumas irregularidades que ele identificou tanto nos presídios, como alguns casos de pessoas que se encontravam presos, mas sem processos e sem julgamentos, ele afirmou que só assumiria o referido cargo caso as situações dos presos e dos presídios fossem regularizadas. Nise lembra e relata o dia em que Macedo visitou o Presídio da Frei Caneca:

Eu me lembro do dia em que o Macedo esteve no pavilhão feminino. Nós todas começamos a falar, gritar e protestar contra aquela situação. Eu mesma mostrei meus tamancos para ele, com as mãos, e disse: ‘O senhor está vendo como os tamancos estão úmidos, com limo?! Aqui não há condições dignas pra se viver.’ Então, ele disse a Getúlio que só aceitaria o cargo se a situação da Frei Caneca fosse regularizada. Pediu para que soltassem as pessoas que estavam lá, presas sem processo. (SILVEIRA apud HORTA, 2009, p. 305).

Podemos observar na fala de Nise a situação precária em que essas presas viviam no presídio, em um local insalubre, correndo grandes riscos de adoecerem. Embora estivessem em cárcere, não deixavam de se revoltar e nem de protestar contra as formas de desrespeito, já que o governo não se importava com o bem estar das pessoas, mas sim em manter seu governo firme em meio às manifestações, atacando toda e qualquer forma de protestos.

Em 21 de junho de 1937 Nise saiu em liberdade. A partir da defesa do advogado e da sua mãe, Dona Lídia, que buscaram meios para tirar Nise da prisão. Como a mesma não possuía processo e nem acusação formal, devia ser liberta. Depois que José Carlos Macedo analisou a situação de vários presos, incluindo Nise, informou a Getúlio que aceitaria o caso se as devidas situações dos presos sem processo fossem regularizadas, foi então que Nise saiu em liberdade. Esse ato foi de extrema importância, já que libertou várias pessoas que estavam encarceradas sem nenhuma acusação formal, como foi visto em Horta (2009, p.304).

A partir do momento que Nise saiu da prisão, buscou aproveitar a liberdade que lhe era tão preciosa, reencontrou amigos, o companheiro Mário e a sua mãe dona Lídia. Em relato Nise afirma ter ficado com mania de liberdade, depois de ter passado mais de um ano presa, distante do seu trabalho e de todas as pessoas que amava, percebeu ainda mais a importância de ser livre, não somente da prisão, mas na vida, já que a própria sociedade muitas vezes

aprisiona uns aos outros á modelos ideias de pensamentos, ações e comportamentos. Como podemos ver na fala de Nise citada por Mello, a sua paixão pela liberdade de viver e fazer o que quisesse, quando quisesse:

[...] Foi uma vivência muito marcante. E eu fiquei muito com a mania da liberdade. Depois eu tomava um bonde ao acaso, ia até o fim da linha e voltava. Descia, tomava ao acaso outro bonde. Havia uma série de bondes que saíam da Praça Tiradentes, e eu via um bonde chamado “Alegria” e dizia: - É nesse que eu vou! [...] Era um lugar horrível, mas eu dizia: - Se eu quiser eu desço aqui, no meio do caminho, desço. Não tenho obrigação de ir até o final. Então eu tinha muito esse sentimento de poder fazer o que quisesse. Saí muito com esse sentimento. Dona do meu nariz. O bonde da Alegria não tinha nada de bonito, mas o nome me tocou e eu entrei no bonde e fui. E fui em outros, de que eu descia num ponto qualquer, pra passar pra outros. [...] (SILVEIRA apud MELLO, p.83).

Após sua liberdade e temendo ser presa novamente, Nise viajou para a Bahia junto com um primo, a mesma ficou em uma pensão, mas ao perceber que não iria conseguir se manter lá por mais tempo, resolveu visitar a família Mangabeiras, que eram parentes de um colega de Nise na prisão, o Francisco Mangabeiras Filho. A referida família acolheu bem Nise, recebendo em sua casa que era mais confortável e mais segura, diante do risco de ser encontrada e presa novamente. Nessa época o advogado de Nise, Evaristo de Moraes enviou um telegrama pra Nise, solicitando que a mesma voltasse para o Rio, a qual seria presa mais logo liberta sobre a garantia de seu advogado. Nise não voltou, pois o receio de passar mais tempo novamente presa lhe assustava, não querendo viver mais uma experiência do tipo. Daí então Nise passou a viver na clandestinidade, como relata Mello (2014):

A partir de então, Nise permaneceu na clandestinidade, na Bahia e em outros estados do Nordeste e do Norte. No início da década de 1940, nos seus últimos anos dessa fase, viveu em Manaus, onde Mário serviu como Delegado Federal de Saúde. No período da Segunda Guerra Mundial, por iniciativa de Mário, já seu companheiro há anos, Nise casou-se, em regime de comunhão de bens. O casamento foi em Recife, em 8 de novembro de 1940. O objetivo de Mário era garantir uma aposentadoria a Nise, caso ele viesse a falecer, pois, em plena guerra, ele frequentemente viajava para a base aérea norte-americana em Dacar, com a incumbência de inspecionar as aeronaves para controle da malária. (MELLO, 2014, p. 84).

Depois de um longo período presa, agora vivendo na clandestinidade Nise não podia exercer sua profissão. Passou a acompanhar Mário em seus trabalhos pelos Estados do Norte e Nordeste, Nise não podia se revelar, precisava ser discreta para não correr o risco de reconhecida, denunciada e ter que voltar para a prisão. Como não tinha muito que fazer, e

também não podia voltar a exercer sua profissão de médica, pois desde o período da prisão havia sido afastada do serviço público, ela aproveitou para se dedicar aos estudos, se dedicando especialmente às obras do filósofo holandês Baruch Spinoza³⁴. “Spinoza me deu algo que eu não sabia que existia naquela ocasião: a unidade das coisas. Tudo é uno. Quando descobri que matéria e energia são uma coisa só, uma se transformando na outra, virei outra pessoa”. (SILVEIRA apud MELLO, p. 85). Nise tinha Spinoza como um mestre, começou a ler suas obras quando ainda morava em Maceió, desse seu apreço pelo pensamento e ideias de Spinoza, escreveu um livro sobre ele, elaborado em forma de cartas.

IMAGEM 16 – Registro Geral tirado em Sergipe no período da clandestinidade, constando a data de nascimento de acordo com a mudança feita para antecipar a idade de Nise e ela ingressa na faculdade de Medicina. Já que a real data de nascimento de Nise é 15 de fevereiro de 1905.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Embora tivesse uma verdadeira admiração por obras de Spinoza, Jung, assim como por ideias socialistas, Nise não se amarrava a nenhuma ideologia ou teoria, usava o

³⁴ **Baruch Spinoza** - (também chamado de Espinosa ou Espinoza) foi um filósofo racionalista holandês, um dos mais importantes da filosofia moderna. Além de seu racionalismo religioso radical, Spinoza defendeu o liberalismo político. Nascido em Amsterdã, na Holanda, em 24 de novembro de 1632, Baruch Spinoza (ou Benedito Espinoza) era descendente de judeus de origem portuguesa. Aprofundou suas pesquisas nas áreas da teologia, línguas, filosofia e política. No entanto, suas ideias consideradas ateístas, resultaram na excomunicação de Spinoza em 27 de julho de 1656 pela comunidade judaica de Amsterdã, da qual fazia parte. (Fonte: <https://www.todamateria.com.br/baruch-spinoza/>)

conhecimento que adquiria com base nas suas leituras para poder conseguir entender cada vez mais o mundo da psique, e usar isso como instrumento do seu trabalho, para construir novas ideias e formas de desenvolver a psiquiatria e o atendimento aos chamados ‘loucos’. Como a própria Nise afirma a seguir, que não pertence a nenhuma sociedade, ideologia ou partido, já que seu interesse é realizar rupturas:

Mantive, como mantenho até hoje, simpatia pelas ideias socialistas. Mas me desliguei do Partido Comunista e nunca mais me filiei a agremiação desse tipo ou de outro. Eu não pertencço a nenhuma sociedade, nem mesmo à Sociedade Junguiana. Está claro que minha posição política é uma posição de esquerda, mas não sou pessoa de colocar nenhuma coleira no pescoço. Eu vou andando pela vida, fazendo rupturas. (SILVEIRA apud MELLO, p. 86).

Como vimos até o presente momento, Nise passou por diversos acontecimentos que contribuíram para o fortalecimento da sua personalidade, da sua visão de mundo e de humanidade. Aprendeu com pessoas diferentes, de realidades diferentes, mas que em um momento ou outro partilharam algum fato com a médica. Nise não viu apenas as transformações pelo qual o Brasil passava, ela participou dessas transformações, assim como aprendeu a transformar as coisas em que acreditava, como a psiquiatria e a terapêutica ocupacional.

IMAGEM 17 – Nise aos 83 anos com as amigas que conheceu na época da prisão: Maria Werneck, 79 anos, de pé, e Beatriz Bandeira Ryff, 78, em 1988.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Após passar sete anos desempregada e vivendo na clandestinidade, Nise foi anistiada em 1944, sendo reintegrada ao serviço público. Nesse retorno ao trabalho ela encontrou novas dificuldades, e daí em diante se colocou como rebelde e iniciou sua luta contra a psiquiatria convencional, revolucionando os tratamentos e o atendimento aos doentes mentais. É nesse próximo capítulo que apresentarei a Nise que via o doente mental, o louco, o esquizofrênico com um olhar diferente, enxergava com um olhar mais humano, com mais afeto, sem desprezo e nem desrespeito. A Nise que ficou conhecida no mundo através do seu trabalho.

IMAGEM 18 – Nise em Manaus



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

4. A REBELDIA QUE TRANSFORMA

Para navegar contra a corrente são necessárias algumas qualidades raras: espírito de aventura, coragem, perseverança e, sobretudo, paixão.

Nise da Silveira

A Rebeldia que Transforma, esse foi o título que escolhi para definir o capítulo que considero mais intenso e marcante, não só para Nise da Silveira, mas para todos os envolvidos na sua luta em defesa dos loucos.

De acordo com Nise, para navegar contra a corrente é necessário possuir qualidades importantes, entre elas a paixão pelo que faz. E acredito que, foi o amor que a médica sentia pelo seu trabalho e pelos seus clientes que fez toda a diferença na luta contra uma psiquiatria convencional. A rebeldia de Nise revolucionou a psiquiatria e a terapêutica ocupacional, mostrando que, para alcançar importantes resultados não é necessário usar métodos violentos, basta o respeito, o afeto, a paciência, e a liberdade, entre outras características que auxiliam para o tratamento mais digno dos doentes mentais.

A rebeldia aqui retratada e à qual a própria Nise considerou ter, é uma rebeldia que contesta e desaprova atitudes e ações desumanas, é uma rebeldia que luta pelos direitos a liberdade, ao respeito, a dignidade, é uma rebeldia que não tem medo de lutar e defender tudo o que considera certo, construindo e fortalecendo todo o conhecimento seja ele científico ou popular, mas que é necessário para qual quer área de atuação ou profissão, onde o trabalho faz toda a diferença quando é feito com amor e dedicação, quando não existe preconceito e exclusão, e onde se ver os resultados quando uma simples atitude de afeto ou um momento de liberdade estão presentes na vida daqueles que mais precisam e menos possuem.

Neste capítulo será discutida desde a reintegração de Nise da Silveira ao serviço público, assim como seu trabalho na Seção de Terapêutica Ocupacional, onde com um gesto de rebeldia iniciou uma verdadeira revolução na psiquiatria, até a sua morte e as contribuições que Nise deu para a psiquiatria e a terapêutica ocupacional da atualidade.

4.1. A Reintegração de Nise ao Serviço Público

No ano de 1944, depois de um longo período de afastamento do serviço público, e vivendo na clandestinidade por receio de voltar a ser presa, Nise foi finalmente anistiada,

podendo então exercer seu trabalho como Médica Psiquiátrica. O local onde Nise trabalhava que antes ficava localizado no Hospício Nacional de Alienados, na Urca – chamado de Hospício da Praia Vermelha -, mudou-se para o bairro de Engenho de Dentro, situado no Centro Psiquiátrico Nacional (depois o nome foi modificado para Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII) e na atualidade em homenagem feita a Nise, se chama Instituto Municipal Nise da Silveira), local então onde Nise voltou a exercer sua profissão e transformar a terapêutica ocupacional. Na citação a seguir, Nise relata sobre os acontecimentos desse período em que ficou afastada, e ao retornar se deparou com novos métodos e tratamentos psiquiátricos:

Durante esses anos todos que passei afastada, entrou em voga na psiquiatria uma série de tratamentos e medicamentos novos que antes não se usavam. Aquele miserável daquele português, Egas Muniz, que ganhou o Prêmio Nobel, tinha inventado a lobotomia. Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina e o de cardiazol. Fui trabalhar numa enfermaria com um médico inteligente, mas que estava adaptado àquelas inovações. Então me disse:

- A senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque.

Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele então mandou levar aquele paciente para a enfermaria e pediu que trouxessem outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse:

- Aperte o botão.

E eu respondi:

- Não aperto.

Aí começou a rebelde. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 89).

Ao conhecer as novas técnicas de tratamento, Nise se revoltou com as formas como os pacientes estavam sendo tratados, com tremenda violência. Ao ser orientada a testar o eletrochoque em um paciente, ela se negou, e foi daí que começou sua rebeldia, lutando contra esses tipos de tratamento que basicamente não tratava nada, pois era mais uma forma de calar ou mesmo aquietar aquele paciente nervoso ou que estava passando por uma crise, um surto. Com os referidos tratamentos podemos compreender que, a psiquiatria da época pretendia com esses métodos fazer com que aqueles pacientes considerados loucos, despreparados para a vida em sociedade, voltassem a viver em sociedade de acordo com os padrões considerados normais, que possuíssem atitudes e pensamentos normais, conforme o que era considerado para a época, então muitas vezes, o tratamento utilizado tirava daquele paciente o delírio, a alucinação, o deixando anestesiado diante dos surtos que possuía. Embora com os tratamentos utilizados, os pacientes não viviam em liberdade, mas sim presos em

hospitais/hospícios, sendo medicados e tratados como pessoas inadequadas para a vida em sociedade.

Conforme o relato de Nise a seguir, podemos observar que ela contesta a forma como a psiquiatria tradicional agia, diagnosticando e rotulando o paciente com uma doença tão complexa, quando os próprios médicos se limitavam a interagir com os indivíduos para poder conhecer melhor a realidade vivida por cada um, e encontrar novas formas de tirar dele o sofrimento causado pela demência:

Sempre me pareceu inteiramente sem importância fazer um diagnóstico e pôr um rótulo numa pessoa. Esquizofrenia... esquizofrenia... esquizofrenia. Isso não diz nada. O fundamental é o encontro com aquela pessoa. A certa altura, me pareceu que a esquizofrenia não é uma doença propriamente dita, com as características clássicas das doenças. A esquizofrenia resulta das cisões internas e rupturas com o mundo exterior, causadas por situações extremas, demasiado fortes para certos indivíduos. São eles, na maioria, frágeis para suportar o que nós outros suportamos – talvez até por serem melhores que nós. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 185).

Nise não considera a esquizofrenia como uma doença de fato, mas como um conjunto de rupturas do indivíduo entre o seu mundo interno e o externo, que muitas vezes é ocasionada por situações de extremo sofrimento pelo qual o indivíduo passa e não consegue suportar. Com base nisso, ela discorda dos alguns conceitos utilizados pela psiquiatria tradicional sobre a esquizofrenia. Podemos observar a seguir os sintomas definidos pela medicina para a esquizofrenia, “O indivíduo vítima da doença geralmente apresenta dois principais tipos de sintomas: I – Positivos (principais sintomas: alucinações e delírios). E II – Negativos (principais sintomas: embotamento afetivo e a pobreza do discurso).” (MATOS, PONTES, 2014, p.1). Segundo os referidos autores, “Tais sintomas afetam sua vida afetiva, social, familiar, financeira, etc., além de mudar permanentemente seu estilo de vida e dos que estão mais próximos, visto ser uma doença crônica e ainda sem cura.” (MATOS, PONTES, 2014, p.1). Como veremos ao longo do trabalho e estudo de Nise, ela discordava principalmente da definição embotamento afetivo, considerado uma das principais características da doença. Para Nise, uma pessoa que possuísse embotamento afetivo jamais demonstraria ou expressaria afeto, e diante de comportamentos que ela presenciou durante seu acompanhamento aos clientes pode notar sim, que os pacientes possuíam afeto e demonstravam o mesmo. Assim como aconteceu no caso da interna Luiza, já relatado nesse trabalho, que no momento de revolta e raiva pela enfermeira responsável por denunciar Nise quando ela foi presa, lhe deu uma surra. Para Nise, isso foi um dos muitos fatos que a fizeram

entender que a psiquiatria tradicional estava equivocada quanto às definições feitas ao esquizofrênico.

Os tratamentos que se encontravam no auge, sendo utilizados naquele período pelos psiquiatras que acreditavam ser uma verdadeira evolução, só fizeram Nise perceber que tais métodos eram apenas uma forma de silenciar e acalmar as alas dos hospícios que viviam lotadas de pessoas, todas excluídas do ambiente social em decorrência da sua inadequação as regras de comportamento e conduta.

Entre esses novos tratamentos se encontravam a Lobotomia que também era chamada de psicocirurgia. Esse método foi criado pelo português Egas Muniz, o qual chegou até a receber o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia no ano de 1949. Esse tratamento tinha como objetivo eliminar algumas doenças mentais, ou mesmo modificar comportamentos inadequados dos indivíduos, através de uma pequena cirurgia nos lobos frontais do paciente. A terapia por choque eletroconvulsivo (eletrochoque) foi outro método também muito utilizado no período em que Nise retornou ao serviço público. Esta terapia foi desenvolvida pelo neurologista italiano Ugo Cerletti, o qual tinha o conhecimento de que um choque elétrico usado na cabeça do paciente provocaria convulsões, causando assim alterações psicológicas. O neurologista buscou desenvolver esse método com base em outros tratamentos que através de meios diferentes, também provocavam e acreditavam que uma convulsão causaria mudanças no comportamento de um indivíduo com doenças mentais, como a esquizofrenia. A terapia por choque insulínico, desenvolvida por Manfred J. Sakel, também causavam convulsões, essas que foram identificadas como causadoras da melhora em pacientes. A descoberta de Sakel, um jovem polonês que era neurologista e neuropsiquiatria, ocorreram acidentalmente. Onde, através das suas observações percebeu que o uso excessivo de insulina causava convulsões, e com os resultados alcançados, foi considerado pelo mesmo como sendo um método eficaz para tratar indivíduos com vários tipos de psicoses, principalmente a esquizofrenia, (SABBATINI, www.cerebromente.org.br).

Esses tratamentos estavam em prática logo que Nise voltou, mas por não acreditar na sua eficácia, e os considerando bastante invasivos, optou por buscar novos métodos de tratar seus pacientes, sem a necessidade de provocar sofrimento ou dor para eles, mas sim um espaço livre, onde tinham sua criatividade estimulada.

Conforme foi conhecendo cada novo método utilizado pela psiquiatria como forma de tratamento aos pacientes com esquizofrenia, Nise foi percebendo que não se enquadraria a esse trabalho, a utilizar esses tratamentos que considerava uma verdadeira ameaça à vida dos pacientes. De acordo com Walter Melo (2001), Nise não aceitou, rejeitou todos os métodos

convencionais, escolhendo a terapêutica ocupacional como melhor forma de tratar um doente mental:

[...] Nise foi dando respostas para cada tipo de tratamento psiquiátrico. Disse um sonoro “não” ao eletrochoque, assumiu a terapêutica ocupacional como método não agressivo quando de seus embates com o coma insulínico e combateu a lobotomia com afinco, participando de diversos congressos e escrevendo artigos. (MELO, W. 2001, p. 66-67)

Na citação a seguir podemos observar os primeiros passos dados por Nise durante seu retorno ao trabalho, buscando novas metodologias para serem implantadas no Hospital, através de novas atividades terapêuticas:

Em 1944, eu fui para o Hospital Pedro II, fiquei trabalhando numa enfermaria. Por dois anos eu fiz um trabalho de rotina, onde tive contato com os novos tratamentos que apareceram nesses oito anos [...]. Então eu procurei o chefe de enfermaria, que era o Dr. Fábio Sodré. Ele era uma pessoa bastante aberta profissionalmente; o que ele tinha de reacionário politicamente, tinha de visão larga psiquiátrica. E eu comecei com ele a tentar criar atividades diferentes para os doentes. Logo de cara, a arquitetura, os espaços do hospital psiquiátrico, mostram o conceito que se tem da doença. Eram corredores e enfermarias, como se fosse um hospital para cirurgia. Então o Dr. Sodré tomou a iniciativa de transformar uma dessas enfermarias numa pequena sala de estar. E eu comecei a me interessar muito por uma terapêutica por meio de atividades. É possível que aí tenha contribuído também a minha experiência de prisão, porque todo preso procura uma atividade, senão sucumbe mentalmente. Você passar mais de um ano parado... (SILVEIRA apud MELLO, p. 89-91)

Como podemos observar na fala de Nise, ela identifica a experiência vivida na prisão com a experiência de ver pessoas vivendo presas em hospitais, a base de medicamentos e tratamentos violentos, onde considera que as atividades exercidas pelo ser humano auxiliam para que o mesmo não caia diante de problemas mentais, e foi enxergando essa possibilidade que ela via que aquele espaço com características de hospital não ajudavam para a recepção com o doente, o qual precisaria de um ambiente mais reconfortante e livre, e com atividades diferentes, onde pudessem expressar um pouco do que sentia, com a liberdade de viverem suas próprias alucinações.

4.2. A Seção de Terapêutica Ocupacional

A terapêutica Ocupacional desenvolvida por Nise no Centro Psiquiátrico Pedro II foi uma forma que a médica encontrou para desenvolver atividades diferentes das quais os internos daquele centro estavam acostumados a realizar, como carregar cestos de roupa suja ou fazer algum tipo de faxinas nos espaços. Nise não pretendia usar, muito menos explorar dos pacientes, sua intenção era fazer com que os mesmos sem expressassem através das atividades, relacionando o que eles possuíam no interior deles com as barreiras presentes no mundo externo, que dificultava o desenvolvimento de cada um, como expressa a Dra. Nise “A terapêutica ocupacional que procurei adotar era de atividades expressivas que pudessem dizer algo sobre o interior do indivíduo e, ao mesmo tempo, falar das relações deste com o meio”. (SILVEIRA apud MELLO, p. 92).

Embora não tivesse um setor destinado à terapêutica, com o apoio do Diretor do Centro Psiquiátrico, e diante da recusa de Nise de exercer a psiquiatria com base nos tratamentos da época, ela iniciou suas atividades com os internos, implantando pequenas oficinas, com atividades onde eles poderiam aprender e desenvolver uma função.

[...] Então, comecei, pouco a pouco, a abrir setores e oficinas, a iniciar atividades: trabalhos manuais, marcenaria, sapataria, tapeçaria, esportes, teatro, festas e, entre essas, em pé de igualdade, um ateliê de desenho e pintura. Ao todo, cheguei a abrir dezessete setores de atividades, que davam uma vida peculiar ao hospital, embora atingissem um número pequeno de pacientes porque não se dispunha de pessoal suficiente. (SILVEIRA apud MELLO, p. 93).

As atividades criadas por Nise naquele espaço fazia com que os pacientes além de aprender e desenvolver um trabalho manual, como a marcenaria, a sapataria, também trazia a possibilidade dele expressar o que havia dentro de si, que na maioria das vezes não conseguia expressar em palavras, como a pintura e a modelagem. Os momentos de descontração e diversão proporcionados pelas festas, pelos esportes e teatro, davam ao doente a liberdade de ser e viver momentos que lhe haviam sido tirado, por não ser considerada uma pessoa normal, diante de uma sociedade cheia de padrões e regras de comportamento.

A sensibilidade de Nise ao perceber a necessidade dos pacientes foi tão forte quanto a sua revolta contra os tratamentos utilizados na psiquiatria tradicional. E essa sensibilidade provavelmente foi um dos instrumentos que mais auxiliou Nise e seus monitores na percepção

do outro, das expressões que ficavam subentendidas nos pequenos gestos e atitudes dos pacientes, como podemos ver a seguir:

Nise foi criando novas alternativas no espaço hospitalar, guiada por sua fina sensibilidade e por seu olhar humano e solidário ao outro. Ela logo percebeu a importância da qualidade da relação no tratamento do psicótico e sempre agiu movida pelo afeto; procurava despertar nos monitores e nos estagiários a possibilidade de acolher os clientes do ateliê como pessoas dignas de respeito e de carinho. (MELLO, 2014, p. 93).

Conforme podemos observar na fala de Mello (2014), Nise além de usar da sua sensibilidade, reconhecia a necessidade que os pacientes tinham de serem tratados com afeto, com respeito, com carinho. Diferentemente da forma como muitas vezes eram tratados pelos seus colegas psiquiatras, onde desacreditavam dos pacientes, não vendo possibilidades deles se desenvolverem ou se comunicarem, usando apenas dos métodos rápidos que tirava o paciente do surto e controlava até que houvesse um próximo momento, assim por diante, sucessivamente. A compreensão que Nise alcançou ao longo das suas observações lhe levavam a acreditar cada vez mais na possibilidade de entender o mundo interno de cada paciente, se baseando tanto na sua história de vida como também nas suas expressões diárias, fossem através de uma atividade, de uma frase ou palavra pronunciada, muitas vezes incompreendida ou sem sentido, ou até mesmo através do acompanhamento de um monitor.

IMAGEM 19 – Nise ao centro, com a equipe de monitores, década de 1940.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

O afeto para Nise seria uma forma de acolher aquele paciente como ele era, sem exigir normalidade ou sensatez, mas sim uma paciência em esperar o tempo de cada um desses indivíduos para compreendê-lo melhor.

O esquizofrênico dificilmente consegue comunicar-se com o outro, falham os meios habituais de transmitir suas experiências. E é um fato que o outro também recua diante desse ser enigmático. Será preciso que esse outro esteja seriamente movido pelo interesse de penetrar no mundo hermético do esquizofrênico. Será preciso constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação para que relações de amizade e de compreensão possam ser criadas. Sem a ponte desse relacionamento, a cura será quase impossível. (SILVEIRA apud MELLO, p. 93-94).

Diante dessa citação, onde Nise avalia o perfil de uma pessoa identificada como esquizofrênica, considerando que existe a dificuldade de um esquizofrênico se comunicar e expressar verbalmente o que sente ou o que se passa com ele, Nise considera que para entender o mundo do paciente é necessário a dedicação e o interesse por parte daquele que o acompanha, sem isso não tem como haver um entendimento. E com essa identificação que ela consegue obter, percebemos que seu trabalho vai lhe trazendo resultados, pois suas observações lhe levam a uma relação de respeito e paciência, onde a mesma dá a liberdade que cada paciente necessita para poder se expressar, e trazer para fora sem nenhuma obrigação o que lhe afeta ou lhe perturba.

IMAGEM 20 – Oficina de sapataria



IMAGEM 21 – Oficina de costura



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

E como afirma Nise “O afeto foi fator constante na nossa Seção de Terapêutica Ocupacional, não só na pintura, mas também na encadernação, na marcenaria, na jardinagem, na costura, na tapeçaria etc.”. (SILVEIRA apud MELLO, p. 94). O afeto enquanto um

sentimento que expressa o carinho e o respeito pelo outro, fez com que os pacientes se sentissem amados, que se sentissem humanos em meio a tantos tratamentos desumanos pelos quais haviam passados, Nise então percebia que o verdadeiro tratamento começava pela dignidade dada ao paciente, que já havia sido excluído da sociedade e do ambiente familiar, e que em meio ao espaço em que vivia precisava se sentir, no mínimo, acolhido.

IMAGEM 22 – Festa Junina



IMAGEM 23 - Esporte



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Para Nise, o tratamento de respeito e paciência dado aos pacientes não poderia ser ofertado apenas nos setores de terapia, mas seria necessária uma relação entre o hospital e os setores, para que cada paciente prosseguisse com o tratamento, conseguindo se desenvolver em todos os ambientes:

O mais importante é que o doente não tem no hospital as condições necessárias para aproveitar o que adquire quando está nos setores de terapia expressiva. No caso da música, por exemplo, havia um doente catatônico, que eu tomei como desafio. Ele fazia às vezes movimentos rítmicos com os pés, “vamos pegá-lo pelo pé, vamos pegá-lo pelo ritmo”, disse à musicoterapeuta. Ruth, a musicoterapeuta, trabalhou com este doente dias e dias, durante muitas horas. Ele melhorou muito, mas acontecia que ainda andava muito devagar, e por isso a musicoterapeuta acompanhava-o na hora do almoço. Então, certa vez, o brutamontes que estava servindo o almoço, vendo que ele caminhava passo a passo, gritou: “Anda, lesma!”. Assim destruiu todo o trabalho que fora feito de manhã. Seria preciso que o hospital funcionasse harmonicamente para podermos aferir com rigor as vantagens do método. Se o doente sai de um setor de atividade livre e lhe aplicam um sossega-leão, tudo que antes foi conquistado está perdido. (SILVEIRA apud MELLO, p. 97).

Diante do fato exposto por Nise, fica evidente que mesmo havendo todo um esforço da médica junto com os monitores que trabalhavam nos setores da terapêutica ocupacional, a falta de compreensão e de contribuição de profissionais de outros setores do hospital, faziam com que todo o desenvolvimento alcançado por um paciente fosse jogado fora. Enquanto a dra. Nise os atendia com afeto e paciência, muitos os tratavam com desprezo, incompreensão e impaciência. Com tudo isso, podemos perceber que o olhar atento de um profissional, assim como Nise, pode fazer toda a diferença no desenvolvimento de um determinado trabalho. Embora ela tenha passado muitos anos longe das atividades médicas e do atendimento ao público, a sensibilidade que ela desenvolveu em toda sua formação humana, lhe proporcionou perceber a realidade e a necessidade de cada indivíduo para além do que é exposto por ele, ou do que é diagnosticado pelos médicos.

A questão do que é racional ou não, diante dos padrões determinados pela sociedade, influenciou no desenvolvimento da psiquiatria, para Nise, essa influência foi negativa, já que o louco é visto como indivíduo inadequado para as sociedades consideradas inadequadas. Desse modo, a saída muitas vezes utilizada para essas situações é a exclusão dessas pessoas, já que não produzem e não contribuem para uma sociedade que vive a base da razão:

O cartesianismo, o culto à Deusa Razão da Revolução Francesa, predominam até hoje nas sociedades que se consideram civilizadas. O louco “perdeu a razão”. Será preciso trancafiá-lo em manicômios para que ele não perturbe, além de ser improdutivo, a sociedade dos homens racionais. Um aspecto dessa concepção atingiu muito negativamente nosso trabalho. Refiro-me ao relegamento das terapias manuais e expressivas das emoções, pelas quais o médico, na qualidade de representante da razão, não teria motivo para interessar-se. (SILVEIRA apud MELLO, p. 99).

De acordo com Nise, o fato dos médicos rejeitar novas possibilidades de terapias que possam compreender um pouco mais esse mundo que vai além da razão, só tende a prejudicar o próprio desenvolvimento do profissional, que por falta de interesse, não aprende e nem desenvolve novas técnicas que realmente auxiliem para o acompanhamento e tratamento de cada paciente. E essa percepção que Nise teve não vem apenas das influências históricas que cercam a psiquiatria e o louco dentro de uma sociedade, ela percebe isso principalmente no espaço de trabalho, diante da rejeição e falta de compreensão dos médicos para com os indivíduos e novos métodos de terapêutica ocupacional:

Uma coisa que me decepciona é a falta de compreensão de alguns médicos que aqui trabalham. Apesar de estar afirmado e reafirmado por grandes

mestres da psiquiatria a utilidade da ocupação com fim terapêutico, vários colegas meus não lhe dão o devido crédito. Para que eu mantenha meu setor em atividade, esforço-me mais do que era preciso. É enorme a dificuldade com que consigo alguns doentes. Saio implorando a um e outro colega, mas eles não dão valor à “ocupação terapêutica”. Acreditam mais em “choques” elétricos e outros processos. Talvez seja a influência da época que atravessamos: a era da máquina. A alma é colocada em segundo lugar. (SILVEIRA apud MELLO, p. 99).

As dificuldades que Nise tinha até mesmo para conseguir pacientes para o seu setor, só demonstra a descrença dos colegas médicos em atividades que necessariamente não foram criadas por nenhuma ciência específica e não utilizavam de nenhuma máquina. Mas que necessitavam principalmente de atenção, de paciência e de afeto. A indignação que a médica adquiria ao perceber esse desprezo por parte dos seus colegas, só a fez se fortalecer cada vez mais em suas convicções, que embora não fosse valorizada, mas que teve um grande reconhecimento ao longo dos anos, mediante os inúmeros resultados alcançados, que demonstraram sim que as atividades expressivas tanto é uma forma de conhecer o mundo interno do paciente, como também é uma terapia, um tratamento para os conflitos vividos por cada indivíduo. Conforme Mello (2014), Nise lutava constantemente em prol dos tratamentos mais humanos, mesmo com todas as críticas recebidas por parte dos colegas “A falta de visão dos colegas, as críticas, os impedimentos burocráticos, nada disso detinha Nise no seu empenho em abrir caminhos para o tratamento humanizado de pessoas que estavam tão largadas, tão esquecidas, nas enfermarias e nos frios pátios sem cor”. (MELLO, 2014, p. 100).

Diante da visão mais humana e mais aberta de Nise, ela sofreu também preconceitos por parte dos colegas, que a julgava de forma pejorativa diante da sua criatividade e espontaneidade que tinha em desenvolver atividades que buscasse incluir cada pessoa em um ambiente livre de julgamentos e de estigmas de loucos ou doentes crônicos, como pode ser observado em um relato feito por Nise:

Fiz festival de poesia, festival de música com composições deles, e isso era considerado brincadeira. Como eu juntei rapazes e moças, um colega psiquiatra, hoje analista da Zona Sul, disse:

- A Nise se comporta como uma dona de gafieira.

Naquele tempo, a gafieira era uma palavra pejorativa. Uma das formas de boicotar o meu trabalho era o corte de verbas para a compra de papel para os ateliês de pintura. Eu, aí, dizia:

- Não tem papel? Então eu vou no arquivo e apanho os jornais.

E eles diziam:

- Nise é uma pessoa sofisticada. Ela manda pintar no Diário Oficial. (NISE apud MELLO, p.101).

Diante das barreiras impostas no caminho de Nise, onde não se acreditava no trabalho que a mesma desenvolvia, não contribuía e ao mesmo tempo buscavam atrapalhar, impedindo que a mesma realizasse as atividades que havia criado para com seus clientes. Observamos ao longo desse trabalho que Nise teve dificuldades e enfrentou inúmeras barreiras por ser mulher, por buscar exercer uma profissão que era em sua maioria formada por homens, por enfrentar uma ciência que estabelecia através de métodos elaborados tratamentos desumanos para com os considerados loucos, e criou mesmo com todas as dificuldades e descrença novos métodos de Terapêutica Ocupacional, área esta que era tão desprezada e rejeitada pela classe médica, e mesmo assim, Nise conseguiu desenvolver um trabalho que deu resultados e demonstrou que existem tratamentos mais eficientes e que proporcionam maior dignidade para cada paciente.

Diante desse trabalho desenvolvido por Nise da Silveira na Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II, podemos observar as considerações feitas por Carlos Drummond de Andrade, o qual reconhece a importância das atividades e do trabalho desenvolvido pela alagoana, mediante as atividades de pintura que conseguiam fazer com que cada cliente exponha um pouco sobre seu mundo interno, seu inconsciente:

Seu Serviço de Terapia Ocupacional abriu um caminho para a interpretação de valores obscuros, em potencial no espírito atormentado: o caminho da criação artística. Sem querer aumentar o catálogo de nossos pintores, escultores, gravadores. Nise interroga o inconsciente e consegue que dele aflorem as representações artísticas espontâneas, prova de que nem tudo em seus autores é caos ou aniquilamento: perduram condições geradoras de uma atividade bela, a serem devidamente estudadas visando ao benefício do homem futuro, tornan-do-o mais transparente em suas grutas interiores. (ANDRADE, apud MELLO, 2014, p. 263).

As atividades nos ateliês, principalmente de pintura, não tinham como objetivo formar artistas ou grandes pintores. Nise via através da pintura uma possibilidade de comunicação com esse mundo interno em que vivia o esquizofrênico, e que através do devido estudo e análise de cada obra poderia proporcionar para médicos, pesquisadores, estudantes, entre outros, um conhecimento maior a cerca dos conflitos vividos por cada indivíduo.

4.2.1 – Os animais e a coterapia

Entre os métodos utilizados por Nise na Seção de Terapêutica Ocupacional, ela buscou sempre inovar, diante das suas observações atentas a tudo que poderia auxiliar no tratamento e acompanhamento dos seus clientes, e assim ela descobria novas formas de melhorar a relação dos internos com o mundo:

Tudo começou em 1955. Alguém jogou uma cadela no campo de esportes do hospital. Um doente recolheu o animal. Deixei que o fizesse porque senti que necessitava fazer essa experiência. O paciente, que não se comunicava com ninguém, com coisa nenhuma, começou a se libertar. Caralâmpia ficou e hoje é uma de minhas melhores auxiliares. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 103).

Diante do acontecido, Nise percebeu que a atitude do doente em recolher o animal poderia possibilitar uma relação do mesmo com o mundo externo, desse modo, ela permitiu que a cadela permanecesse naquele espaço, como uma forma de auxiliar no contato do doente com o mundo externo, já que não expressava nenhum tipo de comunicação. E realmente, o animal por ter características afetuosas e por distinguir um ser humano normal de um considerado louco, conviveu e contribuiu de forma significativa para o tratamento dos pacientes. Aquela cadela, que hora tinha sido abandonada naquele espaço foi adotada carinhosamente por Nise e pelos internos, e ainda recebeu o nome de Caralâmpia, nome esse que Nise admirava desde a sua infância.

De acordo com Mello (2014), Nise buscava sempre construir pontes entre o esquizofrênico, o mundo que o mesmo possuía dentro de si e o mundo externo. Os métodos, embora fossem discriminados pelos seus colegas médicos, deram uma contribuição ainda maior para a construção do conhecimento e das novas terapias que auxiliavam os pacientes, sem o uso de choques, da química ou de cirurgias. O animal enquanto coterapeuta proporcionou ao doente a relação de afeto, considerada uma prática importante na recuperação de doentes, se difundiu pelo mundo, e até os dias atuais é utilizado e recomendado:

No seu ímpeto de criar pontes de comunicação com o esquizofrênico, Nise mais uma vez ousou, criando uma nova modalidade de atividade, em que animais funcionavam como coterapeutas. Seu objetivo era facilitar a construção de elos com a realidade externa por pessoas que dela haviam se afastado. Hoje essa prática é difundida em todo o mundo, com diferentes espécies de animais. (MELLO, 2014, p. 103).

No espaço e na oportunidade que Nise deu de analisar a relação dos doentes com os animais, ela percebeu que as qualidades que os cães possuem e que transmitem para os seres humanos, sejam eles doentes ou não, oferece possibilidades de estabilidade para o paciente no mundo externo, conforme podemos perceber na sua fala:

Desde a adoção da pequena cadela Caralâmpia por um doente que frequentava uma de nossas oficinas, verifiquei as vantagens da presença de animais no hospital psiquiátrico. Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente hospitalar. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 103).

Essa relação entre o doente e o animal que Nise enxergou como uma forma nova e diferente de contribuir para o tratamento de cada indivíduo, não vem apenas das suas observações em meio ao seu trabalho, vem também da paixão que Nise possuía pelos animais, da importância que ela dava ao mesmo, e da compreensão que tinha de cada animal e o seu devido comportamento, e como esses contribuem para os seres humanos, embora muitas vezes sejam abandonados e excluídos por serem animais irracionais.

O cão é afetuoso. Se ele é afastado e depois você chamar, ele vem. O gato, não. O gato é de uma dignidade absoluta.
Não há gato vira-lata. Não há. Cada um é príncipe, é uma realeza e tem que ser tratado com toda deferência, sempre.
Isso foi a batalha talvez maior da minha vida. A luta – por quererem exterminar os animais – para manter os animais. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 105).

Nise com sua sensibilidade consegue analisar as características dos gatos e dos cães, e percebe seu significado e importância para com o mundo humano. Por serem muitas vezes os animais mais afetuosos do que o próprio homem, ele consegue atingir níveis de relação no tratamento, que nem a própria ciência e seus métodos conseguem alcançar e tratar, como acontecia na relação dos internos com os animais.

IMAGEM 24 – Rafael, que permanecia sempre afastado de todos, abraça afetuosamente o cão Cacareco, seu amigo constante.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Ao longo dos tempos, os animais foram sendo mais frequentes no espaço da Terapêutica Ocupacional, além de Caralâmnia, outros cães foram acolhidos, e tinham um papel significativo, como coterapeutas conseguiram auxiliar para o tratamento e recuperação de muitos doentes que se encontravam internados há muito tempo e sem conseguir estabelecer uma comunicação com o mundo externo. Mas, assim como as lutas que Nise já enfrentava ao instalar a Seção de Terapêutica Ocupacional, surgiram outras, diante da presença dos animais nos espaços do Centro Psiquiátrico, utilizados por Nise. As dificuldades impostas e até as ações tomadas pela administração do hospital, sem consultar Nise, que era a então responsável pelos animais e pela Terapêutica Ocupacional lhe provocava grande revolta, ao ponto da mesma colocar seu cargo a disposição diante da falta de respeito para com o seu trabalho, onde os animais eram retirados e levados para os Serviços Veterinários para serem sacrificados. Nise expressou toda sua indignação em uma carta enviada ao diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, para que o mesmo tomasse providências a cerca do que estava se passando no Centro Psiquiátrico.

Sr. Diretor do SNDM
Prof. Lopes Rodrigues

Já teve V.S. conhecimento dos fatos ocorridos no Centro Psiquiátrico Nacional, nos dias 13 e 14 do corrente. Seria longo e inútil de novo referi-los. O assunto – presença de animais na Seção de Terapêutica Ocupacional (considero terapeuticamente útil o contato de doentes com animais) – poderia ter sido cordialmente resolvido entre o Sr. Diretor do

CPN e a médica psiquiatria que lhe está subordinada, que tem por ele muito apreço e muita consideração. Mas ficou patente que o administrador daquele órgão se sobrepôs à autoridade do próprio diretor.

Estou sempre pronta a acatar as ordens de meus diretores, porém jamais aceitaria que um administrador, usando métodos de capataz de serviços rurais, trate-me com insolência e pretenda estender seu domínio sobre a seção cuja orientação técnica estava a meu cargo. Assim, venho solicitar a V.S. minha transferência para outro órgão do SNDM. Confesso ser doloroso para mim afastar-me da Seção de Terapêutica Ocupacional, seção que oriento desde seus primeiros passos. Entrego-a agora com 19 setores de atividades em funcionamento; com um museu possuidor de importante acervo de obras plásticas de psicóticos, e que talvez seja, segundo opinião expressada por escrito pelo Prof. Lopez Ibor quando nos visitou, em outubro de 1956, “un colección artístico psicopatológico único em el mundo.”

É bem compreensível que eu tenha apego a um trabalho ao qual dediquei, durante longos anos, bastante mais do que um esforço de rotina. Ser-me-ia, entretanto, impossível continuar realizando meu modesto trabalho de caráter científico em repartições onde um administrador pretende capatazear médicos.

Aguardando que V.S. atenda com a possível brevidade ao meu pedido de transferência do CPN para outro órgão do SNDM, rogo-lhe aceitar meus protestos de admiração e apreço.

Nise da Silveira (apud MELLO, p. 107).

Nise já havia conquistado um espaço significativo na sociedade mediante o trabalho realizado na Seção de Terapêutica Ocupacional, com os resultados alcançados através de tratamentos inovadores e diferentes. Conforme a relação que Nise possuía com os meios de comunicação e com diversos membros da sociedade, ela conseguia apoio em meio a sua luta em defesa dos doentes e também dos animais. O reconhecimento da importância desse trabalho desenvolvido por Nise com a utilização dos animais ganhou força pelo apoio recebido por diferentes segmentos da sociedade. Diante dos acontecimentos e da importância que a médica tinha para a continuidade do seu trabalho com a Terapêutica Ocupacional, o Diretor Prof. Lopes Rodrigues recusou a sua transferência para outro setor, afastando o então administrador responsável pela retirada dos animais, Nise retornou ao trabalho com o objetivo de dar continuidade as suas atividades com os doentes, onde se tinha os animais como coterapeutas.

IMAGEM 25 – Jornal Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 28/01/1960.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

E durante o acompanhamento da relação entre doente e o cão, Nise tinha mais possibilidades de contestar a afirmativa da psiquiatria tradicional, de que as pessoas esquizofrênicas não possuíam e nem demonstravam o afeto, como já mencionado em outros momentos pela médica. A partir do cuidado expresso pelo doente para com o animal, se via a preocupação e o carinho com existia, fazendo com que o doente se mantivesse por algum momento distante dos conflitos internos, se dedicando a cuidar de uma criatura que independente de qualquer situação lhe transmitia afeto, como podemos ver no relato de uma situação vivida por Nise com um doente:

No dia 27 de agosto de 1965, logo que cheguei ao hospital, Carlos me disse:
- Quero dinheiro para despesas de Sertanejo. Perguntei, espantada: - Que despesas?, e Carlos respondeu: - Água oxigenada, mercurocromo, gaze.

Sertanejo havia ferido uma das patas. Carlos fez as compras na farmácia próxima, trouxe o troco certo do dinheiro que lhe dei, e com perícia fez o curativo na pata de Sertanejo. (SILVEIRA, apud MELLO, 110).

IMAGEM 26 – Carlos e Sertanejo



IMAGEM 27 – Nise e Caralâmpia



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Conforme os cuidados de Carlos com o cão Sertanejo se nota uma relação de cuidado e de interação, onde o paciente reconhece as necessidades do animal ao perceber que o mesmo estava machucado, buscando junto a responsável pelo setor, que era Nise, as devidas providências para o tratamento do animal. Diante disso se nota as possibilidades do doente interagir com o mundo externo normalmente, mesmo possuindo dificuldades e conflitos internos, a relação com o animal auxiliou na convivência e na comunicação dos doentes, distanciando eles um pouco dos conflitos que eram tão presentes.

Além da relação que Nise possuía com os animais na Seção de Terapêutica Ocupacional, ela criava gatos em seu apartamento, pelos quais possuía um verdadeiro amor e cuidado. Ela além de manter e considerar importante essa relação com os animais que mesmo com seu jeito irracional, conseguia transmitir aos seres humanos todo afeto possível. Sua indignação com a forma como os animais eram tratados iam para além dos portões do Centro Psiquiátrico. Com uma sensibilidade diferenciada, Nise lutava contracorrente defendendo os animais como seres indefesos e que mereciam todo respeito e cuidado. Como pode ser

observado em uma carta que a mesma escreveu para o vizinho, o qual não conseguia perceber as necessidades e o sofrimento do seu cão, sem nenhuma estimação:

Caro senhor meu vizinho,
De minha janela acompanho os sofrimentos do seu belo cão, prisioneiro na pequena sacada de seu apartamento. Ele se lamenta raramente. Mas não são os seus lamentos, na voz que Deus lhe deu, que me incomodam. O que me incomoda, ou melhor, o que me faz doer o coração é a sua insensibilidade, caro senhor. Raciocine um instante – preso naquela sacada, dia e noite, batido violentamente pelo sol e exposto às chuvas e aos ventos. [...]
O cão é um ser amoroso, a solidão em que ele vive talvez o faça sofrer ainda mais que as torturas físicas. Fico imaginando que o senhor o prende naquela sacada para proteger o seu apartamento, provavelmente forrado de tapetes ou carpetes. Mas de que valem essas míseras vaidades diante de um ser que poderá ser o melhor amigo que o senhor jamais possa ter em toda a sua vida? (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 289).

4.2.2 – Os camafeus

Durante todo o trabalho desenvolvido por Nise nas Instituições que criou, ela buscava interagir e se relacionar com os seus clientes da melhor forma, onde todos os casos clínicos receberam sua devida atenção e dedicação. Mas, entre todos os casos acompanhados por Nise e pelos seus monitores, alguns ganharam notório destaque diante do desenvolvimento e do trabalho realizado, onde expressavam o mundo interno que possuíam através da pintura ou da modelagem, se comunicando com o mundo externo através da sua arte.

Foram alguns dos clientes que se tornaram clássicos não só para Nise, mas para todos que os conheceram e tiveram contato com os seus trabalhos. Nise os chamava de camafeus, entre eles: Isaac Liberato, Lúcio Noeman, Raphael Domingues, Emygdio de Barros, Fernando Diniz, Adelina Gomes, Carlos Pertuis e Octávio Inácio.

De acordo com o Dicionário Michaelis, Camafeu significa “pedra preciosa, com camadas de diversos matizes e esculpidas em relevo.” Desse modo, podemos compreender que Nise tinha seus clientes como verdadeiras preciosidades, que precisavam ser compreendidas, e que através do afeto e do respeito conseguir expor seus sentimentos mais inconscientes através de imagens e esculturas.

Para Bernardo C. Horta (2009), as novas metodologias utilizadas por Nise para compreensão desse mundo vivido pelo esquizofrênico surgiam para contestar a psiquiatria tradicional. Embora, com todas as dificuldades existentes, o trabalho que Nise desenvolveu

trouxe ao conhecimento da sociedade a história de pessoas pobres e excluídas por serem diagnosticadas como loucas:

Quem esteve com a Dra., a viu atuar, testemunhou força de trabalho aliada à disposição. Mesmo quando duramente criticada, nunca desistia, prosseguindo confiante. Sorte daqueles que, nos anos 1940 e 1950, assistiram ao nascimento da obra de Nise – sobretudo, das obras de seus camafeus, em telas e esculturas repletas de arte e expressão. A psiquiatria se mostrava aberta a novas experiências. Em vez de diagnosticar e classificar, ouvia e observava os clientes. Assim, recuperou a biografia de gente empobrecida e marginalizada, em desequilíbrio emocional – tornando, alguns deles, notórios. (HORTA, 2009, p. 318).

As obras desenvolvidas pelos camafeus foram verdadeiras fontes de estudos não apenas para a psiquiatria, mas para todos aqueles que tinham interesse em conhecer e compreender o que se passava no mundo do esquizofrênico.

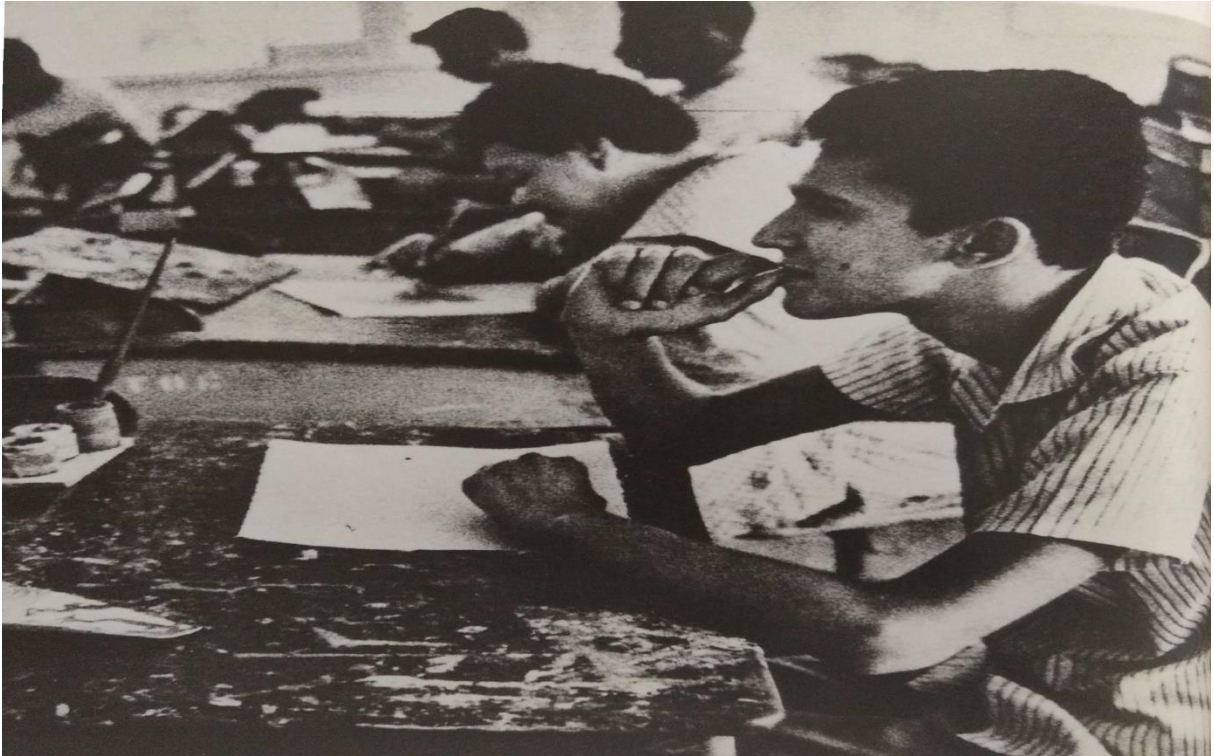
4.2.8 – Ateliê de Pintura

Entre todos os ateliês criados por Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico, o que mais se destacou entre todas as atividades desenvolvidas, foi o ateliê de pinturas. O Qual fez surgir artistas, que embora não tivessem frequentado nenhuma escola de artes, produziam obras que impressionavam a todos.

Um dos grandes colaboradores de Nise nesse trabalho no ateliê de pinturas e também de modelagens foi o artista Almir Mavignier, que na época trabalha como monitor no Centro Psiquiátrico, e após conhecer o trabalho que Nise estava desenvolvendo naquele espaço, viu a possibilidade de contribuir significativamente para o tratamento dos internos, os quais passavam maior parte do tempo sem desenvolver nenhum tipo de atividade, mantendo-se na tristeza de estarem ali isolados e desprezados. Sobre os pintores de Engenho de Dentro, Almir Mavignier afirma, “Os pintores do Engenho de Dentro não pertenciam a essa família. Suas obras fazem descobrir, na história da arte moderna do Brasil, um grupo de artistas incomparáveis, porque não foram influenciados por tendências estrangeiras.” (MAVIGNER, apud MELLO, p. 114). Podemos perceber que Almir enquanto artista que era, percebia o diferencial desses artistas que se formaram no Engenho de Dentro em meio a loucura que possuíam, pois os mesmos não tinham conhecimento de conceitos teóricos sobre pintura ou

modelagem, expressam naturalmente aquilo que possuíam dentro de si, como se referia Nise, essas obras eram as ‘Imagens do Inconsciente’.

IMAGEM 28 – O ateliê de pintura e os seus frequentadores.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

E Nise considerava a pintura não somente um importante instrumento de tratamento para os seus clientes, mas também, um importante meio de comunicação e de conhecimento sobre esse mundo interno em que os doentes se encontram. Pois através da pintura esses conseguiam expressar o que sentiam e o que não conseguiam expressar de forma considerada racional – através da fala ou do relato direto -, traziam para fora suas emoções e as suas vivências, como podemos observar na análise feita por Nise:

A pintura mostrava mais do que as outras atividades, porque trazia retratos do mundo interno do pintor, como se fosse possível ver através de frestas o que estava acontecendo dentro da cabeça do doente, coisa impossível com a palavra. Com o neurótico em sessão psicanalítica, pode-se obter muitas informações sobre processos internos, mas com o psicótico isso é difícil porque a linguagem proporcional dele é nula, ou ele fala apenas quando quer expressar alguma coisa que o emociona. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 114-115).

Nise também afirma que a ação de pintar consegue libertar o indivíduo a partir do momento que ele consegue expressar as imagens que possuem em suas mentes, causadores da confusão e do sofrimento pelo qual os mesmos passam, conseguindo então organizar-se: “Cedo o indivíduo verifica que o ato de pintar o liberta de estados psíquicos de muito sofrimento. [...] Dando forma a suas imagens internas, simultaneamente ele se modela a si mesmo, pois aquilo que está pintando é algo ativo dentro dele. E o que é ativo dentro dele não é outra coisa senão ele mesmo.” (SILVEIRA, apud MELLO, p. 115).

Ao observar as explicações de Nise, podemos perceber que, a partir do acompanhamento feito por ela a cada cliente e da observação das pinturas realizadas por eles, ela consegue compreender o processo da organização na pintura, como estando relacionado à questão do tempo e do espaço. De forma que, a melhoria vai acontecendo conforme o indivíduo consegue distinguir e organizar cada imagem que possui em sua mente:

A maneira de perceber a imagem, o tempo e o espaço nos quais você está vivendo é extremamente variável. O que causa o delírio e a alucinação é, sobretudo, a aproximação excessiva do objeto. Eu observava nas pinturas dos doentes que os objetos estavam tão próximos que quase se superpunham. E, à medida que o doente melhorava, o espaço que separava os objetos aumentava. A partir daí, comecei a estudar o problema do espaço e do tempo na esquizofrenia [...]. (SILVEIRA, apud MELLO, P. 123-125).

Nise ao discutir a questão do tempo para o esquizofrênico, também critica a ação de alguns colegas psiquiatras, que com base na psiquiatria tradicional usam de perguntas lógicas como forma de identificar se o paciente está lúcido ou não. Para ela, a questão do tempo é algo a ser bastante analisado, já que para os doentes, nos casos de esquizofrenia o tempo paralisa em meio a doença, dificultando a identificação de tempo e espaço:

Me revoltava muito quando colegas meus perguntavam a internados, cujos casos não estavam completamente estudados: “Que dia é hoje? Que horas são?” Uma vez eu estava entrando na Casa das Palmeiras e vi um doente que participava de muitas atividades, era muito dinâmico e achei estranho que ele estivesse parado num canto. Eu lhe perguntei: “O senhor não está se sentindo bem?” Ele me respondeu: “A senhora não sabe como é difícil passar do ano de 1973 para o ano de 1974.” Isto foi nos primeiros dias de janeiro. A questão do tempo. Se você está junto de sua sogra e ela é uma senhora antipática, dez minutos são infinitamente longos. Mas se você estiver com a sua namorada, o tempo corre rápido. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 125).

Nise considera a falta de interesse da psiquiatria tradicional em buscar compreender a questão do tempo espaço de um indivíduo com esquizofrenia um verdadeiro problema, o qual dificulta todo o processo de tratamento necessário para a melhoria do doente, “A ausência de interesse da psiquiatria pelos problemas do espaço torna-se patente na arquitetura hospitalar. É uma arquitetura feia, fria, rígida. Dá suporte e reforço ao medo, ao sentimento de estar isolado de tudo.” (SILVEIRA, apud MELLO, P. 125).

Diante do trabalho que se desenvolvia e crescia a cada dia mais no ateliê de pinturas, houve aqueles que duvidaram da origem das obras, assim como acabavam por duvidar do trabalho da Dra. Nise da Silveira, a qual não media esforços e nem desistia de continuar com suas práticas mediante as dificuldades impostas. Podemos observar a seguir que, as obras produzidas pelos internos eram de uma qualidade tão evidente, que chegou a ser avaliadas como sendo de artistas plásticos já reconhecidos e admirados:

Houve até um diretor do Centro Psiquiátrico que não acreditava que as pinturas eram feitas pelos doentes. Ele dizia que eu era uma pessoa muito sofisticada e que tinha muitos amigos artistas plásticos. E achava que era Di Cavalcanti que pintava e que eu trazia os trabalhos durante a noite. Conteí a história para o Di e ele morreu de rir. Na época, fiquei muito irritada com isso, mas hoje também acho engraçado. (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 283).

Com isso, podemos mais uma vez perceber as ideias que muitos possuíam, de modo a analisarem o esquizofrênico como um ser humano incapaz de produzir ou de realizar algo, principalmente de fazer algo com qualidade. Essa exclusão é feita mediante seu estado de ser marginalizado, que nada faz de bom e que não serve para os padrões da sociedade. Esse foi mais uma questão que Nise lutou, o reconhecimento do indivíduo como um ser humano capaz de realizar diversas coisas, mesmo possuindo uma doença como a esquizofrenia, e diante de tudo, lutava para que fossem respeitados e tratados como seres humanos dignos. Nise nunca teve a intenção de tornar os pacientes grandes artistas, sua intenção era criar pontes entre esse mundo externo e o mundo interno do paciente, de forma que eles conseguissem ter melhorias e viverem bem. Também não era sua intenção colecionar as obras produzidas por eles, mas sim, fazer uso de cada imagem como um acervo de pesquisas e estudos que proporcionaria a diversos profissionais o conhecimento sobre esse mundo interno do esquizofrênico. “Nunca quis reunir pinturas, desenhos ou esculturas como joias da coroa para dizer depois: “Olha o que eu colecionei.” O desejo de servir à evolução da psiquiatria brasileira foi o que me fez guardar tudo isso.” (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p.285).

4.3 – O Museu de Imagem do Inconsciente e a Casa das Palmeiras

Alguns anos após a criação do Serviço de Terapêutica Ocupacional, Nise criou duas outras importantes instituições, o Museu de Imagens do Inconsciente e a Casa das Palmeiras. Ambas tiveram importantes papéis na revolução que já vinha acontecendo na psiquiatria, através dos novos métodos de terapia que Nise tinha implantado no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro.

O Museu de Imagens do Inconsciente - (MII) surgiu devido à quantidade e qualidade das obras confeccionadas no ateliê de pinturas e modelagens, formando assim um grandioso acervo, onde os materiais eram utilizados por Nise em suas pesquisas, e cujo acervo ganhou espaços em exposições tanto no Brasil, como também no exterior. Levando ao conhecimento de inúmeras pessoas o belíssimo trabalho desenvolvido pelos loucos em um hospício brasileiro. Segundo Mello,

Em 28 de setembro de 1956, o Museu de Imagens do Inconsciente passou a ocupar instalações mais amplas, inauguradas com a presença dos ilustres psiquiatras Henry Ey, de Paris, López Ibor, de Madri, e Ramón Sarró, de Barcelona, que se encontravam no Rio a convite da Universidade do Brasil. (MELLO, 2014, p. 135-136).

A visita desses psiquiatras foi uma oportunidade que Nise teve de apresentar aos seus colegas de profissão os resultados alcançados com uma terapia tão simples, mas que foi capaz de trazer melhorias para a vida de indivíduos sem ser necessários o uso de medicamentos, eletrochoques ou cirurgias de lobotomia.

IMAGEM 29 – Corredor do Museu de Imagens do Inconsciente de 1956 a 1981.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Vejamos o que fala Mário Pedrosa, grande crítico das artes plásticas, o qual teve a oportunidade de conhecer o trabalho de Nise junto aos novos artistas brasileiros:

O museu que a doutora Nise batizou, com sua habitual precisão, Museu de Imagens do Inconsciente, é mais que um museu, pois se prolonga de interior a dentro, até dar num ateliê onde artistas em potencial trabalham, fazem coisas, criam, vivem e convivem. [...]

Ali, com efeito, se foram reunindo, ao acaso, todo um grupo de enfermos – esquizofrênicos, tirados do pátio do hospício para a seção terapêutica, desta para o ateliê, do ateliê para o convívio, onde passou a gerar-se o afeto, e o afeto a estimular a criatividade. (PEDROSA, apud MELLO, 2014, p.275).

Mário Pedrona reconhece nesta citação a grandeza do Museu, que não é apenas um espaço de exposição das obras produzidas, mas também um espaço de criação e de convivência de pessoas excluídas, que vivem na solidão de um hospício. Além destas funções que o Museu possui, ele também é um ambiente onde é construído o conhecimento. Através dos estudos realizados com base nos materiais produzidos e no acompanhamento a cada cliente. Como afirma Luiz Carlos Mello, “A pesquisa no museu é marcadamente interdisciplinar, permitindo assim uma troca constante entre experiência clínica, conhecimentos teóricos de psicologia e de psiquiatria, antropologia cultural, história, arte e educação.” (MELLO, 2014, p. 139). Diante dessa fala, podemos afirmar que o Museu, assim como o trabalho de Nise da Silveira, é importante para diversas áreas do conhecimento. Tanto contribui para a psicologia e para a psiquiatria mostrando novos métodos de conhecer o mundo interno dos esquizofrênicos e propiciar melhorias no estado do ser, como também é de grande importância para a história, que através da pesquisa pode se aprofundar no contexto cultural, social, político, privado e público que abrange a vida dos internos, tomando conhecimento de diversos fatores que fizeram parte da construção de uma sociedade brasileira, de desafios e conquistas alcançados ao longo dos tempos.

Dando ênfase a essa instituição Museu de Imagens do Inconsciente e da importância que a mesma teve para o desenvolvimento da terapêutica ocupacional, vejamos o que diz Carlos Drummond de Andrade a respeito do Museu e da sua fundadora Nise da Silveira:

Resultado desse trabalho que seduziu outros psiquiatras e discípulos, levando-os a cooperar com a frágil e forte pessoa de Nise, é o Museu de Imagens do Inconsciente [...]. Os museus não valem como depósitos de cultura ou experiência acumuladas, mas como instrumentos geradores de novas experiências e renovação de cultura. Só assim deve ser entendido o maravilhoso acervo de obras recolhidas ao museu que é alma e vida de Nise. (ANDRADE, apud MELLO, 2014, p. 263).

Conforme foi exposto na citação, o Museu enquanto resultado de um trabalho sério e que estava dando inúmeros resultados diante da psiquiatria e da terapêutica ocupacional, proporcionou as condições de inúmeros pesquisadores terem acesso a novos métodos que surgiram para revelar a necessidade que esses doentes - que na maioria das vezes são abandonados a solidão dos hospícios - possuem de atenção, de afeto, de serem tratados como seres humanos que são e não como objetos sem serventia para a sociedade. Através do Museu que expôs ao mundo as possibilidades de um esquizofrênico, é possível hoje um tratamento mais digno, um reconhecimento de que existem formas de acessar a esses mundos internos em que eles se encontram e mediar melhorias, diminuindo o sofrimento deles.

Conforme afirma Nise,

Há escolas que estudam as imagens, mas admitem que as imagens pintadas são apenas válidas como meio para que o indivíduo chegue à expressão verbal, que para elas é a única válida. A imagem como veículo terá de ser traduzida em palavras. Para nós, a imagem é válida em si mesma, ela fala por si própria, e fala eloquentemente. Por isso talvez nosso trabalho tenha tido muita repercussão entre pessoas mais sensíveis a esse mundo das imagens, poetas artistas, escritores, músicos, e tenha pouca aceitação no meio psiquiátrico propriamente dito. [...] Mas acho a imagem extremamente poderosa, e, se um doente consegue verbalizar esse fenômeno dizendo “Mudei para o mundo das imagens”, se eu quiser entendê-lo, tenho de acompanhá-lo nesse mundo das imagens, do contrário ficarei do lado de fora da porta. Por isso dou tanto valor ao museu, onde a imagem se apresenta em sua maneira mais nítida. [...] Mas a psiquiatria deu uma guinada e ficou valorizando excessivamente os produtos químicos. Os medicamentos foram usados cada vez em doses mais altas e espaço de tempo mais prolongado. Não direi que não se usem medicamentos, é evidente, mas as altas doses e o seu uso prolongado inibem a atividade criadora do indivíduo, seja para pintar, seja para trabalhar em madeira, seja para trabalhar em qualquer outra atividade. Qualquer trabalho criativo fica inibido se doparem o indivíduo. A psiquiatria atual está dominada pela quimioterapia, verdadeira camisa de força química, enquanto a velha camisa de força era mecânica. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 139).

Diante da referida citação, compreendemos junto à explicação de Nise que, as imagens produzidas por um esquizofrênicos são instrumentos de comunicação, onde é preciso ter a sensibilidade para entender o que as imagens querem dizer, já que para Nise, estas imagens falam por si. Enquanto que a psiquiatria tradicional não consegue enxergar as imagens como instrumento de expressão direta do doente, faz o uso de medicamentos como forma de suprimir a demência do indivíduo, dessa forma, ao invés de possibilitar meios para o indivíduo se comunicar com o mundo exterior, o silencia com uma camisa de força química.

IMAGEM 30 – Inauguração das novas instalações do museu, em 1956.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Durante todo o seu trabalho, Nise teve que superar muitas barreiras, embora o trabalho a cada dia se desenvolvesse e ganhasse o reconhecimento de pessoas dos mais diversos segmentos da sociedade, ainda sim sofria tentativas de sabotagem daqueles que não acreditavam no seu trabalho, por vezes correndo o risco do Museu ser fechado, a dificuldade com o repasse de verbas, entre outras coisas. Ela contava com a imprensa como forma de denúncia, “Todas as denúncias que fiz foram divulgadas, e durante todos estes anos o Museu só funcionou porque a imprensa me deu cobertura.” (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 294).

A Casa das Palmeiras foi mais um espaço criado por Nise com o propósito de atender algumas demandas identificadas no espaço hospitalar. Pois, para Nise não bastava cuidar dos indivíduos durante seu período de internamento, seria preciso um espaço que o acolhesse após a alta hospitalar, que realizasse um acompanhamento com um atendimento humanizado, evitando assim a reinternação.

O espantoso número de reintegrações [70%] dava testemunho de que algo estava errado no conjunto do tratamento psiquiátrico. Daí nasceu a ideia de criar um setor do hospital que funcionasse como uma espécie de ponte entre o hospital, a família e o meio social. Essa proposta não teve nenhuma repercussão. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 171).

Com a citação acima, percebemos que Nise entendia a complexidade dos problemas existentes no ambiente hospitalar, conforme os tratamentos psiquiátricos tradicionais que não apresentavam bons resultados. A quantidade de reinternações a fez pensar em uma forma de estabelecer uma relação mais próxima do doente com o tratamento hospitalar, a família e a sociedade. O incluindo assim, numa reintegração em todos os ambientes. Mas, Nise não conseguiu criar esse espaço dentro do Hospital, mais uma vez não recebeu nenhum apoio. A seguir Nise explica como seu deu a criação da Casa das Palmeiras:

Aí eu encontrei uma médica que tinha trabalhado comigo no Engenho de Dentro, que trabalhava numa Casa de Saúde e enfrentava o mesmo problema. E essa minha colega, Maria Stella Braga, era amiga de uma senhora chamada Alzira Lafayette Cortes, que era diretora do Colégio Lafayette na Tijuca. E ela disse que a dra. Alzira já havia cedido um prédio velho do colégio para a APAE, e havia um andar em cima que estava vago. Quem sabe ela não cedia? A Stella conversou com ela e a dra. Alzira topou a ideia. Aí eu comecei a pensar: como é que se vai fazer? Era começo de 1956, o mesmo período em que estava havendo já essa transa com o Instituto Jung, eu pensando nesse Congresso, ir para Zurique em 1957. Um período de muitas coisas. Então começamos a pensar, Maria Stella Braga, eu, uma assistente social de São Paulo – Lígia Loureiro – e uma moça que era artista, Bellah Paes Leme: cada uma sugeria uma coisa e a casa foi fundada a 23 de dezembro de 1956. Uma coisa que nós quebramos foi essa persona de médico, enfermeira eu não quis, não tem aparatos. Foi um pouco ousado para a época, com regime de externato, portas abertas. Entra uma hora e sai às seis. (SILVEIRA, apud, MELLO, p. 171-172).

Conforme o relato de Nise, podemos analisar a questão da reinternação como uma falha no serviço ofertado, já que depois de superada a doença e de alta, muitos internos voltaram ao surto. Nise junto com amigas que partilhavam do mesmo problema e da mesma preocupação decidiram criar um espaço em que os indivíduos depois de superado os seus problemas psicóticos pudessem frequentar, desenvolver atividades que lhes auxiliassem na continuidade do tratamento, evitando assim cair novamente em súbito. A seguir Nise explica a escolha do nome Casa das Palmeiras, e evidencia os resultados alcançados a partir do funcionamento da mesma:

No jardim, havia um círculo de Palmeiras, e alguém sugeriu um nome que achei lindo: Casa das Palmeiras. O primeiro doente que apareceu tinha 13 internações, e nunca mais precisou de nenhuma, sendo hoje monitor da instituição. De 1962 a 1978, a Casa das Palmeiras teve 125 frequentadores e 13 reinternações, ou seja, 10%. Se compararmos com os números antigos, poderemos observar quanto progresso uma simples medida sensata produziu. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 172).

Partindo dos números apresentados por Nise, podemos analisar a instituição como mais uma revolução na psiquiatria e na terapêutica ocupacional, que até então tinha como base de serviços a internação dos pacientes e a utilização de métodos como, por exemplo, o eletrochoque e os medicamentos excessivos. Na organização da Casa das Palmeiras Nise não quis incluir médicos e enfermeiros, e a instituição funcionava em regime de externato, os clientes entravam e saíam livremente, de acordo com a sua vontade, assim como escolhiam a atividade que queria realizar. Considero essa liberdade que existia como um dos principais fatores que auxiliavam para a recuperação das pessoas, diminuindo a recaída em surto. E em meio a ousadia e coragem que Nise teve de criar uma instituição fora do comum, ainda tinha aqueles que desacreditavam nas possibilidades de desenvolver um trabalho diferente e que obtivesse grandes resultados, como relata Nise: “A Casa das Palmeiras foi criada em 1956, com as portas e janelas abertas para os loucos. E me diziam: “Você é louca, vai acontecer um desastre.” Desastres acontecem, o que se vai fazer? Mas a Casa está aberta, liberdade não faz mal a ninguém.” (SILVEIRA, apud MELLO, p. 172).

Diante do trabalho que já era desenvolvido no Hospital, assim como em outras instituições psiquiátricas, Nise queria algo que se diferenciasse ofertando um serviço necessário e importante para a recuperação dos doentes, “Eu queria uma casa que não fosse como as instituições tradicionais, para que o doente não perca o contato com a família, a família não perca o contato com o seu doente e ele não seja violentamente desligado do mundo e da vida.” (SILVEIRA, apud MELLO, p. 172). Uma casa onde as pessoas se sentissem acolhidas e não internadas, onde se sentissem livres e a vontade com as demais pessoas, partilhando de um convívio harmonioso, “A Casa das Palmeiras é um pequeno território livre, onde não há pressões geradoras de angústia, nem exigências superiores às possibilidades de resposta de seus frequentadores. [...] Portas e janelas estão sempre abertas. Os médicos e os demais membros da equipe técnica não suam uniformes ou crachás. [...]” (SILVEIRA, apud MELLO, p. 172).

IMAGEM 31 – Nise, funcionários e clientes, nos primeiros anos da Casa das Palmeiras.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Quanto a essa nova forma de atender e receber os frequentadores da Casa das Palmeiras, Nise via como uma forma de incluir as pessoas no convívio social, pois esses doentes já haviam sido estigmatizados como loucos e excluídos por serem considerados inúteis para a sociedade. Diante disso, o ambiente oferecido na Casa das Palmeiras só contribuía cada vez mais para a terapia, auxiliando para o fortalecimento do indivíduo e sua relação com a família e a sociedade, como pode ser observado na fala de Nise:

Essas normas inusuais, que existem desde a fundação da Casa, nunca contribuíram para fomentar desordem. Pelo contrário, seus efeitos criaram um favorável ambiente terapêutico para pessoas que já sofreram humilhantes discriminações em instituições psiquiátricas e até mesmo no âmbito de suas famílias; isso sem citar, por demais óbvias, as dificuldades que se erguem no meio social para recebê-los de volta. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 173).

Além da necessidade de fortalecer a relação do indivíduo com o meio em que ele convivia, como a família e a sociedade, na Casa das Palmeiras, assim como nos outros espaços em que Nise desenvolvia o seu trabalho, ela sempre buscou se distanciar dos parâmetros da psiquiatria tradicional, pois não concordava com a forma que essa psiquiatria identificava e tratava o doente. “Não temos nem queremos ter contato com a psiquiatria tradicional. Ela, muito dentro de nossa cultura, valoriza sobretudo o verbal, o puramente

racional, e pretende se relacionar com o doente a esse nível.” (SILVEIRA, apud MELLO, p. 174).

Nos ateliês criados neste espaço que trazia, sobretudo, um jeito diferente de acolher os frequentadores e de tratá-los, Nise considerava de grande importância o desenvolvimento da criatividade por parte dos indivíduos, não permitindo assim que eles seguissem um modelo ou copiasse coisas, como ela diz que, “Nas atividades desenvolvidas pelos doentes, não se copia nada eu nunca admiti cópias. Todo mundo deve inventar alguma coisa, pois eu acho que a invenção, a criatividade, reúne em si várias funções psicológicas importantes para a reestruturação da psique.” (SILVEIRA, apud MELLO, p. 176). Com isso, ela via possibilidades e acreditava que a liberdade de inventar contribuía para a melhora do indivíduo. Além de acompanhar o desenvolvimento das atividades, Nise participava dos trabalhos de forma a conhecer melhor cada frequentador, buscando entender os pensamentos deles. Como podemos ver a seguir a reflexão que ela faz com base em um pensamento exposto por um frequentador:

Sempre tomo muito a sério o que os clientes me dizem. Há pouco tempo foi realizado um exercício de teatro na Casa das Palmeiras, dirigido por Geo Britto. Era um exercício simples, em que os clientes deveriam fechar um olho e abrir outro. Um dos participantes não conseguia. E, então, ele deu essa resposta lapidar, em que tenho passado horas pensando, procurando aplicá-las nas pessoas que eu conheço e em mim mesma. O cliente disse: “Você acha que é fácil abrir os dois olhos ao mesmo tempo? Há pessoas que passam a vida inteira e só conseguem abrir um olho.” E eu venho me perguntando, desde então, se eu tenho aberto os dois olhos. Olhos para a natureza, olhos para a expressão das pessoas, olhos para dentro de mim mesma. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 179).

E esta é uma reflexão que todos nós devemos realizar, será que temos abrido os dois olhos para enxergar tudo que está ao nosso redor?! Acredito que não, partindo de uma afirmação feita por um indivíduo considerado louco, podemos perceber que o ser humano trás um mundo tão complexo em si, que não consegue abrir os dois olhos para poder perceber a realidade e avaliar as próprias ações. Se considerarmos todos os problemas causados pelos seres humanos no mundo, podemos confirmar o questionamento de Nise como algo extremamente importante, onde vivemos em um mundo louco, que excluí os indivíduos por considerar a sua loucura inadequada para uma sociedade cheia de opiniões e preconceitos pelas diferenças.

Enfim, a Casa das Palmeiras foi mais uma instituição criada por essa Alagoana que não temia ser diferente e agir diferente. E que mesmo com toda dificuldade existente,

principalmente a falta de recursos, não desistiu e ousou ao criar uma instituição gratuita, de portas abertas, com livre acesso e participação de seus frequentadores. Como ela afirma que “[...] A Casa das Palmeiras está na miséria. A casa não visa lucros comerciais, não é uma fundação, não têm convênios e nem os quero. No Jornal O Estado de São Paulo saiu algo engraçado, mas verdadeiro, o que é raro em jornal. Publicaram o meu retrato, dizendo: “Ela prefere ser uma loba faminta a um cão na coleira”.” (SILVEIRA, apud CAMARGO E HORTA, 1991, p.123). Além da persistência e da luta contínua, Nise contou com a colaboração das pessoas para conseguir manter a instituição funcionando, “A entidade, que, desde 1961, é considerada de utilidade pública, dá assistência gratuita a todos aqueles que dela necessitam. E através de mensalidade de nossos associados, de doações e de campanhas beneficentes, temos conseguido manter a instituição nestes onze anos de existência.” (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 182).

Com a criação da Casa das Palmeiras diversos frequentadores tiveram a possibilidade de dar continuidade ao seu tratamento sem precisar perder sua liberdade. O trabalho desta instituição foi de tamanha importância para o desenvolvimento da psiquiatria e de novas formas de tratamento. Tanto que, foi com base nesta casa fundada por Nise que surgiu os novos modelos de instituições de atendimento, os Centros de Atendimento Psicossocial - CAPS. Diante dos resultados alcançados na vida dos frequentadores, e da importância deste espaço de convivência, Nise recebeu o devido reconhecimento por parte daqueles que viviam a loucura e que necessitavam de um atendimento e tratamento mais humano, digno, com mais respeito e afeto. E foi com o intuito de retribuir o importante trabalho desenvolvido pela Dra. Nise da Silveira que um dos frequentadores escreveu um poema dedicado à mesma.

CASA DAS PALMEIRAS

À dra. Nise da Silveira, naturalmente.

Também, um dia, um tempo,
Conheci a demência,
Para não ser ou me sentir
Superior aos outros.

Na masmorra da angústia
Fui lançado, de repente,
Para reconhecer
A herança da nossa miséria,
Os vínculos fraternos?

O que me falta ainda
para ser humilde?

Nessas horas, nesses anos de tortura,
 despossuído de mim,
 - Só! –
 eu temia
 a ausência de um teto,
 da proteção de paredes,
 de um espaço de paz...

Não sabia que existias,
 Casa das Palmeiras,
 Na Pátria dos Sabiás.

Se a doença voltar,
 Se a loucura voltar,
 Não me feches tuas portas,
 Ó casa materna,
 Útero alcatifado de minha mãe.

Acolhe-me caridosamente,
 Deixa-me viver os últimos dias
 Na companhia
 Dos meus irmãos mais simples.

Os renegados
 Os bem-aventurados.
 Que eu fique com eles
 Em convívio amoroso,
 Até que chegue o sono
 Em que a poesia acaba.
 Cassiano Nunes (apud MELLO, 2014, p. 180).

Com esse poema Cassiano Nunes consegue explicar sobre todo o sofrimento vivido perante a demência, com a exclusão do convívio social e com as necessidades básicas que todo ser humano necessita. Através das suas palavras ele afirma a importância da Casa das Palmeiras para o acolhimento das pessoas que viveram ou vivem com a demência.

Nise diante de todo o trabalho realizado e com a criação de instituições, ela sempre se manteve uma pessoa simples e humilde. Para ela o mais importante era a satisfação em realizar um trabalho em que ela acreditava, onde estaria contribuindo efetivamente para o desenvolvimento da psiquiatria e da terapêutica ocupacional. E enquanto uma legítima nordestina, nunca negou suas origens, mas sim afirmava as suas características:

Por que minha casa é simples? Ora, sou de natureza nordestina, de hábitos modestos. Mas não posso me queixar. O livro que quero, eu tenho. Fui três vezes à Europa. Se me fechasse no consultório, para atender a mais gente, e ganhar mais, não teria tempo para me dedicar ao trabalho no Engenho de Dentro e também à Casa das Palmeiras, instituição de atendimento

psiquiátrico sem fins lucrativos. Essas coisas dão um prazer tão grande à gente, que nenhuma fortuna poderia me dar. A grande riqueza sempre traz grandes aborrecimentos. A vida simples é a mais agradável, diferente de uma vida restritiva, na qual não se pode fazer o que se tem vontade. (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 292).

4.4 – A Terceira Idade e a Aposentadoria Compulsória

Já na terceira idade, ao completar seus 70 anos, Nise foi aposentada pelo serviço público de forma automática. Embora não pudesse mais trabalhar como servidora, ela continuou a desenvolver suas atividades, colaborando para a continuidade das atividades que tinha criado.

A aposentadoria compulsória atingiu-me em 1975, mas foi difícil para mim desvincular-me do museu. Continuei a frequentá-lo como “estagiária voluntária”, participando de seu grupo de estudos ainda por alguns anos. Mesmo atualmente mantendo contato com a equipe técnica, que, até agora, continua caminhando na linha do trabalho iniciado por mim e mesmo ampliando seu raio de ação, por meio de audiovisuais que focalizam temas surgidos do “mundo das imagens”. Mas não negarei minhas apreensões quanto ao futuro. Para navegar numa contracorrente, são necessários requisitos raros: espírito de aventura, persistente coragem e paixão. (NISE, apud MELLO, 2014, p. 261).

Com toda a influência que teve no desenvolvimento do trabalho na Seção de Terapêutica Ocupacional, depois com a criação do Museu de Imagens do Inconsciente e da Casa das Palmeiras, além de livros, filmes, grupos de estudos, pesquisas, viagens, exposições, entre outras, se desligar de um trabalho ao qual dedicou praticamente a sua vida, naturalmente não seria nada fácil para Nise. E por este motivo, além da preocupação com o futuro desse trabalho que ela buscou estar sempre por perto, acompanhando a manutenção do mesmo e contando com a ajuda de colegas e da mídia, para não permitir que todo esse trabalho se perdesse perante novos métodos que a psiquiatria desenvolvesse. Nise diante de tudo que enfrentou e dos problemas que ainda existiam, sabia que, mesmo existindo pessoas dedicadas, a manutenção dessas importantes instituições não tem como ocorrer se não houver muita força de vontade e persistência para lutar.

IMAGEM 32 – Nise em sua residência, década de 1980.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Além disso, o trabalho desenvolvido, as pinturas produzidas ao longo dos anos por diversos clientes são de extrema importância para o estudo sobre o mundo interno do esquizofrênico, para poder conhecer e desenvolver tratamentos que tragam a melhoria para os doentes, conforme as necessidades e as dificuldades que vão surgindo na vida destes. Assim, Nise afirma a importância da continuidade das pesquisas tanto para manter os trabalhos existentes, como para acompanhar os passos dados pela ciência:

Nosso enorme acervo de nada servirá, será coisa morta se não for estudado. Cabe a vocês essa tarefa, que exige ter diante de si muitos anos pela frente. Cuidar, defender o patrimônio. Estudar, desenvolver nossos atuais métodos de pesquisa, tornando-os mais sistematizados e precisos, acompanhando sempre o desenvolvimento da ciência, que não para nunca. Vocês não perderão seu tempo. Estas imagens surgidas do inconsciente, do mundo primordial, têm muitas coisas a revelar sobre os mistérios da atividade criadora. (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 261-262).

Além da preocupação que tinha pelo avanço da psiquiatria e dos tratamentos terapêuticos, Nise expressava um imenso amor por todo o seu trabalho. Afirmava a necessidade do afeto no tratamento dos doentes, e conseguia transmitir todo afeto e paixão que tinha pelo seu trabalho através da sua dedicação exclusiva ao serviço público:

“As atividades privadas não me atraem. Sinto-me visceralmente amarrada ao serviço público. Penso como Antonin Artaud: “Há dez mil modos de ocupar-se da vida e de pertencer à sua época.” Não desejo parar, enquanto me restarem algumas forças, de trazer meu grão de areia para ajudar aqueles que mais sofrem: o louco e o animal.” (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 262).

Assim como a citação feita por ela sobre Artaud, ela demonstra através de todos os anos de luta e defesa por seres humanos marginalizados que, cada indivíduo escolhe do que irá se ocupar e não apenas pertencer, mas também representar sua época. Nise não só representou como revolucionou, sendo considerada por muitos uma melhor a frente do seu tempo.

Sobre essa rebelde que provocou uma verdadeira revolução na psiquiatria tradicional, trazendo para a prática métodos simples de atender com mais dignidade e amor, Carlos Drummond de Andrade expressa o respeito pelo trabalho de Dra. Nise, considerando de extrema importância para toda a sociedade o trabalho realizado por ela:

Há visível engano nos registros burocráticos referentes à funcionária federal, nível 22-A, dra. Nise da Silveira. Segundo os papéis oficiais, a aludida servidora atingirá, no próximo dia 10 de janeiro, a idade limite que determina aposentadoria compulsória. A contagem deve estar certa, se baseada em certidão de nascimento. Mas cumpre excluir do total 15 meses em que a dra. Nise não trabalhou nem viveu a vida normal, pois esteve presa. Seria justo descontar-lhe da idade esse tempo vazio, por um lado, e cheio de angústia, por outro. [...] Nise na compulsória? Corrijam os números, senhores escrivães, pois tudo isso conta, e muito, existencialmente. (ANDRADE, apud MELLO, 2014, p. 263).

Com as considerações feitas, podemos entender que, o tempo que Nise passou presa e em ostracismo podem ter causado uma privação do desenvolvimento do seu importante trabalho. Como também podemos considerar que, o período em que passou presa e afastada lhe proporcionaram importantes ensinamentos, um deles foi a paixão que Nise adquiriu pela liberdade. E a liberdade foi um dos seus principais instrumentos motivadores do trabalho com os esquizofrênicos, que puderam expressar livremente o seu mundo interno, estabelecendo assim uma forma de comunicação, que mesmo não sendo verbal, dizia muito sobre a vida de cada indivíduo.

Nise em todos os anos de vida demonstrou uma força incrível de lutar por tudo que acreditava, em defesa dos indefesos e dos excluídos. E assim ela conquistou seu reconhecimento tanto a nível nacional como internacional. Na terceira idade, mesmo

debilitada e já em cadeiras de rodas, nunca deixou de exercer as atividades de que gostava, cuidar dos gatos, ler, e contribuir para a psiquiatria e a terapêutica ocupacional. Ela em seus relatos não demonstrava temer a morte, mas sim ao que antecede esse momento, como ela fala na citação a baixo:

[...] Uma coisa impressionante do gato é a maneira que ele sabe morrer. Eu já acompanhei a morte de vários gatos, a dignidade deles é o que eu desejaria ter. Porque o homem não sabe morrer, muito poucos sabem. [...] Não é a morte, é a antemorte que é terrível. [...] Você tem que cair nas mãos dos médicos, os médicos querendo fazer coisas para prolongar a vida que já acabou, praticamente. Horrível. Tenho muito medo. Eu digo: Pelo amor de Deus, nunca me levem para o CTI. Mas eles levam... (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 299).

E em 30 de Outubro de 1999 Nise faleceu...

[...] Nise morreu de insuficiência respiratória no CTI do Hospital da Lagoa, lúcida, quarenta dias depois de internada.
Fui visitá-la pouco antes de sua transferência para o CTI, e disse:
- Vamos sair dessa!
Ela respondeu:
- Desta eu não escapo. Vou para outras galáxias.
E lá se foi Nise andarilha cósmica, numa viagem que ela mesma pronunciou em seu poema:
[...] O poeta do espaço
É um andarilho errante
Ele salta de um planeta a outro
De uma estrela a outra
Em grandes passadas
Ele não carrega nem cajado nem sacola
Ele é livre [...]. (MELLO, 2014, p. 299).

Partiu então para sua última aventura a Dama do Inconsciente, como era chamada, a alagoana e rebelde, Nise da Silveira. Partiu deixando um grande legado, uma revolução na psiquiatria e nos tratamentos aos loucos, e um pedido de que o trabalho continue vivo e atuante. Através de suas concepções Nise deixou vários ensinamentos, entre eles, o de que “A pior doença é a maldade – isso consegue destruir tudo, todos, de forma aniquiladora. O que mata é o preconceito, o que mata é o desamor.” (SILVEIRA, apud HORTA, 2009, p.86). A seguir, mais um poema dedicado à médica alagoana, onde uma cliente relata sua gratidão à Nise e ao seu trabalho, lutando pela liberdade e pela paz daqueles considerados loucos, e que eram tratados muitas vezes com agressividade e desrespeito:

À Nise da Silveira

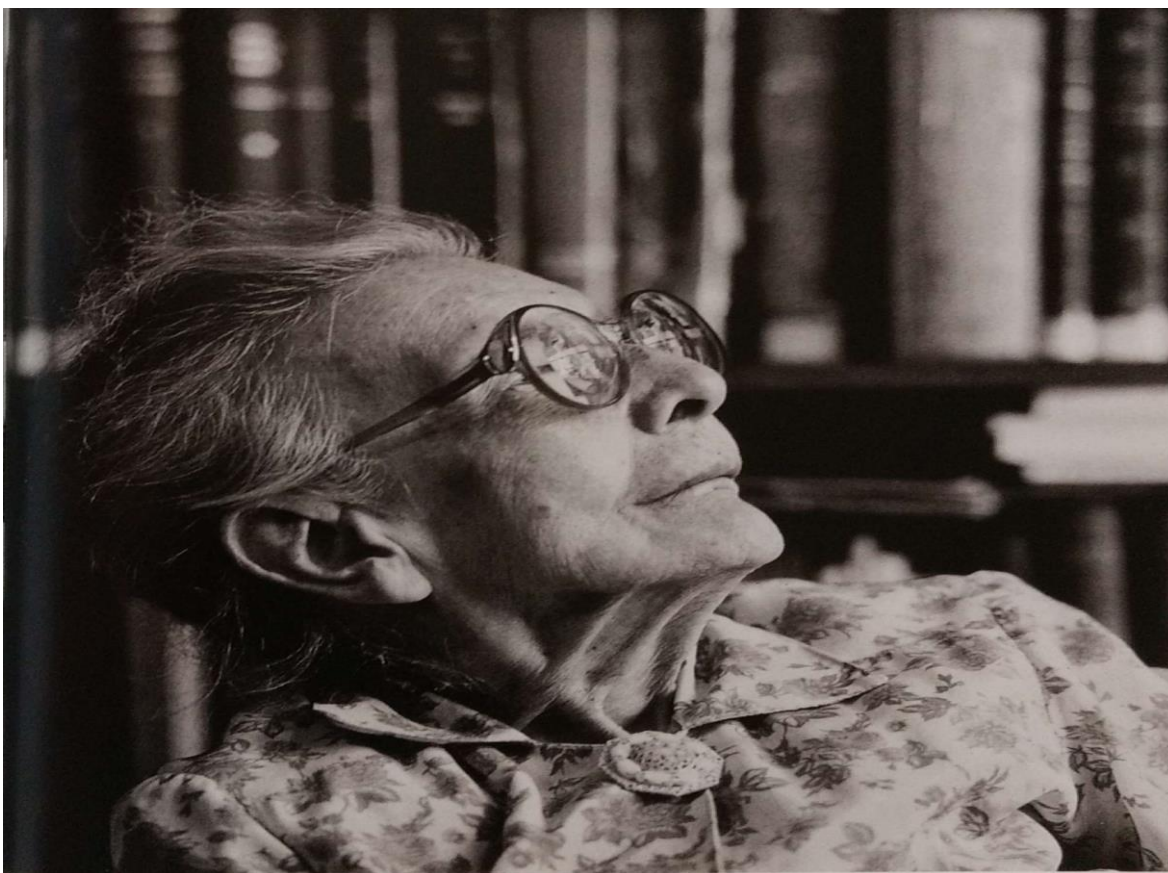
De onde vieste
Bendita, de onde vieste
Para libertar-me da carga de 500 volts
Não é da terra o teu espírito
Bendita assim, só de outro mundo

Lutaste para que eu viva
Em paz minha realidade
Dispensas os neurolépticos
Que impregnaram meu organismo
Eles mexem com a hipófise
Inibem meu sistema nervoso
Remexem o hipotálamo
Em robô sou transformado

Valorizas meu trabalho
Me tens como ser humano
Bendita sejas, mulher
Que entendeste meu sofrimento
Meu desespero...

Por uma causa, por minha causa
Ficaste enclausurada
Perto de ti, não sussurro
Posso gritar, posso olhar
Falo de minha dor
Sem precisar dos 500 volts
Debatendo-me em convulsões
Contigo, posso retratar para o mundo
As imagens de meu inconsciente
Bendita sejas, mulher!
Jeanete Bastos Cabral (apud MELLO, 2014, p. 281).

IMAGEM 33 – Nise em sua biblioteca, década de 1990.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

IMAGEM 34 – Selo comemorativo do Centenário de nascimento de Nise da Silveira.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

5. NISE DA SILVEIRA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

*“Saber não se retém, saber se difunde.”
Nise da Silveira*

Neste capítulo será feita uma pequena análise sobre Nise e a sua busca pelo conhecimento. Ela que desde a infância gostava de lê e estudar, participando tanto de grupos de estudos organizado pelo seu pai Faustino, como na fase adulta com os grupos de estudos que formou para se aprofundar em algumas teorias da psiquiatria.

Como Nise afirma “Sempre fui rato de biblioteca. Desde menina, estava com um livro na mão.” (SILVEIRA, apud HORTA, 2009, p. 104). Ela tinha verdadeira paixão pela leitura, e isso contribuía para a sua formação, que ao longo dos tempos ia cada vez mais se ampliando, não apenas na área da medicina ou da psiquiatria, pois Nise considerava a leitura das mais diferentes temáticas importantes para o conhecimento humano e para o seu trabalho na terapêutica ocupacional.

Ao conhecer a psiquiatria analítica de Carl G. Jung, ela obteve embasamento teórico para analisar o contexto do mundo interno vivido pelo doente mental, principalmente do esquizofrênico, assim como para defender a concepção que construiu ao longo dos tempos sobre a esquizofrenia e sobre o doente, confrontando a psiquiatria convencional e os seus diagnósticos, além dos tratamentos desumanos. Como ela se refere, “Não sei fazer nada sem procurar uma base mais profunda, sem ler, pesquisar. Leio para trabalhar, para escrever. As referências são fundamentais.” (SILVEIRA, apud HORTA, 2009, p. 107). Suas pesquisas eram voltadas para auxiliar no desenvolvimento do seu trabalho, analisando as expressões feitas pelos internos através de pinturas, e contextualizando com a realidade de vida de cada um.

Para interagir com os doentes através de uma comunicação expressiva, além de contar com referencial teórico de mestres da psiquiatria, ela contava também com o apoio de colaboradores, entre eles profissionais, amigos e personalidades que participavam de diversas na formação do conhecimento, e também prática, auxiliando nas atividades terapêuticas.

5.1 – Entre Cartas e Encontros: A Relação com Carl Gustav Jung

Diante da implantação da Terapêutica Ocupacional desenvolvida por Nise no Centro Psiquiátrico, onde ela visava à ocupação dos doentes em atividades criativas e que

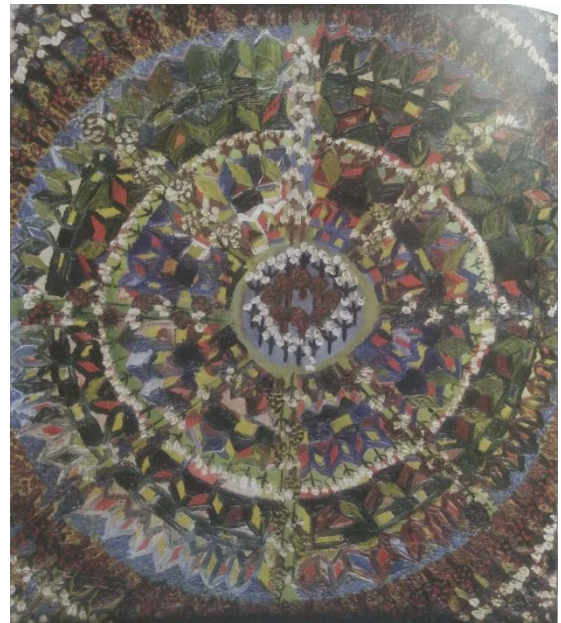
auxiliassem para o tratamento deles, percebeu através dos resultados dos trabalhos e das suas observações que a expressividade de cada paciente poderia levar a um conhecimento do mundo interno em que eles se encontravam. Pois a liberdade que possuíam para realizar essas atividades, além do respeito e afeto que existiam no ambiente da Seção de Terapêutica Ocupacional permitia a comunicação com o mundo exterior.

Nise enquanto estudiosa da área da psiquiatria e da psicologia conhecia e apreciava o trabalho de Carl Gustav Jung, tanto que o tinha como referência teórica para analisar o contexto dos clientes que ela acompanhava. Fazia a leitura dos seus livros com o propósito de se aprofundar na psicologia analítica. Mediante seus estudos sobre as teorias defendidas por Jung e com suas observações no ateliê, ela percebeu pinturas que se encaixavam no contexto da psicologia analítica, pinturas com formatos de mandalas. Nesse momento ela iniciava o contato com Jung através de cartas, com as quais enviou fotos dos desenhos realizados pelos pacientes. A mesma teve retorno de suas correspondências, onde Jung confirma as expressão de mandalas e faz alguns questionamentos que permiti a Nise buscar entender o significado das referidas pinturas para os esquizofrênicos.

IMAGEM 35- Mandala de Carlos Pertuis, 1958.



IMAGEM 36 – Mandala Fernando Diniz, 1953.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço, criou a psicologia analítica, a qual se tornou instrumento de conhecimento e de trabalho para Nise da Silveira. Nise aprendeu com o Mestre – como ela costumava se referir a Carl. G. Jung – a interpretar as imagens do inconsciente produzidas pelos seus clientes no ateliê de pinturas e modelagens. Com a

constante leitura das obras do psiquiatra suíço e com o devido acompanhamento do desenvolvimento dos doentes na Seção de Terapêutica Ocupacional, ela percebeu trabalhos com características da psicologia analítica.

Jung enquanto atuava na psiquiatria conheceu o trabalho de Freud, e utilizou dos conhecimentos deste no trabalho desenvolvido com os seus pacientes. Jung e Freud se uniram, desenvolvendo os pensamentos que possuíam em comum e contribuindo para o crescimento pessoal e profissional um do outro. Esta união não permaneceu por muito tempo. Com o surgimento de divergências de pensamentos entre ambos, acabaram seguindo caminhos diferentes, desenvolvendo suas teorias. Freud permaneceu ampliando e fortalecendo suas teorias da psicanálise, e Jung criou a psicologia analítica. Para Rafaella S. Silveira (site: www.apoiopsicologico.psc.br), embora Jung e Freud tenham tido divergências nos pensamentos, a psicologia analítica de Jung possui em sua base fundamentos da psicanálise, principalmente por desenvolver um trabalho com o inconsciente.

Segundo Rafaella Silveira, tanto para a teoria de Freud como a de Jung a análise do inconsciente é de grande importância para o trabalho analítico. Sendo que, mesmo com ambas fazendo uso do discurso verbal como instrumento de trabalho, realizam abordagens diferentes. Enquanto Freud ao usar as teorias psicanalíticas permite ao paciente falar livremente tudo o que tem em sua mente ou que deseja expressar, para posterior análise feita pela psicanálise sobre todo o discurso do paciente. A psicologia analítica de Jung permite o paciente se expressar livremente, mas não totalmente, pois realiza pequenas intervenções quando há necessidade, promovendo em alguns momentos a condução ou orientação do discurso. Conforme Silveira (...) as intervenções realizadas não possuem o objetivo de influenciar, mas sim de manter o paciente focado no discurso.

Outra ferramenta utilizada por Jung na psicologia analítica são as expressões dos pacientes através de atividades artísticas, como pinturas, desenhos e argila. E através dessas atividades implantadas por Nise na Seção de Terapêutica Ocupacional ela conseguiu acompanhar e analisar essas expressões com base na psicologia analítica. Como descrito anteriormente, foi através de pinturas de mandalas que Nise iniciou seu contato com Carl Gustav Jung, essa iniciativa de encaminhar fotografias dos trabalhos para o psiquiatra é considerado por Nise como uma de suas atitudes mais ousadas, como podemos ver a seguir:

Inicialmente eu não acreditava que fossem mandalas. “Esquizofrênicos não podem fazer isso”, pensava, ainda com preconceitos da psiquiatria tradicional. A gente não se livra disso facilmente. Eu relacionava mandalas à filosofia oriental, instrumentos de contemplação, formas perfeitas que

servem para concentrar, arredondar a mente. No entanto, elas apareciam em desenhos de esquizofrênicos que, por definição, eram pessoas espatifadas! Eu discutia, mostrava a colegas e muitos deles diziam: “Não tem nada, não...” Ninguém se impressionava. Então pedi para que fotografassem algumas mandalas e as enviei com uma carta para C. G. Jung, explicando o que se passava. Foi um dos atos mais ousados da minha vida. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 143).

Como podemos perceber na fala de Nise, as teorias da psiquiatria tradicional compreendiam estes formatos de desenhos como sendo algo impossível mediante o diagnóstico de esquizofrenia, pois para ele, o esquizofrênico passa por momentos de cisão nas funções psíquicas, ou seja, uma separação dos pensamentos que acabam por apresentar características de fragmentação seja nas imagens, nos pensamentos ou nas falas. Como Nise se refere a seguir sobre a concepção a psiquiatria dominante:

Segundo a psiquiatria dominante, a cisão das diferentes funções psíquicas é uma das características mais importantes da esquizofrenia. Seria de esperar muito logicamente, que as cisões internas se refletissem na produção plástica pela ruptura, pela fragmentação das formas. Certo, a disjunção, a fragmentação achavam-se frequentemente presentes na pintura dos esquizofrênicos do Engenho de Dentro. [...] Entretanto, imagens circulares ou tendendo ao círculo, algumas irregulares, outras de estrutura bastante complexa e harmoniosa, impunham sua presença na produção espontânea dos frequentadores do ateliê do hospital psiquiátrico. A analogia era extraordinariamente próxima entre essas imagens e aquelas descritas sob a denominação de mandala, em textos referentes às religiões orientais. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 141).

Essas observações de Nise fizeram com que ela se aprofundasse na busca pelo conhecimento. Mediante as teorias apresentadas pela psiquiatria tradicional, e com as expressões de mandalas feitas pelos pacientes ela percebeu contradições. Com as teorias da psicologia analítica ela pode compreender que as pinturas e os desenhos, além da argila eram instrumentos de comunicação do esquizofrênico, onde através das expressões eles apresentavam informações do seu mundo interno, e conseguiam assim estabelecer uma relação entre o consciente e o inconsciente, um contato entre o mundo interno e o externo. O contato através da troca de correspondências com Jung foi o primeiro passo dado por Nise na sua aproximação com o pai da psiquiatria analítica. Um tempo depois, seu trabalho desenvolvido no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro já era de conhecimento de muitas pessoas, tanto no Brasil como no exterior. E diante dos resultados que alcançava com as atividades desenvolvidas ela foi convidada para um congresso na França, para o qual foi barrada pela direção do Centro Psiquiátrico, que foi em seu lugar e expôs as obras dos

internos de Engenho de Dentro. Partindo deste acontecimento podemos observar a contradição de interesses, onde essa mesma direção não dava credibilidade e nem o apoio necessário para Nise e sua equipe desenvolver as atividades, mas no momento de expor os resultados, como sendo considerados já de legítima importância para os estudos da psiquiatria em nível internacional, a direção se colocou como representante do Hospital e do trabalho desenvolvido, barrando assim sua fundadora:

Em 1949, recebi um convite da representante cultural do Governo da França para participar do Congresso, mas fui barrada. A direção do Engenho de Dentro foi, levaram os trabalhos do Museu para a exposição que se realizava paralelamente ao Congresso, mas não deixaram que eu fosse. E essa exposição se realizava de sete em sete anos. Aí eu fiz como Jacob: esperei os sete anos me preparando para ir à outra exposição. Juntei minhas licenças-prêmio, me candidatei a uma bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa e escrevi para o Instituto Jung, pedindo para me inscrever. Veio uma carta assinada pelo próprio Jung. Aí eu disse: “Quero ver quem vai me barrar agora! E dessa vez ninguém me barrou. (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 150).

A persistência de Nise era algo que a tornava ainda mais forte, diante das barreiras impostas em seu caminho, não se deu por vencida, esperou o momento certo, e além de praticar da exposição ganhou uma bolsa de estudos, onde teve a oportunidade de se aprofundar no conhecimento sobre a psicologia analítica e conhecer o seu criador pessoalmente. A seguir está a carta encaminhada por Jung convidando Nise a estudar em seu Instituto na cidade de Zurique:

“Senhores!

O signatário desta convida a doutora Nise da Silveira a fazer parte, no semestre do verão de 1957, do Instituto C.G. Jung de Zurique. Os cursos, os seminários e o contato com meus colaboradores serão de grande importância para a preparação da exposição de arte psicopatológica, que deverá ser organizada por ocasião do Congresso Internacional de Psiquiatria, que se realizará em Zurique, em 1957. Eu ficaria contente se, por meio da visita da doutora Nise da Silveira, o contato entre os psiquiatras do Brasil e da Suíça se aprofundasse. Certamente esse encontro será importante para o futuro tanto da psicologia quanto da psiquiatria.” (JUNG, apud MELLO, 2014, p. 153).

Na referida carta Jung expressa as suas considerações afirmando a importância do contato e da troca de conhecimentos entre a psiquiatria e psicologia do Brasil e da Suíça, denotando os novos métodos usados para a compreensão do mundo interno dos esquizofrênicos a partir das atividades plásticas. Este período de estudos que Nise passou não

serviu apenas para a construção do conhecimento dela, pois através das suas observações junto aos esquizofrênicos ela pode apresentar e discutir com profissionais de outros países os resultados e as contradições existentes entre o discurso defendido pela psiquiatria tradicional, diante das constatações que ela fez através do acompanhamento a cada paciente.

Minha permanência durante 1957 em Zurique foi de importância decisiva não só do ponto de vista dos estudos, como também pela minha experiência analítica, com a dra. M.-L. Von Franz. [...] Visitei Jung duas vezes e pude falar com ele outras vezes, em congressos e exposições. Mas esses encontros tiveram grande importância para mim. [...] Regressei ao Brasil com nova abertura e mais segura do que estava fazendo. Voltei a Zurique em 1961 e em 1964. (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 155).

Os encontros de Nise com Jung em diferentes ocasiões deixaram a psiquiatra mais convicta de que estava no caminho certo, tanto no que ela acreditava em relação aos estudos, as contradições da psiquiatria tradicional e a realidade do esquizofrênico, como na prática do seu acompanhamento e do desenvolvimento das atividades junto aos internos do Centro Psiquiátrico. Embora Nise não tivesse participado do I Congresso Internacional de Psiquiatria por ter sido barrada, no II Congresso ela esteve lá e pode organizar pessoalmente a exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos seus clientes, exposição está inaugurada pelo criador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung:

No II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique, Nise organizou em cinco amplas salas a exposição *A Esquizofrenia em Imagens*, que Jung fez questão de inaugurar. A montagem da mostra teve a colaboração de Almir Mavignier e foi dividida em cinco temas: “Os mundos fantásticos e o mundo real reencontrado”; “Em busca do espaço cotidiano”; “O ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos”; e “Que é a ruína esquizofrênica?” (MELLO, 2014, p. 164).

O trabalho de Nise recebeu reconhecimento internacional, como sendo de fundamental e grande importância para os estudos e pesquisas nas áreas da psiquiatria, psicologia e terapêutica ocupacional. Pois, através da sua rebeldia em não concordar e nem aceitar a psiquiatria convencional que utilizava de métodos desumanos para tratar seus pacientes, ela desenvolveu tratamento mais humano e digno, onde conseguia manter um contato com os seus clientes, através da liberdade e da expressividade, fazendo uso do afeto e do respeito como instrumentos de trabalho. Como podemos ver a seguir, Jung nota a singularidade presente no trabalho desenvolvido pelos esquizofrênicos brasileiros, onde estes vivem sua realidade e expressividade num ambiente livre, acolhedor e afetuoso:

Fiquei impressionado com as pinturas dos esquizofrênicos brasileiros, pois elas apresentam no primeiro plano características habituais da pintura esquizofrênica, mas noutros planos a harmonia de formas e cores que não é habitual na pintura dos esquizofrênicos. Como é o ambiente onde esses doentes pintam? Suponho que trabalhem cercados de simpatia e de pessoas que não tem medo do inconsciente. (JUNG, apud MELLO, 2014, p.304).

A influência de Jung no trabalho de Nise é notável, já que ela faz uso das teorias defendidas pelo psiquiatra para embasar as suas observações e constatações. São muitos os conceitos defendidos por Jung para o desenvolvimento da psicologia analítica, assim como os diversos métodos de estudo e compreensão que o mesmo faz no seu trabalho analítico sobre os pacientes. Infelizmente não será possível apresentar todos e discutir mediante a grande amplitude e complexidade de todo trabalho desenvolvido pelo mesmo. Diante disso, considero a referência teórica que Nise utilizou na construção do seu conhecimento como fundamental para os grandes resultados alcançados pela mesma na terapêutica ocupacional que ela desenvolveu.

IMAGEM 37 – Exposição aberta por C. G. Jung na manhã de 2 de setembro de 1957.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

5.2 – Terminologias Adotadas por Nise

Durante o desenvolvimento do trabalho na Seção de Terapêutica Ocupacional, Nise adotou novas terminologias para substituir termos que considerava inapropriado para utilizar

com seus clientes, e criou outros para se referir ao tratamento onde contava com a colaboração de pessoas e animais no desenvolvimento da expressividade de cada indivíduo.

O **Afeto Catalisador** foi o termo criado por Nise para se referir a relação entre as pessoas que trabalhavam como monitores ou colaboradores, assim como os animais para com os pacientes, diante da colaboração no tratamento. Pois após observar atentamente cada indivíduo, pode perceber que a presença de pessoas constantemente durante as atividades, estimulava o doente na sua comunicação através da expressão plástica. Onde o monitor ou o coterapeuta (cão ou gato) eram uma espécie de catalisadores que transmitiam e recebiam o afeto daqueles pacientes que se viram por muito tempo perdidos em meio à solidão dos espaços hospitalares. Podemos observar no relato a seguir, um fato ocorrido com o interno Fernando, onde se pode constatar que a presença de alguém com quem ele se identificava e se sentia bem era de grande importância para o seu tratamento:

Depois de já haver se reaproximado do mundo real, Fernando regredi por motivos adversos – morte da mãe e suas consequências. Mergulha no espaço escuro. Durante longo período suas pinturas foram garatujas caóticas. Mas impressionava em Fernando a fixa crispação de angústia de sua face. Dra. Nise tenta então a experiência de colocar uma monitora com a função exclusiva de permanecer a seu lado no atelier. A monitora não intervinha, não opinava sobre as pinturas. Apenas ficava ali, silenciosa, numa atitude de interesse e simpatia por qualquer coisa que ele fizesse, mesmo suas espessas garatujas. Um mês depois de iniciada a experiência, Fernando começa a retirar do caos um novo mundo: surge, no ângulo superior esquerdo do papel coberto de garatujas, uma forma surpreendente: “o penteado da japonesa”, segundo diz Fernando. Toda a série da japonesa caracteriza-se pela delicadeza do desenho e leveza das cores, em contraste com a maneira habitual de Fernando pintar – pinceladas espessas e cores fortes. Esta temática parecia estranha. Mas logo se esclareceu quando Fernando disse à monitora que ela parecia uma japonesa. O relacionamento com a monitora levou Fernando a um contato muito melhor com o ambiente. Não só catalisou a coordenação de funções psíquicas e a construção de síntese em torno da japonesa, como religou-o ao mundo externo. Nesse período pintou uma série de paisagens ao ar livre que refletem bem de perto o mundo real. (O Cinquentenário do Museu de Imagens do Inconsciente, p. 10).

Com a referida citação, podemos perceber mais uma das constatações feitas pela médica Nise da Silveira ao longo do seu trabalho. Onde, a partir das suas observações ela pode identificar situações e formas de auxiliar o tratamento dos indivíduos, fosse através das atividades desenvolvidas, da companhia de pessoas atenciosas ou da simples presença de animais que expressavam grande afeto. Essas constatações feitas promoveram contribuições para a terapêutica ocupacional, a partir da implantação de tratamentos que permiti aos

pacientes um espaço mais agradável, onde ele consegue se relacionar com as pessoas e manter uma comunicação com o mundo externo.

Outro termo utilizado por Nise foi a **Emoção de Lidar**, usado para substituir o termo terapêutica ocupacional, como a mesma se refere, “Em Engenho de Dentro, seguíamos a norma internacional predominante, utilizando o termo terapêutica ocupacional – embora antipatizássemos com ele. Para nós, faltava-lhe algo, faltava emoção.[...]” (SILVEIRA, apud HORTA, 2009, P. 340). Mesmo sendo um termo usado de acordo com a norma predominante, Nise percebia a necessidade de substituí-lo, e foi através de uma de suas observações ao que expressava um cliente que ela identificou um termo que caracterizava bem o significado real da terapêutica ocupacional, que era a Emoção de Lidar.

Enquanto manipulava seu gato de veludo, com surpreendente habilidade, Luiz Carlos parecia feliz e disse: - Como é macio! Sinto grande emoção de lidar com ele entre minhas mãos.

Essa expressão Emoção de Lidar foi o ponto de partida para substituir o pesado título Terapêutica Ocupacional. (SILVEIRA, apud MELLO, p. 172).

A relação do cliente com o material de trabalho, o qual tinha uma sensação boa ao manusear um pedaço de veludo, uma emoção em desempenhar uma determinada atividade, foi vista como Nise como uma das características das atividades realizadas na terapêutica ocupacional, ou seja, provocar aos pacientes, sensações e emoções boas, que promoveriam assim, uma relação melhor entre o indivíduo e o mundo externo.

Também foi adotado por Nise o termo **Os Inúmeros Estados do Ser** o qual faz referência e é utilizado para substituir o termo esquizofrenia. Como Horta (2009) se refere a seguir:

No início de sua carreira, a dama do inconsciente mergulhou nos livros, em buscas de embasamento teórico. Simultaneamente, se dedicou à prática, dando os primeiros passos em direção a seu método de tratamento. Depois, já amadurecida, decidiu denominar as atividades e conceitos que julgava importantes – os alicerces de sua obra. Usando da perspicácia, ao propor nova denominação para *loucura*, a fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente decidiu valorizar elementos que combatessem classificações e induções ao “estado de doença”. Desejava dispensar o aspecto patológico e mórbido. Preferiu se ligar ao aspecto saudável do louco, minimizando os sintomas e diagnósticos convencionais. Foi assim que cunhou, no início dos anos 1950, um novo termo para denominar *esquizofrenia: os inumeráveis estados do ser*.(HORTA, 2009, p. 339).

Como o autor explica claramente a necessidade das novas denominações utilizadas por Nise em seu trabalho, evitando assim manter termos que se referisse apenas aos aspectos negativos do doente ou a própria doença. Por isso buscava evidenciar nas palavras características mais amenas dos doentes ou loucos, como as mudanças nos seus estados do ser. Ela encontrou referência para usar essa terminologia em um comentário feito por Antonin Artaud, como pode ser observado na citação a baixo:

“Há muitos anos, numa livraria, folheando revistas de arte, ao acaso, encontrei – no *Cahiers d'Art* de 1951 – comentários sobre a pintura do surrealista Victor Brauner, com a citação destas palavras de Antonin Artaud: ‘*O ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos.*’ Pareceu-me que Artaud se referia a certos acontecimentos terríveis que podem ocorrer na profundidade da psique, avassalando o ser inteiro. Descarrilamentos da direção lógica do pensamento; desmembramentos e metamorfoses do corpo; perda dos limites da própria personalidade; estreitamentos angustiantes ou ampliações espantosas do espaço; caos; vazio; e muitas mais condições subjetivamente vividas que a pintura dos internos de Engenho de Dentro tornavam visíveis.

Desde então, tomei emprestadas estas palavras daquele pensador francês para desenvolver o meu método de trabalho. Em vez de repetir obsessivamente ‘esquizofrenia’, ‘esquizofrenia...’ – como via fazerem no hospital -, prefiro dizer: *os inumeráveis estados do ser.*” (SILVEIRA apud HORTA, 2009, p. 339-340).

A partir da consideração feita por Artaud sobre uma pintura onde ele identificava as mudanças pela qual um indivíduo pode passar e sofrer no decorrer da vida, alterando o estado em que se encontra, Nise conseguiu perceber que o esquizofrênico também vivi essas mudanças, alternando o estado de ser diante das crises e dos surtos que passa, e diante disso ela escolhe como referência a característica da mudança no mundo interno desses indivíduos, onde eles possuem estados do ser, ao invés da constância e permanência de um estado de ser.

5.3 – Entre Colaboradores e Mestres: a Busca pelo Conhecimento

Em meio aos seus estudos e as práticas realizadas na terapêutica ocupacional, Nise teve o apoio de colaboradores e mestres, os quais de forma teórica ou prática contribuíram com o desenvolvimento do seu trabalho ao longo das suas pesquisas, estudos, observações, entre outros.

Antonin Artaud era considerado por Nise um dos seus mestres da psiquiatria predileto, embora Artaud não fosse psiquiatra, a experiência vivida por ele ao ser internado

em um hospício o fez discutir as circunstâncias em que um paciente é internado e tratado mediante a demência, e Nise consegue através dessa experiência dele, analisar e contextualizar mais uma vez o espaço destinado ao considerado louco. A seguir, um trecho da carta enviada por Artaud aos médicos-chefes dos manicômios:

Não levantaremos aqui a questão das internações arbitrárias para vos poupar o trabalho dos desmentidos fáceis. Afirmamos que uma grande parte dos vossos pensionistas, perfeitamente loucos segundo a definição oficial, estão eles também, arbitrariamente internados. Não admitimos que se freie o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimo e lógico quanto qualquer outra sequência de idéias e atos humanos. A repressão dos atos antissociais é tão ilusória quanto inaceitável no seu fundamento. Todos os atos individuais são anti-sociais. Os loucos são as vítimas individuais por excelência da ditadura social; em nome dessa individualidade intrínseca ao homem, exigimos que sejam soltos esses encarcerados da sensibilidade, pois não está ao alcance das leis prender todos os homens que pensam e agem. (ARTAUD, 1983).

Como podemos observar, Artaud relata na carta sua indignação perante as atitudes da sociedade, dos médicos e dos manicômios, que exclui o louco do espaço social por possuir um comportamento diferente do que pode ser considerado racional. E percebe a internação como um ato arbitrário, utilizado para silenciar aqueles que vivem em meio a delírios, os retirando dos ambientes comuns a toda sociedade por considera-los inadequados.

O eletrochoque me desespera, apaga minha memória, entorpece meu pensamento e meu coração, faz de mim um ausente que se sabe ausente e se vê durante semanas em busca do seu ser, como um morto ao lado de um vivo que não é mais ele, que exige sua volta e no qual ele não pode mais entrar. Na última série, eu fiquei durante os meses de agosto e setembro na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar e de me sentir ser... (ARTAUD, apud MELLO, 2014, p.247).

Conforme uma citação de Artaud, feita por Mello (2014), podemos identificar a partir da fala de um indivíduo que viveu a experiência da internação e passou pela vivência dos métodos convencionais de terapia utilizadas pela psiquiatria convencional, o quanto sofre o paciente que é tratado com eletrochoque, a violência de um tratamento que o impossibilita de ser quem ele é, de agir e de pensar. Assim como Nise em suas observações à essas práticas já contestava a eficiência do eletrochoque, o considerando um tratamento desumano e violento para com os internos que necessitavam de liberdade e afeto.

Rubens Corrêa foi um dos colaboradores que se tornou amigo de Nise, e que através de seu trabalho como ator e sua aproximação com as atividades desenvolvidas pela médica junto aos internos, pode contribuir com a discussão a cerca da loucura, onde o mesmo

representou Artaud em uma peça teatral a pedido de Nise. Rubens Corrêa expressa em sua fala a importância de Nise para a sua compreensão a cerca da loucura:

Mestra e amiga muito querida: Estou começando a aprender a chama-la de Nise; ando praticando para me acostumar. Porque afinal de contas Nise é o nome perfeito para nomear o arquétipo da maturidade que com tão suave intensidade vem me ajudando a desvendar meu caminho e realizar minhas metamorfoses... A loucura, por meio do teatro, me ensinou a desmedida e o excesso; o exemplo de sua vida e trabalho me ensinou a paixão. (CORRÊA, apud MELLO, 2014, p. 247).

Nise com sua grande sabedoria conseguia levar o conhecimento e a compreensão para aqueles que viviam fora dos espaços dos hospícios, auxiliando para que os mesmos enxergassem de um modo diferente aqueles pacientes que viviam a exclusão da sociedade. Tanto é que ela atraiu através do seu trabalho, inúmeros colaboradores, que buscavam não somente o conhecimento, mas também contribuir para o avanço no tratamento dos pacientes.

IMAGEM 38 – Rubens Corrêa e Nise, em sua residência no Rio de Janeiro.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

Leon Hirszman foi mais um grande colaborador, que não só aprendeu com a médica, como construiu com ela um trabalho sobre as Imagens do Inconsciente. Leon conheceu o trabalho de Nise através de um convite feito por Rubens Corrêa e Domitila do Amaral, os acompanhando em uma atividade teatral realizada no Centro Psiquiátrico e que contava com a participação dos internos. Como podemos observar, todos aqueles que chegavam e conheciam o trabalho de Nise passavam a ter um interesse maior em compreender aquele mundo vivido

pelo esquizofrênico e em contribuir com o seu desenvolvimento. A seguir podemos observar a fala de Leon Hirszman sobre o trabalho realizado junto com Nise:

Imagens do Inconsciente aborda três histórias de vida, três casos clínicos. Procurei uma linguagem cinematográfica que permitisse narrar os filmes a partir dos próprios trabalhos pintados pelos artistas. Em um processo seletivo, as obras – que expressava o mundo interior do artista – vão revelando idas e voltas da consciência e a sua despotencialização. Quando a pessoa se despotencializa, põe para fora, na pintura, os fantasmas que estavam dentro dela. Despotencializadas, permitem que as forças autocurativas se manifestem. Segundo a dra. Nise, as forças autocurativas da psique promovem uma mudança na pessoa que está perdida na esquizofrenia, no ego fragilizado. (HIRSZMAN, apud MELLO, 2014, p. 249).

Como podemos observar na citação, Leon Hirszman consegue compreender a realidade vivida pelo doente que está à mercê das idas e voltas do consciente e inconsciente, que se expressa através das atividades realizadas. E com a realização desse filme que retrata não só sobre a realidade do paciente, mas também daquele espaço hospitalar em que vive, eles conseguem apresentar a importância das atividades para o tratamento do doente. Hirszman morreu prematuramente no ano de 1987, e Nise demonstrou através de um depoimento toda a sua admiração, além de considerar o trabalho realizado por ele um verdadeiro instrumento de denúncia contra os hospitais psiquiátricos:

Vai, querido amigo, agora na tua própria barca, rumo à luz.
E que a obra fixada com tanta penetração psicológica e artística se torne aqui um aguilhão em brasa que denuncie a miséria do hospital psiquiátrico, onde homens e mulheres que se desadaptaram das regras ditas normais, e que em nome da razão (qual razão?), são encerrados dentro de camisas de força químicas, sufocantes de toda criatividade. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 251).

Conforme a fala de Nise, ela demonstra mais uma vez sua indignação contra as formas em que as pessoas são colocadas nesses espaços e como são tratadas, recebendo o estigma de loucas, além de terapias inadequadas e violentas. Onde a permanência do silêncio e a privação dos pensamentos e emoções são consideradas mais importantes do que a compreensão das questões vividas por esses indivíduos e a relação destes com seu mundo interno e externo. Nise via a loucura como uma fonte de conhecimento, considerando que a loucura e a sabedoria andam juntas, não podendo estar separadas, já que todo o ser humano está sujeito a viver a demência ou um ato de loucura.

Apreendi muito com os loucos e isto vem atrapalhar um pouco o conceito de razão. Fala-se na fonte da sabedoria e na fonte da loucura. Mas elas não são duas. Não há fontes separadas, está tudo muito próximo. De vez em quando, uma pessoa ajuizadíssima comete um ato de loucura que, felizmente, diz muito a ela própria sobre sua forma de viver. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 294).

IMAGEM 39 – No primeiro plano, Fernando; à direita, Leon e Saldanha; ao fundo, Adelina, durante as filmagens no jardim do hospital.



Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).

5.4 – Os Grupos de Estudos

Os conhecimentos que Nise buscava ela não os retinha para si, ela os disseminava através da discussão sobre assuntos referentes a psicologia e psiquiatria, além de outros temas que considerava importantes. E uma das formas que Nise escolheu de debater e analisar diversas temáticas foi a formação de grupos de estudos, onde participavam as mais distintas pessoas, fossem elas profissionais da área da psiquiatria, estudantes, clientes, artistas, pesquisadores, profissionais de outras áreas, entre outros.

“Sempre movida pela paixão, Nise ia criando frentes de ação e de busca de conhecimento. Com seu carisma, ia agrupando pessoas em torno de si, com

uma generosidade cativante. Uma dessas frentes foi o Grupo de Estudos C.G. Jung, que nasceu de seu vivo interesse pela psicologia analítica. A motivação para reunir pessoas para estudar tinha, provavelmente, raízes na infância: seu pai, como professor de matemática, frequentemente realizava grupos de estudos com seus alunos, em sua residência. (MELLO, 2014, p. 253).

Conforme Mello (2014), o Grupo de Estudos Carl Gustav Jung foi criado por Nise com o intuito de se aprofundar junto com outras pessoas sobre as teorias e conceitos usados na psicologia analítica. Ela via no grupo a oportunidade de disseminar o conhecimento sobre essa psicologia através dos debates e do estudo feito com referência nos livros de Jung. A participação de pessoas das mais diversas áreas de estudos demonstrava a importância da interdisciplinaridade nos espaços públicos e de atendimento, onde a participação de diferentes profissionais em um determinado trabalho só tem a contribuir para o desenvolvimento do mesmo. O amor que Nise tinha pela leitura e pelo conhecimento sempre a auxiliou na construção do seu conhecimento, que se tornou tão amplo e rico no decorrer dos seus estudos e trabalho:

Eu comprava livros, tinha fome de leitura. Naquela época, haviam publicado alguns textos esparsos de C.G. Jung, mas não se encontrava um livro de sua autoria, a não ser uma tradução francesa que reunia temas diversos. [...] Então apareceu o primeiro livro das obras completas de Jung e nem era o primeiro volume, mas sim o volume XII, *Psicologia e alquimia*. Na década de 1950, não havia obras de Jung traduzidas para o português, apenas para o espanhol, inglês e francês, mas custavam a chegar ao Brasil. [...] Certo dia, encontrei um amigo alagoano na rua, Bandeira de Mello, que tinha um inglês forte, e lhe perguntei: “Você por acaso adquiriu o Psicologia e alquimia, de C.G. Jung, que acabou de sair?” Ele me respondeu: “Sim, estou às voltas com ele.” “Então vamos ler juntos?”, eu propus. Depois apareceu Lígia Loureiro, assistente social, que também estava interessada em estudar. Posteriormente, ela foi diretora administrativa da Casa das Palmeiras. Surgiu também um médico, Manoel Machado [...]. Um certo dia nos entusiasmos muito pela leitura e resolvemos fundar um grupo de estudo. Então, escrevemos para C.G. Jung e comunicamos a sua fundação. (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 253).

Conforme Nise, o Grupo de Estudos surgiu a partir da necessidade dela e de amigos em compartilhar conhecimento e discussão sobre livros que na época não era fácil de encontrar. Com o interesse cada vez maior de pessoas em compreender melhor a psicologia analítica, o grupo cresceu e se fortaleceu baseado na vontade em buscar mais conhecimento. O objetivo do grupo era basicamente o de compartilhar o conhecimento, pois não eram feitas exigências de quem poderia ou não participar, nem estava ligados a movimentos, como Nise

afirma “É um grupo autônomo, não se liga a movimentos políticos e outras instituições, mesmo que sejam junguianas. É gratuito, ninguém paga nada para participar. E, por fim, é aberto, a pessoa entra e sai quando quiser e, se preferir, não precisa dizer o nome, nem a profissão.” (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 255). O grupo demonstra assim uma importante característica, a qual Nise presava muito, a Liberdade. As pessoas tinham a liberdade de participar da forma que assim desejassem, acessando ao conhecimento construído naquele espaço e até mesmo contribuindo para o crescimento do mesmo.

Conforme Nise, o objetivo do Grupo de Estudos era:

Estudar a teoria de Jung e a profundidade da psique, onde se encontra a história da humanidade. Do mesmo modo que o corpo tem uma história, a psique tem uma história. Neste estudo, encontramos as imagens arquetípicas e então observamos pessoas e lugares, culturas e épocas diferentes que, sem o conhecimento da psicologia, criam temas semelhantes. São os arquétipos, e eles também estão presentes na literatura clássica – sem o estudo dos clássicos não se faz nada. [...] (SILVEIRA apud MELLO, 2014, p. 256).

Para Nise tanto o estudo dos conceitos e teorias da psicologia, como dos conteúdos presentes na literatura clássica eram de grande importância para melhor compreender a mente das pessoas, diante das transformações a cerca da história da humanidade que carregam em distintas características culturais, sociais, entre outras. A busca pelo conhecimento dentro do Grupo de Estudos rendeu importantes frutos, inclusive uma revista que recebeu o nome de *Quaterni*, a qual tinha como proposta difundir o pensamento da psicologia analítica de Jung, além de tratar outros assuntos importantes que eram estudados no grupo.

Algum tempo depois da criação desse Grupo de Estudos, surgiu um novo grupo. No Museu de Imagens do Inconsciente, o qual buscava se aprofundar no estudo e compreensão das imagens produzidas pelos clientes que frequentavam e se tratavam no espaço do Museu, como podemos ver a seguir:

Três anos depois do lançamento da Quaternio, outra frente de estudos foi criada. Em julho de 1968, Nise realizou no Museu de Imagens do Inconsciente uma série de palestras para estudantes de Medicina e de Psicologia e para outros interessados. Os temas desses encontros estavam diretamente relacionados com a produção dos ateliês de pintura e de modelagem. Essas reuniões se tornaram ponto de partida para a formação do Grupo de Estudos do Museu, cuja criação teve como principal objetivo estudar o processo psicótico e sua relação com os temas universais da psique humana, assim como acompanhar a evolução de casos clínicos por meio da expressão plástica espontânea. (MELLO, 2014, p. 258).

Com o intuito de divulgar e espalhar o conhecimento que havia adquirido através das observações aos trabalhos desenvolvidos pelos seus clientes, Nise conseguiu reunir pessoas com o interesse em compreender o trabalho realizado por ela, mediante novas metodologias utilizadas na terapêutica ocupacional que revolucionava a psiquiatria e a psicologia. Contrapondo a os métodos convencionais e violentos, como o eletrochoque. Abrindo novas portas para o estudo e para a prática de uma terapêutica ocupacional mais humana.

IMAGEM 40 – Nise em sua residência, sede do Grupo de Estudos C. G. Jung em 1975. Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).



IMAGEM 54 – Nise na sala do Grupo de Estudos do Museu, 1979. Fonte: MELLO, Luiz Carlos (2014).



6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o respectivo trabalho, tive a possibilidade de discutir e analisar a construção da subjetividade feminina, através da trajetória de vida de Nise da Silveira. Concluindo que, a mulher embora esteja na luta para ocupar seu devido lugar de protagonista, ainda traça inúmeras lutas em busca dos seus direitos e valorização.

Através da trajetória de Nise da Silveira foi possível constatar que sua formação enquanto mulher, médica e nordestina se construiu ao longo da sua vida, com a influência da sua família, com a escolha pela medicina, a luta contra o preconceito e o machismo, o interesse pelas questões sociais e políticas e ao seu posicionamento contrário ao modelo de psiquiatria e terapia em voga na época. A rebeldia lhe fez lutar e defender os direitos dos considerados loucos, que enquanto seres humanos não recebiam o devido respeito e atenção, sendo destratados e excluídos pela sociedade, já que, diante do julgamento dos que eram normais, a sanidade e a lucidez era uma exigência para poder conviver no meio social.

Para lutar contra as imposições ao seu trabalho, Nise considerava que tinha “Lampião debaixo da pele... Também, se não tivesse, já tinha sido esmagada há muito tempo...” (SILVEIRA, apud MELLO, 2014, p. 294). A braveza e a coragem que ela possuía a manteve firme mediante objeções feitas às suas ideias e ações. Usando da sabedoria e da criatividade para implantar uma terapêutica ocupacional que possibilitasse um tratamento digno para os doentes mentais, além de promover o bem estar e a liberdade que eles também necessitavam.

Com o acesso a inúmeros materiais de leitura, além da opinião e considerações feitas por pessoas que tiveram contato ou convívio com Nise, ficou evidente o seu reconhecimento e o reconhecimento do seu trabalho. Pois tudo o que desenvolveu, participou e os prêmios recebidos, além de grandes homenagens denotam a importância da atuação dela enquanto mulher e profissional. Como poderemos ver a seguir na fala de Frei Betto:

A dra. Nise da Silveira é a mulher do século no Brasil, por ter nos dado uma visão mais humana e inovadora da loucura como expressão da riqueza subjetiva de pessoas que são consideradas deficientes mentais ou portadoras de distúrbios psíquicos. A dra. Nise nos ensina a descobrir, por trás de cada louco, um artista; por trás de cada artista, um ser humano com fome de beleza, sede de transcendência. (BETTO, apud MELLO, 2014, p. 311).

Assim como descrito pelo Frei Betto, foi possível perceber em meio à trajetória de vida e trabalho o quanto Nise precisou insistir e persistir no desenvolvimento da terapêutica ocupacional desenvolvendo atividades tão significativas para os esquizofrênicos e para os

estudos da psiquiatria. Diante das décadas que se passavam e do surgimento das mais distintas formas de tratamento, Nise conseguia desempenhar atividades simples, mas que alcançavam resultados e respostas importantes para compreensão e estudo a cerca do mundo interno vivido pelo esquizofrênico. Enquanto muitos médicos se limitavam a seguir o que estava no auge da ciência em meados do século XX, como a lobotomia e o eletrochoque, ela buscava interagir com os seus clientes, dando a eles a liberdade de expressar o que sentiam e o que se passava em suas mentes. Embora seus métodos não fossem valorizados e nem reconhecidos pelos seus colegas, Nise não desistia de mostrar para a sociedade e a classe médica que na maioria dos casos o que o paciente necessitava era de afeto, respeito e dignidade. A exclusão social só afetava ainda mais aqueles que já viviam em seus mundos internos complexos. Nise enquanto mulher, alagoana e psiquiatra não só viu o preconceito e a discriminação, como também viveu, desde a sua escolha pela medicina, sua formação e a sua busca pela atuação profissional. Nos dias atuais o preconceito vivido pela mulher é grande e evidente, assim como pelo deficiente mental, pelo esquizofrênico, pelo nordestino, pelo negro, pelo homossexual, entre muitos outros. A luta que Nise travou para quebrar os mais distintos paradigmas sociais, preconceitos, machismo, ainda continua, pois a cada dia surgiu novas questões que precisam ser debatidas e avaliadas por todos, e que sem a devida atenção, acabam se tornando grandes problemas que atingem principalmente aqueles que são colocados as margens da sociedade. Nise da Silveira deixou um legado de estudos, pesquisas, trabalho, instituições e conhecimento que será lembrado e que deve servir de base e estímulo para continuidade desse trabalho de busca pela dignidade e respeito dos seres humanos, através do afeto, da compreensão, dos direitos, dos deveres, da dignidade e da solidariedade com o próximo. E foi por enxergar a importância dessa grande personalidade Nise da Silveira, que a tomei como estudo e tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Pois é necessário difundir os trabalhos e práticas que trazem significativas contribuições para o desenvolvimento da sociedade. Assim como, é importante compreender as lutas que as mulheres, além de outros inúmeros grupos sociais, precisam travar para conseguir quebrar grandes barreiras impostas pela própria sociedade, e que através do conhecimento e das ações podem ajudar a transformar o meio em que vivemos.

Diante de todo estudo realizado, com o propósito de reconhecer a importância das ações de rebeldia de Nise da Silveira em meio aos desafios que precisou enfrentar para se fazer atuante no meio médico e social, considero essa pesquisa um momento ímpar para a minha formação de licenciatura em História, sendo importante para a ampliação do meu conhecimento, não só referente à vida de Nise da Silveira, mas também de todas as

transformações da sociedade no Século XX. Pretendo a partir das análises e discursos feitos, estimular a continuidade de pesquisas e estudos a cerca da trajetória de lutas de grandes mulheres, que assim como Nise da Silveira precisaram romper com os paradigmas que limitavam a mulher ao ambiente doméstico e familiar. Sendo definida como submissa ao homem, perante uma sociedade baseada no patriarcalismo. Reconhecer a mulher como protagonista dentro da história é quebrar essas barreiras da limitação, permitindo assim que ela ocupe todos os espaços possíveis e desejados, como de mulher, profissional, mãe, filha, militante, esposa, estudante, entre outros adjetivos. Espero com esse trabalho contribuir com o conhecimento a cerca da importante atuação de Nise da Silveira, ela que se fortaleceu enquanto mulher, médica, nordestina e rebelde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Edna Del Pomo de. **Prisão e Socialização**: A penitenciária Lemos Brito. Revista CEJ, Brasília, nº 36. P.83-89, jan/mar. 2007.

ARTAUD, Antonin. **Carta aos médicos chefes dos manicômios**. In: MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira / Organização Luiz Carlos Mello. – Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. 240p. : il. – (Encontros).

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. **Patriarcalismo e Feminismo**: Uma retrospectiva histórica. P.64-73. [s/d].

BEZERRA, Nathalia. **Mulher e Universidade**: A longa e difícil luta contra a invisibilidade. Graduanda em Letras/Inglês pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/UECE. 8p.

CAMARGO, Pedro; HORTA, Bernardo. **Do caralampismo à emoção de lidar**. In: MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira / Organização Luiz Carlos Mello. – Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. 240p. : il. – (Encontros).

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Getúlio Vargas**: uma memória em disputa. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 16f.

GULLAR, Ferreira. **Uma Psiquiatra Rebelde**. In: MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira / Organização Luiz Carlos Mello. – Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. 240p. : il. – (Encontros).

HORTA, Bernardo Carneiro. **Nise**: Arqueóloga dos Mares / Bernardo Carneiro Horta. – 2. Ed., reimpr.. – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. 400p.

MASIERO, André Luis. **A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros**. Doutorando em psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Rua Canindé, 286/23 Monte Alegre, 14051-180 Ribeirão Preto — SP Brasil. 20p. [s/d].

MATOS, André Luiz Souza Domingues de; PONTES, Karin Lisiany de. **Revisão teórica de esquizofrenia e implicações causadas pela doença na vida do portador e dos familiares**. III Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas – III CONAPE; Francisco Beltrão / PR, 01, 02 e 03 de outubro de 2014. 19p.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde** / Luiz Carlos Mello. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Automática Edições; Hólos, 2014. 365 p.: il.; 25 cm.

MELO, Walter. **Nise da Silveira**. Walter Melo; Ana Maria Jacó-Vilela e Marcos Ribeiro Ferreira. – Rio de Janeiro: Imago Ed.; Brasília, Df: CFP, 2001. 164pp.

Padrão UFAL de normalização / organizadores: Enildo Marinho Guedes ... [et al.]. – Maceió : EDUFAL, 2012. 55 p. Bibliografia. p. 49. Anexos: p. 50-55.

SABBATINI, Renato M.E. **A História da Terapia por Choque em Psiquiatria**. In: www.cerebromente.org.br. Acessado em 16 de junho de 2016.

SCHMIDT, Benito Bisso. **História e Biografia**. In: Novos domínios da história / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. P.187-205.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de Souza; SARDENBERG, Cecília MariaB. **Visibilizando a Mulher no Espaço Público**: A presença das mulheres nas universidades. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. P. 1-12.

SILVA, Kaline Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos** / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2. Ed., reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

VARES, Sidnei Ferreira. **A dominação na República Velha**: uma análise sobre os fundamentos políticos do sistema oligárquico e os impactos da Revolução de 1930. História: Debates e Tendências – v. 11, n.1, jan./ jun. 2011, p. 121-139 – Publicado no 1º semestre de 2012.

SITES:

http://reporteralagoas.com.br/noticia_politica.php?cd_secao=1276. Acessado em 24/08/2016.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000802453
Acessado em 24/08/2016

<http://www.cultura.al.gov.br/> Acessado em 24/08/2016

www.ccms.saude.gov.br Acessado em 24/08/2016

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/otavio_brandao Acessado em 24/08/2016

<http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=474> Acessado em 24/08/2016

<http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/alianca-nacional-libertadora/> Acessado em 18/09/2016

http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=171 Acessado em 18/09/2016

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm> Acessado em 18/09/2016

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/getulio_vargas/ Acessado em 18/09/2016

http://www.ael.ifch.unicamp.br/site_ael/index.php?option=com_content&view=article&id=171&Itemid=90 Acessado em 18/09/2016

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arthur-ernst-ewert> Acessado em 18/09/2016

<http://www.ronald-friedmann.de/ausgewaehlte-artikel/2011/arthur-ewert-und-elise-saborowski/> Acessado em 18/09/2016

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/olga_benario / Acessado em 18/09/2016

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/luis_carlos_prestes /Acessado em 18/09/2016

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-feminina-do-brasil> - Acessado em 18/09/2016

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/castro-maria-morais-werneck-de/> Acessado em 14/10/2016

<https://donavita.wordpress.com/2013/12/20/curta-biografia-eugenia-alvaro-moreyra/> Acessado em 14/10/2016.

<http://www.recantodasletras.com.br/biografias/4772271> Acessado em 14/10/2016.

<https://www.guiadasartes.com.br/noemia-mourao/quem-foi/> Acessado em 14/10/2016.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eneida-costa-de-morais/> Acessado em 14/10/2016.

<http://www.abi.org.br/adeus-a-beatriz-bandeira/> Acessado em 14/10/2016.

<http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=350> Acessado em 14/10/2016.

http://www.nacaomestica.org/fernandes_elza.htm Acessado em 14/10/2016.

<http://graciliano.com.br/site/vida/biografia/> Acessado em 07/02/2017.

<http://www.ahistoria.com.br/biografia-de-raquel-de-queiros-resumo/> Acessado em 18/09/2016.

<https://www.todamateria.com.br/baruch-spinoza/> Acessado em 18/09/2016.

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/ANL> Acessado em 08/02/2017.

http://www.palmares.gov.br/?page_id=8192 / Acessado em 04/02/2017